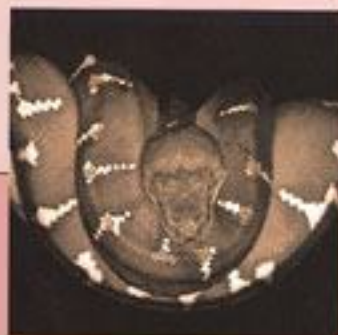


ERNEST  
HEMINGWAY

O Jardim  
do Éden



COLEÇÃO MIL FOLHAS

DIGITAL  
Source



<http://groups.google.com/group/digitalsource>

Ernest Hemingway

O Jardim do Eden

Colecao Mil Folhas  
Publico

O Jardim do Eden  
Ernest Hemingway

Titulo original: The Garden of Eden

Traducao: Ana Maria Sampaio

Traducao cedida por Publicacoes Europa-America, Lda. Licenca editorial  
por cortesia de Publicacoes Europa-America, Lda.

1986 by Mary Hemingway, John Hemingway, Patrick Hemingway e  
Gregory Hemingway

Data de impressao Junho de 2002

ISBN 84-8130-518-9

Deposito Legal B. 18 094-2002

## LIVRO UM

Viviam nessa altura em Le Grau du Roi e o hotel ficava sobre o canal que descia da cidade murada de Aigues Mortes direito ao mar. Avistavam as torres de Aigues Mortes do outro lado da planície da Camarga e costumavam ir até lá de bicicleta quase todos os dias, pela estrada branca que ladeava o canal.

Nos fins de tarde e de manhã, quando a maré subia, as percas do mar apareciam e eles entretinham-se a observar os pulos assustados dos mugens para lhes escaparem e os redemoinhos de água provocados pelo ataque das percas.

Havia um molhe que entrava pelo mar azul e eles iam ali pescar e nadavam na praia e todos os dias ajudavam os pescadores a puxarem a rede comprida com peixe pelo areal íngreme. Tomavam aperitivos no café da esquina que dava para o mar e observavam as velas dos barcos que pescavam no golfo de Liao. Aproximava-se o fim da Primavera, era a época das migrações das cavalas e os pescadores do porto não tinham mãos a medir. Era uma cidade alegre e simpática e o jovem casal gostava do hotel, que tinha quatro quartos no andar de cima e um restaurante e duas mesas de bilhar no de baixo, voltados para o canal e para o farol. O quarto onde viviam parecia-se com o quadro que representava o quarto de Van Gogh em Arles, mas o deles tinha uma cama de casal e duas enormes janelas pelas quais podia ver-se, do outro lado da água, do pantano e das dunas, a cidade branca e a praia luminosa de Palavas.

Estavam sempre esfomeados à hora do pequeno-almoço, que tomavam no café, e encomendavam os brioches, café com leite e ovos, escolhiam o tipo de compota que desejavam, e as recomendações que davam para a forma como queriam os ovos constituíam motivo de entusiasmo. Estavam sempre tão esfomeados ao pequeno-almoço que a rapariga sofria frequentemente de dores de cabeça até ser servido o café. Mas o café tirava-lhas. Tomava-o sem açúcar, e o jovem começava a aprender a lembrar-se disso.

Naquela manhã havia brioches e compota de framboesa, os ovos eram cozidos e tinham por cima um fio de manteiga que derretia quando os mexiam e temperavam nos copos com uma pitada de sal e pimenta moída. Eram ovos grandes e frescos, e os da rapariga menos cozidos que os do jovem. Disto lembrava-se ele bem, e era com satisfação que mergulhava a colher nos seus, deixando que a manteiga os humedecesse, e saboreava os grãos de pimenta

grosseiramente moida e bebia o café fumegante e a chavena de café com leite rescendente a chicória.

Os barcos de pesca estavam muito ao largo. Tinham saído de noite, com o primeiro sopro da brisa, e o jovem e a rapariga tinham acordado ao ouvi-los e depois tinham-se enroscado juntos sob o lençol e readormecido. Tinham feito amor quando estavam apenas meio adormecidos, com a luz brilhante lá fora mas o quarto ainda obscurecido, e depois tinham ficado deitados, felizes e cansados, e voltado a fazer amor. Depois, sentiram-se tão esfomeados que pensaram não sobreviver até ao pequeno-almoço, mas agora encontravam-se no café a comer e a ver o mar e as velas e era outra vez um novo dia.

- Em que estás a pensar? - perguntou a rapariga.

- Em nada.

- Tens de estar a pensar em alguma coisa.

- Estava só a sentir-me.

- Como?

- Feliz.

- Mas eu fico tão esfomeada. Achas que é normal? Ficamos sempre tão esfomeados quando fazemos amor?

- Quando amamos alguém.

- Oh, percebes muito disso.

- Não.

- Não interessa. Adoro isto e não temos que nos preocupar com nada, pois não?

- Não.

- Que vamos fazer?

- Não sei - disse ele. - E tu?

- Tanto se me dá. Se te apetecer pescar, eu vou escrever uma carta, ou talvez duas, e depois podíamos ir nadar antes do almoço.

- Para ficarmos esfomeados?

- Não digas isso, já estou a ficar com fome e ainda não acabamos o pequeno-almoço.

- Podemos pensar no almoço.

- E depois do almoço?

- Dormimos uma soneca como bons meninos.

- Essa é uma ideia completamente nova - disse ele. - Por que razão nunca pensamos nisso?

- Sou eu que tenho estes assomos de intuição. Sou do tipo inventivo.

- E eu sou do tipo destrutivo - disse ela. - E vou destruir-te. Até vou por uma placa na parede a porta do quarto. Vou acordar durante a noite e fazer-te uma coisa de que nunca ouviste falar e com que nunca sonhaste. Tencionava fazê-lo ontem a noite, mas estava cheia de sono.

- Tens demasiado sono para seres perigosa.

- Não te convencas muito disso. Oh, querido, vamos fazer com que o tempo passe depressa para ser hora de almoço.

Vestiam camisas de pescador as riscas e calções que tinham comprado no armazém que vendia artigos marítimos e estavam muito bronzeados e tinham o cabelo manchado pelo sol e pelo mar. A maior parte das pessoas pensavam que eram irmãos, até eles dizerem que eram casados. Alguns não acreditavam nisso, o que agradava bastante a rapariga.

Nessa época, pouca gente ia para o Mediterrâneo durante o Verão, e, exceptuando algumas pessoas de Nîmes, ninguém ia para Le Grau du Roi. Não havia casino nem diversões, e, tirando os meses mais quentes em que apareciam pessoas para nadar, não havia ninguém no hotel.

Nessa época ninguém usava camisas de pescador e a rapariga com quem casara fora a primeira que ele vira com uma camisa daquelas. Comprara as camisas para ambos e lavara-as no lavatório do hotel para lhes tirar a goma. Eram ásperas e feitas para durar, mas as lavagens amaciaram-nas e agora estavam tão macias e puidas que quando se olhava para a rapariga os seus seios desenhavam-se deliciosamente sob o tecido gasto. Nos arredores da aldeia também ninguém usava calções e a rapariga não os podia vestir quando andavam de bicicleta. Mas na aldeia não fazia mal, porque as pessoas eram cordiais e só o padre não aprovava. Mas ela ia à missa ao domingo, com uma saia e uma camisola de mangas compridas e um lenço na cabeça, e o rapaz ficava ao fundo da igreja com os homens. Davam vinte francos, o que nessa altura era mais de um dólar, e, uma vez que era o próprio padre quem fazia a colecta, a atitude deles em relação à igreja foi divulgada e o facto de usarem calções na aldeia passou a ser visto mais como uma excentricidade de estrangeiros que como uma afronta à moral dos portos da Camarga.

O padre não lhes falava quando usavam calções, mas também não os recriminava, e quando vestiam calças à noite e se encontravam cumprimentavam-se mutuamente com um aceno de cabeça.

- Vou lá para cima escrever cartas - disse a rapariga, levantando-se, sorrindo para o criado e saindo do café.

- Monsieur vai pescar? - perguntou o criado quando o jovem, que se chamava David Bourne, o chamou para pagar a despesa.

- Acho que sim. Como esta a mare?

- A mare esta muito boa - respondeu o criado. – Tenho iscas, se quiser.

- Posso arranjar na estrada.

- Nao. Utilize estas. Sao minhocas e ha muitas.

- Voce pode vir?

- Agora estou de servico. Mas talvez possa aparecer por la e ver como lhe correm as coisas. Tem ai os utensilios?

- Estao no hotel,

- Nao se esqueca de vir buscar as minhocas.

No hotel, o jovem teve vontade de subir ate ao quarto e juntar-se a rapariga, mas em vez disso agarrou na cana comprida e articulada de bambu e no cesto com os apetrechos que estava atras da recepcao, junto as chaves dos quartos, e regressou a claridade da rua e ao cafe e ao brilho do molhe. O sol estava quente mas soprava uma brisa fresca e a mare começava a vazar. Desejou ter levado uma cana de arremesso e iscas artificiais que pudesse atirar para a agua do canal sobre as rochas, mas em vez disso preparou a comprida cana de pescar, colocando-lhe a boia e o anzol e espetando a minhoca, mergulhando-a numa profundidade onde pensava que os peixes se poderiam ir alimentar.

Pescou durante mais algum tempo sem sorte e observou os barcos de pesca de cavalas, de um lado para o outro no mar azul, e a sombra que as nuvens altas faziam na agua.

Entao a boia submergiu abruptamente e ele puxou a cana contra a forza de um peixe que era forte e se debatia doidamente, fazendo com que a linha ziguezagueasse atraves da agua. Tentou agarra-la o mais que pode e a cana estava quase a partir-se porque o peixe continuava a fazer forza em direcção ao alto mar. O jovem acompanhou-o ao longo da agua para aliviar a pressao, mas o peixe continuou a fazer forza ate que um quarto da cana ficou submersa.

O criado tinha vindo de cafe e estava muito excitado. Colocou-se ao lado do jovem e disse:

- Segure-o. Segure-o com muita calma. Nao o deixe fugir. Calma com ele. Calma. Calma.

Mas o rapaz nao podia fazer isso sem ter de se meter dentro de agua, o que nao fazia sentido pois o canal era muito fundo.



«Se ao menos eu pudesse acompanhá-lo ao longo da margem», pensou. Mas tinham chegado ao fim do molhe e mais de metade da cana encontrava-se já debaixo de água.

- Segure-o com força - insistiu o criado.

O peixe mergulhou profundamente, zigzagueou e a comprida cana de bambu curvou-se ao peso e a força dele. Voltou novamente à superfície, debatendo-se, mergulhou outra vez e o jovem concluiu que, embora o peixe se sentisse cheio de forças, a violência trágica diminuirá - e agora conseguia conduzi-lo até ao extremo do molhe.

- Com calma vá-se lá - dizia o criado. - Calma, agora. Muita calma.

O peixe tentou fazer-se ao mar por duas vezes, e por duas vezes o jovem o puxou para trás, acabando por conseguir levá-lo ao longo do molhe em direcção ao café.

- Como está ele? - perguntou o criado.

- Está bem, mas vencemo-lo.

- Não diga isso. Temos de o cansar. E preciso cansá-lo.

- Ele é que já me cansou a mim.

- Quer que eu segure a cana? - perguntou o criado, cheio de vontade.

- Não.

- Então, mantenha-se calmo. Cuidado, muito cuidado.

O rapaz atravessou o terraço do café em direcção ao canal. O peixe nadava quase à superfície, mas ainda tinha muita força e o rapaz perguntou-se se teria de percorrer todo o canal ao longo da cidade. Tinham-se juntado muitas pessoas e, quando passaram pelo hotel, a rapariga viu-os da janela e gritou:

- Que belo peixe! Esperem por mim! Esperem por mim! Lá de cima avistara nitidamente o brilho do peixe na água e o marido todo curvado e a procissão de gente que o seguia. Quando chegou a correr a margem do canal a procissão tinha parado. O criado do hotel encontrava-se na borda da água e o marido conduzia o peixe lentamente para junto da margem. O peixe encontrava-se agora à superfície e o criado curvou-se e agarrou-o, enfiando os polegares nas guelras. Era pesado e o criado transportou-o junto ao peito com a cabeça sob o queixo e a cauda a bater-lhe entre as pernas.

Vários homens felicitaram o jovem com pancadas nas costas e abraços, e uma peixeira beijou-o. Depois, a rapariga rodeou-o com os braços e beijou-o e ele perguntou:

- Viste-o? Depois, foram todos admirar o peixe, prateado como um salmao e com um brilho metalico no dorso. Era um peixe bem constituido, com grandes olhos vivos, e respirava lenta e espacadamente.

- Que peixe e?

- Um loup. Uma perca do mar. Tambem lhe chamam bar. E um peixe optimo. Nunca vi um tao grande como este.

O criado, que se chamava Andre, aproximou-se, abraçou e beijou David e em seguida beijou a rapariga.

- Madame, tinha de fazer isto - disse. - Nunca ninguém apanhou um peixe assim com uma cana tao artesanal

- E melhor pesa-lo - disse David. Encontravam-se agora no cafe. O jovem pusera de lado a cana de pesca, lavara-se e o peixe tinha sido colocado sobre um bloco de gelo que chegara num camiao vindo de Nimes. Pesava mais de sete quilos.

Sobre o gelo ainda era belo e mantinha a cor prateada, mas a cor do dorso tornara-se acinzentada. So os olhos se conservavam vivos. Os barcos de pesca das cavalas estavam a chegar e as mulheres descarregavam os peixes de um azul esverdeado brilhante e colocavam-nos em canastras que punham a cabeça. A pesca fora boa e todos estavam satisfeitos.

- Que vamos fazer com este peixe? - perguntou a rapariga.

- Eles vao leva-lo para o vender - respondeu o jovem. - E grande de mais para ser cozinhado aqui e dizem que e mal empregado parti-lo em postas. Talvez va directamente para Paris. Talvez acabe nalgum restaurante importante, ou entao algum ricaco o comprara.

- Era tao bonito dentro de agua - disse a rapariga. - E tambem quando o Andre pegou nele. Nem queria acreditar quando vos vi da janela com aquela multidao atras.

- Vamos arranjar um mais pequeno para comer. Estes peixes sao optimos. Os pequenos devem ser grelhados com manteiga e ervas aromaticas.

- Estou muito excitada por causa do peixe - disse a rapariga.

Estamos a divertir-nos imenso, nao achas? Estavam esfomeados e a garrafa de vinho branco estava gelada quando a beberam, enquanto comiam a *remoulade* de aipos e os rabanetes e os cogumelos caseiros em vinagre. A perca tinha sido grelhada e viam-se as marcas da grelha sobre a pele prateada e a manteiga derretia na travessa quente. Havia rodela de limao para espremer sobre o peixe e pao fresco da padaria e o vinho refrescava-lhes a lingua do ardor das batatas fritas. O vinho era leve e seco, de uma marca desconhecida.

- Nao somos grandes conversadores as refeicoes - disse a rapariga. -  
Aborreco-te, querido?

O jovem riu-se.

- Nao rias de mim, David.

- Nao estava a rir-me de ti. Nao. Nao me aborreces. Seria feliz so a olhar  
para ti, mesmo que nao dissesses uma palavra.

Encheu-lhe de novo o copo e serviu-se tambem.

- Tenho uma grande surpresa. Ainda nao te disse, pois nao?

- Que surpresa?

- Oh, e muito simples e ao mesmo tempo muito complicado.

- Diz-me.

- Nao. Podias gostar. E dai, talvez nao.

- Parece perigoso.

- E perigoso - disse a rapariga. - Mas nao me facas perguntas. Agora vou  
para o quarto.

O jovem pagou o almoco e acabou de beber o vinho que se encontrava na  
garrafa. Depois, subiu tambem para o quarto. As roupas da jovem estavam  
dobradas sobre uma das cadeiras de Van Gogh e ela estava a espera dele dentro  
da cama, tapada com o lencol. Tinha o cabelo espalhado sobre a almofada e os  
olhos risonhos. Ele levantou o lencol e disse:

- Ola, querida. Gostaste do almoco?

Mais tarde deixaram-se ficar deitados, o braco dele debaixo da cabeca  
dela, felizes e preguiçosos, e ele sentiu-a voltar a cabeca de um lado para o  
outro contra o seu rosto. O cabelo era sedoso, nao tinha a aspereza provocada  
pelo sol e pelo mar. Depois, com o cabelo sobre o rosto de modo a rocar-lhe  
quando movia a cabeca, comecou a toca-lo suavemente, explorando-lhe o  
corpo, e perguntou:

- Amas-me?

- Ele assentiu e beijou-lhe a cabeca e depois voltou-a e beijou-lhe os labios.

- Oh! - exclamou ela. - Oh! Passado bastante tempo estavam deitados,  
abracados, e ela perguntou:

- Amas-me assim como sou? Tens a certeza?

- Sim - respondeu ele. - Certeza absoluta.

- E porque eu vou mudar. Nao. Nao. Mudar, nao. Vou - disse ela. - Por ti.  
E por mim, tambem, nao vou negar. Mas a ti tambem vai fazer bem. Tenho a  
certeza, mas nao o devia dizer.

- Gosto de surpresas, mas tambem gosto das coisas como estao neste momento.

- Entao, talvez eu nao o deva fazer - disse ela. - Oh, estou triste. Era uma surpresa tao maravilhosa e perigosa. Ando a pensar nela ha tanto tempo e so esta manha e que me decidi.

- Se e uma coisa que queres assim tanto...

- E - disse ela. - E vou faze-lo. Ate agora tens gostado de tudo o que temos feito, nao tens?

- Tenho.

- Entao, esta bem. Saiu da cama e ficou em pe, com as pernas esguias e bronzeadas e o corpo maravilhoso uniformemente bronzeado na praia para onde iam e onde nadavam sem fatos de banho. Puxou os ombros para tras, ergueu o queixo e abanou a cabeça com tanta forca que o cabelo forte e trigueiro lhe bateu nas faces e depois caiu para a frente, tapando-lhe o rosto. Enfiou a camisa as riscas, voltou a abanar a cabeça e sentou-se em frente ao espelho da comoda escovando o cabelo, ao mesmo tempo que o examinava com ar critico. Chegava-lhe aos ombros. Vestiu os calcoes, pos o cinto e calcou os sapatos de corda de um azul ja desmaiado.

- Tenho de ir a Aigues Mortes - disse.

- Optimo - disse ele. - Tambem vou.

- Nao, preciso de ir sozinha. E por causa da surpresa.

Beijou-o e saiu do quarto e ele ficou a ve-la montar a bicicleta e seguir pela estrada acima, o cabelo a esvoacar ao vento. O sol da tarde batia na janela e o quarto estava a ficar demasiado quente. O jovem lavou-se e vestiu-se e foi ate a praia. Sabia que devia nadar mas estava muito cansado e, depois de ter passeado na praia e seguido por um caminho relvado que levava para o porto, dirigiu-se para o cafe. Ali, agarrou no jornal e mandou vir *un fine a l'eau*, pois sentia-se vazio e cansado depois de ter feito amor.

Tinham casado havia tres semanas e depois tinham-se metido num comboio de Paris a Avinhã, com as bicicletas, uma mala com roupa, uma mochila e um saco. Pernoitaram num bom hotel, em Avinhã, deixaram la a mala e pensaram em seguir de bicicleta ate Pont du Gard. Mas soprava o mistral e eles acompanharam-no ate Nimes, pernотaram la no Imperador e depois seguiram de bicicleta para Aigues Mortes com o vento forte e seco a acompanha-los. Depois, tinham ido para Grau du Roi, onde ainda se encontravam.

Fora maravilhoso, tinham-se sentido verdadeiramente felizes e ele não imaginara que fosse possível amar alguém de tal maneira que nada mais importava e tudo o resto parecia não existir.

Tinha muitos problemas na altura em que casara, mas ali não se lembrava ainda de nenhum deles, nem de nada a não ser da rapariga que amava e com quem casara, e nem sequer sentia a súbita e cruel claridade que costumava seguir-se ao acto do amor. Essa sensação desaparecera. Agora, depois de fazerem amor, comiam, bebiam e voltavam a fazer amor. Era um mundo muito simples e ele nunca fora verdadeiramente feliz noutra. Pensava que com ela se passava o mesmo, pelo menos a sua atitude assim o demonstrava, mas hoje acontecera aquela coisa sobre a mudança e a surpresa. Mas talvez fosse uma mudança feliz e uma boa surpresa. Enquanto bebia o brande e a água e lia o jornal ansiava por saber o que seria.

Era a primeira vez durante a lua-de-mel que tomava um brande ou uísque sozinho. Mas não estava a trabalhar e a única regra a que obedecia era não beber quando trabalhava. Seria bom recomeçar a trabalhar, mas teria tempo para isso e não podia esquecer-se de não ser egoísta e de mostrar claramente que não apreciava a solidão forçada. Sabia que ela não se importava, pois era capaz de se entreter sozinha, mas detestava pensar em começar a trabalhar. Claro que nunca poderia começar sem a claridade e perguntou-se se ela o saberia e se seria essa a razão por que ela queria ir além do que já tinham e conseguir algo novo que nada pudesse interromper. Mas que poderia ser? Certamente que não seria possível estarem mais juntos que agora, em que nada os perturbava. Era só felicidade e amor e fome e saciedade e depois começava tudo outra vez.

Reparou que já tinha bebido o *fine a l'eau* e que começava a fazer-se tarde. Mandou vir outro e concentrou-se no jornal. Mas este não o interessou, e olhava para o mar naquele fim de tarde quando a ouviu entrar no café e dizer, na sua voz gutural:

- Olá, querido. Ela aproximou-se rapidamente da mesa, sentou-se e ergueu o rosto para ele com olhos risonhos e a face queimada salpicada de pequenas sardas. Tinha o cabelo tão curto como o de um rapaz. Fora cortado sem contemplações. Estava puxado para trás, abundante como sempre, mas tinha sido rapado dos lados e viam-se bem as orelhas, e tinha um aspecto macio, bem junto à cabeça.

Virou a cabeça, empinou os seios e disse:

- Beija-me. Ele beijou-a, olhou-lhe o rosto e o cabelo e voltou a beijá-la.

- Gostas? Ve como esta macio. Apalpa - disse.

Ele tocou-lhe na nuca.

- Agora toca nas faces e junto as orelhas. Passa os dedos pelos lados. Estas a ver - disse ela. - E esta a surpresa. Sou uma rapariga. Mas agora tambem sou um rapaz e posso fazer tudo, tudo, tudo o que quiser.

- Senta-te aqui - disse ele. - Que tomas, irmao?

- Oh, obrigada - disse ela. - Tomo o mesmo que tu. Estas a perceber a razao por que e perigoso, nao estas?

- Sim, estou.

- Mas nao foi uma boa ideia?

- Talvez.

- Talvez, nao. Nao. Pensei nisto. Pensei muito nisto. Por que razao teremos de seguir as regras estabelecidas pelos outros? Nos somos nos.

- Estamos a divertir-nos e nao me tenho sentido preso a regras nenhuma.

- Passa-me a mao pelo cabelo outra vez.

Ele obedeceu e beijou-a.

- Oh, es tao querido - disse ela. E gostas. Sinto que gostas. Nao precisas de adorar Para mim ja e suficiente que gostes.

- Gosto - disse ele. - E tu tens uma cabeca tao bem feita que condiz tao bem como as feicoes maravilhosas do teu rosto.

- Nao gostas aqui dos lados? - perguntou ela. - Nao e a fingir. e mesmo um corte a rapaz, a barbeiro e nao a cabeleireiro.

- Quem to cortou?

- O barbeiro em Aigues Mortes. O mesmo que te cortou o cabelo ha uma semana. Na altura, disseste-lhe como querias o cabelo cortado e eu cheguei la e disse-lhe que queria um corte igual ao teu. Ele foi muito simpatico e nao ficou nada admirado. Nem preocupado. Perguntou se o queria exactamente como o teu. E eu disse que sim. Isto nao te diz nada, David?

- Sim.

- As pessoas estupidas vao pensar que e estranho. Mas temos de nos orgulhar. Eu gosto de ter orgulho.

- Eu tambem - disse ele. - Comecaremos agora.

Ficaram sentados no cafe a observar o reflexo do por do Sol na agua e o crepusculo enquanto bebiam o fine a 1'eau. As pessoas aproximavam-se, sem serem rudes, para ver a rapariga porque eles eram os unicos estrangeiros na aldeia e estavam ali havia quase tres semanas, ela era uma beleza e eles gostavam dela. Depois, tambem havia a historia do peixe enorme que em

circunstancias normais teria dado motivo para grandes falatorios, mas aquele e que era um verdadeiro acontecimento. Ali na aldeia as raparigas decentes nao usavam o cabelo tao curto, e ate em Paris era raro, e podia ser bonito mas tambem muito feio. Podia querer dizer muito ou podia unicamente mostrar a forma perfeita de uma cabeca que de outro modo nao se veria.

Comeram um optimo bife ao jantar com pure de batata e feijao verde e salada e a rapariga perguntou se poderiam beber Tavel.

- E um vinho optimo para quem esta apaixonado - disse. Ela sempre aparentara ter exactamente a idade que tinha agora pensou ele. - Vinte e um anos. Ele sempre se orgulhara disso. Mas nessa noite ela nao parecia te-los. As feicoes eram mais nitidas que nunca, ela sorria e o seu rosto era irresistivel.

O quarto estava as escuras, so com uma pequena claridade que vinha la de fora. Estava mais fresco devido a brisa e o lencol de cima fora retirado da cama.

- Dave, tu nao te importas se formos para o inferno, pois nao?

- Nao, rapariga - disse ele.

- Nao me chames rapariga.

- Aqui, por onde te estou a pegar, es uma rapariga - respondeu ele.

Rodeou-lhe os seios com os bracos e comecou a abrir e a fechar os dedos, sentindo-a e sentindo a frescura rija dos mamilos.

- Isso e um dos meus atributos - disse ela. - Mas a novidade e a surpresa. Sente. Nao, deixa-os. Nao vao fugir. Sente a minha face e a minha nuca. Oh, sabe tao bem e e tao fresco! Por favor, David, ama-me tal como sou. Por favor, compreende-me e ama-me.

Ele tinha os olhos fechados e sentia o peso leve dela, os seios contra o seu corpo, os labios contra os seus. Deixou-se ficar ali deitado e entao sentiu algo e a mao dela a mexer-lhe em baixo e ele a guia-la, e ali ficaram as escuras, sem pensar, unicamente a sentir, e ela perguntou:

- Agora nao se sabe quem e quem, pois nao?

- Nao.

- Estas a mudar - disse ela. - Oh, sim, estas. Estas mesmo e es a minha Catherine. Queres ser a minha rapariga e deixar-me possuir-te?

- Tu e que es a Catherine.

- Nao. Sou o Peter. Tu es a minha bela Catherine. Es a minha maravilhosa Catherine. Foste tao bom em mudar. Oh, muito obrigada, Catherine. Por favor, compreende. Por favor, entende. Vou fazer amor contigo para sempre.

No fim sentiram-se os dois exaustos e vazios, mas ainda nao era o fim. Estavam deitados lado a lado, as escuras, com as pernas a tocarem-se e a cabeca

dela sobre o braco dele. A Lua nascera e havia mais luz no quarto. Ela passou a mao pela barriga dele, sem Olhar, e disse:

- Achas que sou perversa?

- Claro que nao. Mas ha quanto tempo andavas a pensar nisto?

- Nao ha muito. Mas pensei muito nisto. Foste tao maravilhoso em deixar que isto acontecesse.

O jovem abraçou-a com forza, sentindo os seios dela contra o seu peito, e beijou-lhe a boca. Abraçou-a com forza e dentro de si disse: «Adeus, adeus, adeus».

Deixemo-nos ficar aqui quietos e abraçados, sem pensar

disse ele, e dentro do coracao disse: «Adeus, Catherine, adeus, meu amor, adeus, boa sorte e adeus».

## II

Ele levantou-se e olhou em volta da praia, tapou o frasco de oleo, enfiou-o numa bolsa da mochila e dirigiu-se para o mar, sentindo a areia molhada sob os pes. Olhou para a rapariga,, estendida de costas sobre a areia, olhos fechados, os bracos ao longo do corpo, e atras dela as barracas de lona e os primeiros tufos de ervas. Nao devia ficar muito tempo naquela posicao, com o sol a dar-lhe em cheio, pensou ele. Continuou a andar e mergulhou logo na agua limpida e fria, voltou-se de costas e nadou para longe, observando a praia.

Virou-se, mergulhou ate ao fundo, tocou na areia grossa, sentindo os sulcos profundos, e depois voltou a superficie e nadou calmamente a ver o ritmo de bracadada que conseguia. Saiu da agua, aproximou-se da rapariga e verificou que ela estava a dormir. Procurou o relógio dentro da mochila para ver a que horas a deveria acordar. Havia uma garrafa de vinho branco fresco embrulhada em jornais e nas toalhas. Retirou-lhe a rolha sem remover os jornais e as toalhas e bebeu um trago daquela estranha trouxa. Depois, sentou-se a observar a rapariga e a olhar para o mar.

«Este mar e mais frio do que parecia», pensou ele. Nao aquecia a nao ser a meio do Verao, excepto nas praias mais baixas. Aquela praia decaia subitamente e a agua tinha-se mantido muito fria ate que a natacao o aquecera. Olhou para o mar e para as nuvens altas e reparou que os barcos de pesca se



dirigiam lá longe para oeste. Depois olhou para a rapariga, que dormia sobre a areia, que já estava seca e começava a levantar-se levemente devido ao vento.

Durante a noite sentira as mãos dela tocarem-lhe. E quando acordara havia luar e ela fizera novamente a magia da mudança e ele não dissera que não quando ela lhe fizera perguntas e sentira tanto a mudança que até lhe doeria. E quando acabara tinham-se sentido exaustos os dois, ela tremia e sussurrara-lhe:

- Agora conseguimos fazer-lo. Sim, pensara ele. Agora conseguimos fazer-lo. E, quando ela adormecera subitamente como uma criança cansada, ali bem junto, com o luar a mostrar a bela e estranha nova forma da sua cabeça, ele curvara-se sobre ela e dissera para si:

- Estou contigo. O que quer que tenhas na cabeça estou contigo e amo-te.

De manhã acordara cheio de fome, mas tinha esperado que ela despertasse. Finalmente, beijara-a e ela acordara, sorria e levantara-se, sonolenta, lavara-se na grande bacia, inclinara o corpo em frente ao espelho do guarda-fatos e escovara o cabelo, fixando o espelho sem sorrir, e depois sorria e tocara nas faces com as pontas dos dedos, enfiara uma blusa as riscas e beijara-o. Colocara-se muito direita contra o corpo dele e dissera:

- Não te preocupes, David. Sou outra vez a tua rapariga. Mas ele estava preocupado e pensava: «Que há-de ser de nós, se as coisas já foram tão longe, tão depressa e tão perigosamente? Que poderá existir que não arda num fogo escaldante como este? Eramos felizes e tenho a certeza de que ela era feliz. Mas quem sabe? E quem és tu para julgar depois de teres participado e aceitado a mudança? Se é isso que ela quer, quem és tu para lho negares? Tens sorte em ter uma mulher como ela, e pecado e sentires-te mal. Não, com o vinho não te sentes mal. E que vais beber quando o vinho não resultar?», interrogou-se ele.

Tirou o frasco de óleo da mochila e espalhou algum pelo queixo, pelas faces e pelo nariz da rapariga e encontrou um lenço azul desbotado no bolso da mochila e colocou-o sobre os seios dela.

- Tenho que parar? - perguntou ela. - Estou a ter um sonho maravilhoso.

- Acaba o sonho - disse ele.

- Obrigada. Passados alguns minutos ela inspirou profundamente, abanou a cabeça e levantou-se.

- Vamos para a água - disse. Entraram juntos no mar e nadaram e brincaram debaixo de água como golfinhos. Quando regressaram secaram-se um ao outro com toalhas e ele passou-lhe a garrafa de vinho que ainda estava fresca, embrulhada em jornais, e os dois beberam e ela olhou para ele e riu-se.

- E bom beber quando se tem sede - disse ela. - Nao te importas que sejamos irmaos, pois nao?

- Nao. Ele pos-lhe oleo na testa e no nariz e depois nas faces e no queixo e depois, cuidadosamente, acima e atras das orelhas.

- Quero ficar bronzeada atras das orelhas, e no pescoco e em todos os novos sitios.

- Estas terrivelmente bronzeado, irmao - disse ele. - Nem calculas quanto.

- Eu gosto - disse a rapariga. - Mas ainda quero ficar mais. Estenderam-se sobre a areia dura, que ja estava seca mas ainda fresca apos a mare ter descido. O jovem colocou um bocado de oleo na palma da mao e espalhou-o sobre as pernas da rapariga, que ficaram brilhantes. Continuou a espalha-lo sobre a barriga e os seios e ela disse, sonolenta:

- Nao parecemos muito irmaos quando estamos assim, pois nao?

- Nao.

- Estou a tentar ser uma boa menina. Nao tens de te preocupar ate a noite, querido. Nao vamos deixar que as coisas da noite acontecam durante o dia.

No hotel, o carteiro tomava uma bebida enquanto esperava que a rapariga assinasse um envelope largo e pesado que continha cartas do seu banco em Paris. Tambem havia tres cartas reendereçadas do banco dele. Era o primeiro correio que recebiam desde que tinham comunicado a morada do hotel. O jovem deu cinco francos ao carteiro e convidou-o a beber outro copo de vinho ao balcao. A rapariga retirou a chave da recepcao e disse:

- Vou-me arranjar e depois vou ter contigo ao cafe. Depois de ter acabado a bebida, o jovem despediu-se do carteiro e desceu o canal em direccao ao cafe. Era agradavel ficar sentado a sombra depois de ter caminhado na praia ao sol, e o cafe estava fresco. Encomendou um vermute com soda, retirou a navalha do bolso e comecou a abrir as cartas. Os tres envelopes eram do seu editor e dois estavam cheios de recortes com criticas. Deu uma vista de olhos aos recortes e depois leu a carta enorme. Era calorosa e optimista. Ainda era muito cedo para dizer alguma coisa sobre as vendas do livro, mas parecia que tudo se encaminhava bem. A maior parte das criticas eram excelentes. Claro que tambem havia as outras, mas isso ja seria de esperar. Algumas das frases estavam sublinhadas, provavelmente para serem utilizadas em publicidade futura. O editor gostaria de fornecer mais elementos sobre o livro, mas nunca fazia previsoes com respeito as vendas. Era um bom habito. Mas na verdade o livro nao podia ter sido melhor recebido. Fora uma sensacao, como ele teria

oportunidade de verificar pelos recortes. A primeira tiragem fora de cinco mil exemplares, e, devido as criticas, ja estava outra a caminho. A publicidade a sair levaria a frase: «Agora em segunda edicao». O editor esperava que ele se sentisse tao satisfeito como merecia e que estivesse a gozar bem as merecidas ferias. A mulher enviava cumprimentos.

O jovem pediu um lapis ao criado e comecou a multiplicar dois dolares e cinquenta por mil. Era facil. Dez por cento daquilo dava duzentos e cinquenta dolares. Multiplicando por cinco dava mil duzentos e cinquenta dolares. Deduzindo setecentos e cinquenta dolares de avanco ficavam quinhentos dolares ganhos com primeira edicao. E agora ia haver a segunda edicao. Supondo que avanco era de dois mil, dava doze e meio por cento de cinco mil dolares. Se e que o contrato ia ser assim. Seriam seiscentos e vinte e cinco dolares. Mas talvez nao chegasse aos doze e meio por cento antes dos dez mil. Bem, ainda assim eram quinhentos dolares. Ainda ficava com mil.

Comecou a ler as criticas e reparou que bebera o vermute sem se dar conta. Mandou vir outro e devolveu o lapis ao criado. Ainda estava a ler as criticas quando a rapariga entrou com a sua correspondencia.

- Nao sabia que tinha vindo isso - disse. - Deixa-me ver. Por favor, deixa-me ver.

O criado serviu-lhe um vermute e, quando o pousava, viu a fotografia nas maos da rapariga.

- E Monsieur? - perguntou.

- Sim, e - respondeu ela, erguendo a fotografia para ele ver.

- Mas esta vestido de maneira diferente - continuou o criado. - Eles falam do casamento? Posso ver uma fotografia de Madame?

- Nao falam do casamento, nao. Sao criticas ao livro de Monsieur.

- Magnifico - comentou o criado profundamente comovido. - Madame tambem escreve?

- Nao - respondeu a rapariga sem tirar os olhos dos recortes. - Madame e dona de casa.

O criado riu-se, orgulhosamente.

- Se calhar Madame faz cinema. Ficaram os dois a ler recortes e depois a rapariga baixou o que estava a ler e disse:

- Eles assustam-me e as coisas que dizem tambem. Como podemos ser nos a ter as coisas que temos e fazer as coisas que fazemos e ser-se o que dizem nos recortes?

- Tambem os tive antes - disse o jovem. - Fazem-nos mal mas passa depressa.

- E terrivel - disse ela. - Podem destruir-nos se acreditarmos. Nao pensas que casei contigo por seres quem eles dizem que es nestes recortes, pois nao?

- Nao. Quero acabar de os ler e depois fechamo-los num envelope.

- Eu sei que os tens de ler. Nao quero ser estúpida. Mas mesmo dentro do envelope e horrivel ficarmos com eles. E como trazer as cinzas de alguem dentro de um frasco.

- Muitas mulheres ficariam satisfeitas se os raios dos maridos tivessem boas criticas.

- Eu nao sou como muitas mulheres e tu nao es um raio de um marido. Nao vamos discutir, por favor.

- Nao vamos, nao. Tu vais le-los e se houver alguma coisa boa dizes-me e se reparares nalgum pormenor inteligente dizes-me. Mas o livro ja fez algum dinheiro.

Que bom. Estou tao contente. Sabemos que o livro e bom. Se a critica tivesse dito que nao valia nada e mesmo que nao fizesse um tostao, eu sentir-me-ia na mesma orgulhosa e feliz.

«Eu nao», pensou o rapaz. Mas nao o disse. Continuou a ler as criticas, desdobrando-as, dobrando-as e voltando a guarda-las no envelope. A rapariga estava sentada distraidamente a abrir envelopes e a ler cartas. Depois, olhou para o mar. O seu rosto tinha o tom castanho-dourado e escovava o cabelo, mantendo a forma que o mar lhe impusera quando saira da agua. Olhava para o mar e os seus olhos estavam muito tristes. Depois, retomou a leitura das cartas. O rapaz olhou para ela e pensou que ela parecia tao pequenina como se estivesse a descascar ervilhas.

- Que havia nas cartas? - perguntou ele.

- Nalgumas havia cheques.

- Grandes?

- Dois.

- Optimo - disse ele.

- Nao te afastes assim. Sempre disseste que nao tinha importancia.

- Eu disse alguma coisa?

- Nao, mas tornaste-te distante.

- Desculpa - disse ele. - Eram muito grandes os cheques?

- Nao muito, mas ser-nos-ao uteis. Foram depositados. E por eu ser casada. ja te disse que foi muito bom termos casado. Sei que nao e grande coisa

como capital, mas da para gastar. Podemos gastar o dinheiro sem afectar ninguém. Não tem nada a ver com uma mesada fixa nem é preciso que eu viva até aos vinte e cinco anos ou até aos trinta. Este dinheiro é para fazermos o que quisermos. Durante algum tempo não precisamos de nos preocupar com os balancos.

- O livro já deu para pagar o avanço e já fez dois mil dólares - disse ele.
- É ótimo, pois saiu há tão pouco tempo, não é?
- Não é mau. Queres outro?
- Vamos beber outra coisa.
- Quantos vermouths já bebeste?
- Só um. E não me soube muito bem.
- Eu bebi dois e nem os saboreei.
- Que haverá que seja real? - perguntou ela.
- Já bebeste Armagnac com soda? É bem real.
- Ótimo. Vamos lá experimentar.

O criado trouxe o Armagnac e o jovem pediu-lhe uma garrafa fresca de Perrier em vez do sifão. O criado serviu-lhes duas doses generosas e o jovem colocou cubos de gelo nos cálices enormes e depois juntou-lhes Perrier.

- Assim, está bem - disse -, embora não seja grande ideia beber antes de almoço.

A rapariga deu um gole.

- É bom. Tem um horroroso sabor fresco e saudável. Bebeu mais um trago e continuou.

- Sabe-me mesmo a isso. E a ti?
- A mim também - respondeu ele, bebendo um gole. Também me sabe.

A rapariga bebeu mais um trago e sorriu e apareceram-lhe rugas ao canto dos olhos. A água fria tornara o brande mais leve.

- Isto é para heroínas - disse ele.

- Não me importo de ser heroína - respondeu ela. - Não somos iguais às outras pessoas. Não precisamos de nos tratar por «queridos» ou «meu amor». «Querido», «meu muito querido» e «meu mais que tudo» são expressões obscenas, e nos tratamo-nos pelo nome próprio. Percebes o que quero dizer. Por que havemos de fazer as coisas como toda a gente?

- És uma rapariga muito inteligente.

- Está bem, Davie - disse ela. - Por que razão havemos de nos arreliar? Por que não continuamos agora que é muito mais divertido? Faremos tudo o que

quiseres. Se fosses um europeu com um advogado, o meu dinheiro seria teu de qualquer modo. E é teu.

- Para o diabo com isso.

- Esta bem. Para o diabo. Mas vamos gastá-lo e vai ser maravilhoso. E tu podes escrever depois. Assim, podemos divertir-nos antes de eu ter um bebé. E como é que eu sei se terei um bebé? Não estou a gostar da conversa. Por que não aproveitamos em vez de estar com conversas?

- E se eu quiser escrever? Quando estiveres sem fazer nada, provavelmente vais-te lembrar de algo que queres fazer.

- Então escreve, estúpido. Não disseste que não irias escrever. Ninguém disse isso. Pois não?

Mas algures algo tinha sido dito e agora ele não se lembrava.

- Se queres, escreve, que eu divirto-me sozinha. Não tenho de te deixar sozinho quando estás a escrever, pois não?

- Mas para onde queres que vamos quando as pessoas começarem a vir para aqui?

- Onde tu quiseres. Vamos, David?

- Por quanto tempo?

- Enquanto ambos o quisermos. Seis meses. Nove meses. Um ano.

- Esta bem - disse ele.

- A sério?

- A sério.

- És uma joia. Se não te amasse por outras razões, amar-te-ia só pelas tuas decisões.

- São fáceis de tomar quando ainda não se viu o resultado de muitas delas.

Bebeu a bebida dos heróis mas não lhe soube tão bem e mandou vir outra garrafa fresca de Perrier e preparou uma bebida com gelo.

- Prepara-me também uma, por favor. Pequena, como a tua. E depois vamos ao almoço.

Nessa noite, na cama, quando ainda estavam acordados, ela disse no escuro:

- Não precisamos de fazer sempre as mesmas coisas. Quero que saibas isso.

- Eu sei.

- Gosto muito de como éramos e sou sempre a tua rapariga. Nunca ficaras sozinho. Sabe-lo bem. Sou como tu queres mas também sou como eu quero. Não precisas de falar. Só te estou a contar uma história para adormeceres

porque es o meu querido marido e meu irmao tambem. Amo-te e quando formos para Africa tambem serei a tua rapariga africana.

- Vamos para Africa?

- Entao nao vamos? Nao te lembras? A conversa de hoje foi sobre isso. Para que pudessems ir para onde quisessems. Nao era para ai que iamos? Por que nao o disseste?

- Nao quis interferir. E disse que ia para onde tu quisesse. Mas pensei que era para ali que querias ir.

- E cedo de mais para ir para Africa. E a epoca das chuvas e depois a erva cresce muito e faz muito frio.

- Podiamos ir para a cama e ficavamos muito quentinhos a ouvir a chuva cair sobre um telhado de zinco.

- Nao, e cedo de mais. As estradas estao cheias de lama, os campos parecem pantanos e a erva esta tao alta que nao se consegue ver.

- Entao, para onde devemos ir?

- Podemos ir para a Espanha, mas Sevilha ja nao da nada, nem San Isidro, em Madrid, e tambem e muito cedo para ir ate la. E muito cedo para a Costa Brava. Ainda ha chuva e frio. Nesta altura, chove em todo o lado.

- Nao ha um sitio quente onde possamos nadar como aqui?

- Em Espanha nao sei se se pode nadar como aqui o fazemos. Eramos logo presos.

- Que chatice. Entao nao vamos ja para la porque eu quero ficar mais escura.

- Para que?

- Nao sei. Por que razao se quer qualquer coisa? Neste momento e o que mais quero de entre aquilo que nao tenho. Nao te excita o facto de eu ficar mais morena?

- Nao, porque tu es loura. Mas consigo ficar escura porque sou da cor dos leoes e eles escurecem. Quero que todas as partes do meu corpo fiquem escuras e ja estou a ficar assim e tu ficaras mais escuro que um indio e isso tornar-nos-a ainda mais diferentes das outras pessoas. Estas a perceber por que e importante.

- E que seremos?

- Nao sei. Talvez so nos mesmos. Mas mudados. Talvez seja o melhor. E vamos continuar, nao vamos?

- Claro. Podemos ir ate Esterel e arranjar outro sitio como arranjamos este.

- Pois e. Ha muitos sitios isolados onde nunca vai ninguem no Verao. Podiamos arranjar um carro e ir a todo o lado. Tambem a Espanha, quando

quiséssemos. Depois de estarmos bem queimados não será difícil manter a cor, a menos que passemos a viver em cidades. Mas não queremos viver em cidades durante o Verão.

- Queres ficar muito bronzeada?

- O mais possível. Veremos. Quem me dera ter sangue índio. Vou ficar tão queimada que até vais ficar impressionado. Estou ansiosa por ir para a praia amanhã.

Adormeceu assim, com a cabeça puxada para trás e o queixo levantado, como se estivesse ao sol, deitada na areia, respirando suavemente, e depois enroscou-se nele, que se deixou ficar acordado a pensar no dia.

«É bem possível que eu não consiga começar a trabalhar», pensou, «e provavelmente o melhor é não pensar nisso e aproveitar o que temos. Quando for necessário trabalharei. Não me poderá impedir de o fazer. O último livro é bom e o próximo tem de ser melhor. Estes disparates que fazemos são engraçados, embora eu não saiba bem onde acabam os disparates e começam as coisas sérias. Beber brande à noite não é nada bom e até já nem o raio de um simples aperitivo tem qualquer significado. Não é um bom sinal. Ela transforma-se em rapaz e de novo em rapariga sem qualquer preocupação. Dorme calmamente e tu também vais dormir, pois sabes que te sentes bem. Não foi preciso vender nada para ter o dinheiro. Tudo o que ela disse sobre o dinheiro é verdade. De facto, tudo é verdade.» Durante algum tempo, tudo estaria contra eles.

Que dissera ela sobre a destruição? Não se conseguia lembrar. Ela dissera-o mas ele não se lembrava.

Cansou de tentar lembrar-se, olhou para a rapariga, beijou-a na face levemente e ela não acordou. Amava-a muito e adormeceu a pensar na face dela contra os seus lábios e em como no dia seguinte estariam ambos mais queimados pelo sol. «Até que ponto conseguira ela bronzear-se», pensou ele.



## LIVRO DOIS

Era fim de tarde e o pequeno automovel descia pela estrada asphaltada, passando por colinas e promontorios, com o oceano azul profundo a direita e uma avenida deserta que dava para uma praia de areia amarela com um quilometro de comprimento, em Hendaia. A frente, junto ao oceano, ficava um enorme hotel e um casino, e a esquerda havia arvores de plantacao recente e villas basicas caiadas de branco e com telhados de madeira e jardins a volta. Os dois jovens dentro do carro seguiam lentamente, olhando para a praia magnifica e para as montanhas de Espanha, que pareciam azuis quando passavam junto ao casino e ao hotel enorme e continuavam ate ao fim da avenida. A frente ficava o leito do rio que ia desaguar ao oceano. A mare estava baixa e do outro lado da areia brilhante avistavam a antiga cidade espanhola e as colinas verdes para la da baia, e, mais ao fundo, o farol. Pararam o carro.

- Este sitio e lindo - disse a rapariga.

- Ha um cafe com mesas sob as arvores - disse o jovem. - Arvores antigas.

- As arvores sao estranhas - disse a rapariga. - As plantacoes sao todas recentes. Por que sera que plantaram mimosas?

- Para competir com o local de onde vimos.

- Suponho que deve ser por isso. Tem tudo um aspecto tao terrivelmente novo. Mas a praia e maravilhosa. Nunca vi uma praia tao grande em Franca, nem uma areia tao fina e macia. Biarritz e um horror. Vamos ate ao cafe.

Seguiram pelo lado direito da estrada. O jovem encostou o carro ao passeio e desligou a ignicao. Entraram no cafe e foi muito agradavel comerem sozinhos e repararem nas pessoas que nao conheciam e que comiam noutras mesas.

Nessa noite levantou-se vento, e num dos quartos altos do hotel ouviram o cair pesado das ondas na areia. As escuras, o jovem colocou um cobertor leve sobre o lencol e a rapariga disse:

- Nao estas satisfeito por termos decidido ficar?

- Gosto de ouvir o barulho da rebentacao.

- Eu tambem. Ficaram ali enroscados a ouvir o mar. Ela tinha a cabeça sobre o peito dele e passou-a para o queixo e ergueu-se um pouco e pressionou-a contra o rosto dele. Beijou-o e ele sentiu a mao dela tocar-lhe.

- E bom - disse ela, no escuro. - Sabe bem. De certeza que nao queres que eu mude?

- Agora nao. Tenho frio. Abraca-me.

- Gosto quando tens frio e te aqueco.

- Se continuar a fazer frio teremos de vestir casacos de pijama. Vai ser divertido tomar o pequeno-almoco na cama.

- E o oceano Atlantico - disse ela. - Ouve. Vamos divertir-nos enquanto aqui estivermos - disse ele.

- Se quiseses, ficamos durante uns tempos. Se quiseses, vamos embora. Ha muitos sitios para onde ir.

- Podiamos experimentar ficar alguns dias.

- Optimo. Se ficarmos, gostava de comecar a escrever.

- Isso seria optimo. Amanha vamos dar uma volta. Tu consegues trabalhar aqui no quarto se eu sair, nao consegues? Quer dizer, ate arranjarmos outro sitio?

- Claro.

- Nao debes nunca preocupar-te comigo porque eu amo-te, e somos os dois contra todos os outros. Por favor, beija-me - disse ela.

Ele beijou-a.

- Sabes que nao nos fiz mal nenhum. Tinha de fazer o que fiz. Sabes isso.

Ele nao respondeu e ficou a ouvir o rebentar das ondas na noite sobre a areia humida.

Na manha seguinte ainda havia bastante rebentacao e a chuva caiu em aguaceiros. Nao conseguiram avistar a costa espanhola e quando o tempo comecou a abrir por entre a chuva avistaram, do outro lado do mar em furia, nuvens pesadas que desciam sobre a base das montanhas. Catherine saia com uma gabardina a seguir ao pequeno-almoco e deixara-o a trabalhar. Correria tudo tao bem e com tanta facilidade que ele ate pensava que provavelmente nao valia nada. «Tem cuidado», disse para si proprio, «tu. sabes escrever com simplicidade. E, quanto mais simples, melhor. Mas nao comeces a pensar de uma forma tao estupidamente simplista. Elabora as coisas com cuidado e depois expoe-nas de forma simples. Pensas que os tempos de Grau du Roi foram simples porque os conseguiste escrever com simplicidade?»

Continuou a escrever com o lapis no caderno escolar com linhas, que se chamava *cahier* e que ja estava numerado com um «1», a romana. Finalmente parou, enfiou o caderno na pasta que continha o estojo dos lapis e o apara-lapis, deixando cinco para afiar no dia seguinte, agarrou na gabardina e desceu as

escadas ate ao atrio do hotel. Olhou para o bar, que tinha um ar aconchegado e onde ja se encontravam alguns clientes, e entregou a chave na rececao. O recepcionista deu-lhe um envelope e disse:

- Madame deixou isto para Monsieur. Abriu o bilhete, que dizia: «David, nao quero perturbar-te. Estou no cafe. Amo-te. Catherine». Vestiu o casaco, encontrou uma boina no bolso e saiu para a chuva.

Ela estava sentada numa mesa do canto, no pequeno cafe, e tinha a sua frente uma bebida amarelada e um prato com um caranguejo vermelho-escuro e restos de outros.

- Por onde tens andado, estranha mulher?

Ai pela rua. Ele reparou que ela tinha o rosto molhado pela chuva e concentrou-se no efeito da chuva sobre a pele bem bronzeada. Estava muito bonita e ele sentiu-se feliz por a ver assim.

- Como correram as coisas? - perguntou ela.

- Bem.

- Quer dizer que trabalhaste. Optimo.

O criado acabara de servir tres espanhois que estavam sentados na mesa ao lado da porta. Aproximou-se com um copo, uma garrafa de Pernod e um pequeno jarro de agua. Havia pedacos de gelo na agua.

- Monsieur vai querer o mesmo? - perguntou.

- Sim - respondeu o jovem. - Por favor.

O criado encheu os copos altos ate meio com o liquido amarelo e comecou a verter a agua, lentamente, no copo da rapariga. Mas o jovem disse:

- Eu faco isso.

O criado retirou-se, levando a garrafa. Pareceu aliviado e o jovem verteu a agua em fio e a rapariga ficou a observar a nuvem opalescente de absinto. O copo estava calido quando ela lhe pegou e depois, quando comecou a perder a cor amarela e a ficar leitoso, arrefeceu bruscamente e o jovem deixou cair a agua gota a gota.

- Por que razao vertes isso tao lentamente? - perguntou a rapariga.

- Se a agua for deitada muito depressa o gelo fica desfeito explicou ele. - E entao a bebida fica mole e sem graca. Devia haver um copo com gelo por cima e um buraquinho para a agua cair.

- Tive de beber a outra muito depressa porque entraram dois G. N. - disse a rapariga.

- G. N2

- Os guardas nacionais ou lá o que é. Vestidos de caqui, com culatras de couro pretas e montados em bicicletas. Tive de engolir a prova.

- Engolir?

- Desculpa. Já nem consigo dizer.

- Tens de ter cuidado a beber absinto.

- Faz-me ver as coisas mais leves.

- E mais nada o consegues? Ele acabou de lhe preparar o absinto.

- Bebe - disse-lhe. - Não esperes por mim.

Ela deu um gole longo e então ele retirou-lhe o copo da mão e bebeu também.

- Obrigado, minha senhora. Isto até dá coração novo a um homem.

- Então prepara um para ti, meu leitor de recortes.

- Que disseste? -- perguntou ele.

- Não disse. Mas dissera-o e ele retorquiu:

- Por que não te calas com isso dos recortes?

- Porque? - perguntou ela, curvando-se sobre ele e falando demasiado alto.

- Por que razão me deveria calar? Só por que passaste a escrever? Pensas que casei contigo porque és escritor? Tu és as tuas escritas.

- Pronto - disse o jovem. - Dizes-me o resto quando estivermos sozinhos, sim?

- Não penses que me calo - disse ela.

- Também acho que não.

- Não aches. Podes ter a certeza. David Bourne levantou-se, foi até ao cabide, retirou a gabardina e saiu sem olhar para trás.

Sentada à mesa, Catherine ergueu o copo e provou cuidadosamente o absinto, saboreando-o em pequenos goles.

A porta abriu-se e David voltou a entrar, dirigindo-se à mesa. Trazia o casaco vestido e a boina puxada sobre a testa.

- Tens as chaves do carro?

- Sim - respondeu ela.

- Das-mas? Ela entregou-lhas e disse:

- Não sejas estúpido, David. Foi por causa da chuva e de teres sido o único a trabalhar. Senta-te.

- Queres mesmo que me sente?

- Por favor - pediu ela. Ele sentou-se. «Não faz muito sentido», pensou. «Levantaste-te para pegares no raio do carro e saíres. E agora voltas, pedes as chaves e sentas-te aí como um palerma.» Agarrou no copo e bebeu. Era bom.

- Que vais fazer ao almoço? - perguntou.

- Diz onde é o almoço contigo. Ainda me amas?

- Não sejas pateta.

- Foi uma discussão muito estúpida - disse Catherine.

- A primeira também.

- A culpa foi minha por ter falado nos recortes.

- Não falemos disso.

- Mas foi tudo por causa disso.

- Foi porque pensaste neles quando bebias. Lembraste-te porque estavas a beber.

- Parece regurgitação - disse ela. - Horrível. Na verdade, foi a língua que deslizou.

- Mas para falares deles é porque os tinhas na cabeça.

- Esta bem - disse ela. - Pensei que o caso estava arrumado.

- E esta.

- Então porque insistes no mesmo?

- Não devíamos ter tomado esta bebida.

- Não. Claro que não. Principalmente, eu. Mas tu bem que precisavas dela.

Achas que te vais fazer bem?

- Temos de fazer isto agora? - perguntou ele.

- Eu vou parar. Já estou chateada.

- Isso é um raio de uma palavra que não suporto.

- Que sorte, ser só esta que não suportas.

- Oh, merda - disse ele. - Almoças sozinha.

- Não. Não vou almoçar sozinha. Vamos comer juntos e comportarmo-nos como seres humanos.

- Esta bem.

- Desculpa. Foi só uma brincadeira de mau gosto. A sério, David, foi só isso.

A maré estava baixa quando David Bourne acordou, o Sol brilhava sobre a praia e o mar estava azul-escuro. As montanhas estavam verdes e as nuvens já tinham desaparecido. Catherine ainda dormia e ele pôs-se a observar-lhe a respiração regular e a luz do Sol sobre o rosto dela e a pensar que era estranho que ela não acordasse com a luz a bater-lhe nos olhos.

Depois de ter tomado banho, lavado os dentes e feito a barba, estava morto por tomar o pequeno-almoco, mas vestiu uns calcoes e uma camisola, agarrou no bloco, nos lapis e no afia-lapis e sentou-se a mesa, junto a janela onde se via o estuario do rio. Começou a escrever e esqueceu Catherine e a paisagem que se avistava da janela, e a escrita saia-lhe como acontecia sempre que tinha sorte.

Trabalhava havia algum tempo quando olhou para Catherine, que ainda dormia, com os labios abertos num sorriso e o rectangulo de luz a cair-lhe sobre o corpo, iluminando-lhe o rosto moreno e a cabeça tisonada contra o branco amarfanhado do lencol e da almofada nao utilizada. «Agora ja e tarde para o pequeno-almoco», pensou ele. «Deixo um bilhete e vou ate ao cafe tomar um *cafe-creme* ou qualquer coisa.» Mas enquanto guardava o trabalho Catherine acordou e aproximou-se quando ele fechava a pasta, abraçou-o e beijou-o na nuca e disse:

- Sou a tua esposa preguiçosa e nua.

- Para que acordaste?

- Nao sei. Mas diz-me para onde vais que eu vou la ter daqui a dez minutos.

- Vou ate ao cafe tomar o pequeno-almoco.

- Vai, que ja la vou ter. Trabalhaste?

- Claro.

- Desde ontem que es tao maravilhoso. Estou orgulhosa de ti. Beija-me e olha para nos ao espelho da porta da casa de banho.

Ele beijou-a e olharam ambos para o espelho.

- E tao bom nao sentir roupa em cima do corpo - disse ela.

- Porta-te bem e nao arranjes problemas. Manda vir para mim um *oeuf au jambon*. Mas vai comendo. Desculpa ter-te feito esperar tanto pelo pequeno-almoco.

No cafe, encontrou um jornal do dia e os jornais parisienses do dia anterior e tomou o seu cafe com leite e o presunto de Baiona com um enorme ovo fresco que salpicou de pimenta e de mostarda antes de quebrar a gema. Quando viu que Catherine nao aparecia e o ovo dela estava a ficar frio, comeu-o tambem, limpando o prato com um bocado de pao.

- Ai vem Madame - disse o criado. - Vou fazer outro prato para ela.

Vestira uma saia e uma camisola de caxemira, pusera um colar de perolas e trazia o cabelo molhado envolto numa toalha, de forma que a cor trigueira nao contrastava com o rosto incrivelmente bronzeado.

- Esta um lindo dia - disse. - Que pena ter chegado atrasada.  
- Vestiste-te para ir aonde?  
- A Biarritz. Queres la ir?  
- Mas tu preferes ir sozinha.  
- Pois prefiro - disse ela. - Mas podes vir. Enquanto ele se levantava, ela disse:  
- Vou trazer-te uma surpresa.  
- Nao, nao tragas.  
- Trago, sim, e vais gostar.  
- Deixa-me ir para te impedir de cometer alguma loucura.  
- Nao. E melhor eu ir sozinha. Estou de volta logo a tarde. Nao contes comigo para almocar.

David leu os jornais e deu uma volta pela cidade a procura de vivendas que estivessem para alugar ou de um sitio onde fosse bom viver e encontrou a area residencial moderna e achou-a agradavel, se bem que triste.

Adorou a vista da baia e do estuario do lado de Espanha, as velhas pedras cinzentas de Fuenterrabia, as casas brancas e brilhantes que se espalhavam e as montanhas castanhas com sombras azuis. Perguntou-se por que razao a tempestade teria passado tao rapidamente e concluiu que devia ter sido so na ponta norte e passado no golfo da Biscaia. Biscaia era Vizcaia, mas essa era a provincia basca mais para baixo da costa, para la de Sao Sebastiao. As montanhas que avistava para la dos telhados de Irum ficavam em Guipuscoa e mais para alem seria Navarra, e Navarra era Navarra. «E que estamos nos a fazer aqui», pensou ele, «e que ando eu a fazer numa cidade com praia, a olhar para magnolias recém-plantadas e para o raio das mimosas, a procura de letreiros a dizer “aluga-se” em feias villas bascas? Nao trabalhaste assim tanto hoje de manha para teres ficado tao parado, ou ainda e a ressaca de ontem? Na verdade, nao trabalhaste mesmo nada. E e melhor que comeces a faze-lo, porque tudo esta a correr depressa de mais e tu vais atras e, antes que te des conta, tudo estara acabado. Talvez ate ja o esteja. Pronto. Nao comeces. Pelo menos, ainda te lembras.»

E atravessou a cidade, a visao agitada pela angustia e temperada com a beleza cinzenta do dia.

A brisa maritima entrava pelo quarto dentro e ele estava a ler com duas almofadas a apoiarem-lhe as costas e outra atras da cabeca. Sentira-se sonolento depois de almoco mas queria espera-la e pos-se a ler. Entao ouviu a porta abrir-



se e ela entrou e a principio ele nao a reconheceu. Ela ficou a porta, com as maos debaixo dos seios sobre a camisola de caxemira, arfando como se tivesse vindo a correr.

- Oh, nao - disse ela. - Nao. Depois atirou-se para a cama encostando a cabeça a dele, dizendo:

- Nao. Nao. Por favor, David. Nao gostas mesmo nada? Ele apertou-lhe a cabeça contra o peito e sentiu-a macia e ela encostou-se cada vez mais a ele.

- Que fizeste, Demonio? Ela ergueu a cabeça e olhou para ele, os seus labios comprimiram os dele, e deitou-se na cama, pressionando o corpo contra o dele.

- Agora, sei - disse ela. - Estou tao feliz. Foi um risco muito grande. Sou a tua nova rapariga e e bom que me olhes.

- Deixa-me ver.

- Eu mostro-te, mas espera um minuto. Regressou e ficou junto a cama, com o sol a bater-lhe por detras. Tinha deixado cair a saia, estava descalca e so trazia as perolas e a camisola.

- Olha bem, porque e assim que eu sou - disse. Ele olhou longamente para as pernas compridas e bronzeadas, para o corpo esguio e para a cabeça trigueira e escultural e ela olhou para ele e disse:

- Obrigada.

- Como fizeste isso?

- Posso contar-te na cama.

- Se me contares depressa.

- Nao. Depressa nao. Deixa-me contar. Primeiro, tive a ideia, na estrada, algures depois de Aix-en-Provence. Em Nimes, quando passeavamos no jardim, pensei. Mas nao sabia se iria resultar nem como o iria fazer. Depois, voltei a pensar e ontem decidi.

David passou-lhe a mao sobre a cabeça, ate ao pescoco e depois ate a testa.

- Deixa-me contar - continuou ela. - Sabia que devia haver bons cabeleireiros em Biarritz por causa dos ingleses. Por isso, quando la cheguei fui ao melhor e disse ao cabeleireiro que queria tudo penteado para a frente e ele penteou e chegou-me ate ao nariz, e eu mal podia ver e entao disse-lhe que queria o cabelo cortado como o dos rapazinhos que vao para as escolas privadas. Ele perguntou-me qual era a escola e eu respondi «Eton ou Winchester», pois eram as unicas duas de que me lembrava, excepto a de Rugby, e como essa eu nao queria. Ele perguntou qual delas. Entao eu disse:

«Eton, mas todo para a frente». Quando ele acabou e eu parecia a rapariga mais atraente que algum dia frequentou Eton, disse-lhe para continuar a cortar. Entao ele respondeu-me zangado: «Isto nao e corte a Eton, Mademoiselle». E eu disse: «Nao quero um corte a Eton, Monsieur». Foi a unica maneira de conseguir explicar o que queria e disse-lhe que era «Madame, e nao Mademoiselle». Por isso, ele foi cortando, cortando, e das duas uma: ou ficou muito bem, ou horrivel. Nao te importas que me caia sobre a testa? Quando estava a Eton caia-me sobre o olho.

- Esta uma maravilha. E muito classico - disse ela. - Mas parece o pelo de um animal. Apalpa.

Ele apalpou.

- Nao te preocupes por estar demasiado classico - disse ela.

- Agora, podemos fazer amor?

Dobrou a cabeça e ele puxou-lhe a camisola e desapertou o fecho do colar.

- Nao. Deixa-o. Deitou-se ao comprido na cama, as pernas bronzeadas muito juntas e a cabeça contra o lençol, as perolas movendo-se ao ritmo da elevacao dos seios. Tinha os olhos fechados e os braços esticados ao longo do corpo. Era uma outra rapariga e viu que a boca também estava diferente. Respirou cuidadosamente e disse:

- Faz tudo. Desde o principio. Desde o principio dos principios.

- Isto e o principio?

- Oh, sim. E nao demores muito. Nao, nao demores.

A noite, enroscou-se nele, com a cabeça sobre o peito dele, acariciando-o, e ergueu os lábios, abraçou-o e disse:

- Es tao belo e tao leal quando estas a dormir, e nao acordas nem por nada. Es-me tao fiel. Achas que foi um sonho? Nao despertes. Vou dormir, mas se nao adormecer serei uma rapariga selvagem. Fico acordada a velar por ti. Dorme que eu estou aqui. Por favor, dorme.

De manha, quando ele acordou, lá estava o corpo tao maravilhoso que ele conhecia, bem junto ao seu, e pos-se a olhar para os ombros escuros e macios, para o pescoco e para a cabeça loira e sedosa, como a de um pequeno animal, e voltou-se e beijou-lhe a testa sobre os cabelos, depois os olhos e depois a boca.

- Estou a dormir.

- Eu também estava.

- Eu sei. Que estranho. Toda a noite foi maravilhosa e estranha.

- Estranha, nao.
- Esta bem, se assim queres. Oh, condizemos tao bem um com o outro.
- Por que nao vamos dormir?
- Queres dormir?
- Quero que durmamos os dois.
- Vou tentar.
- Estas a dormir?
- Nao.
- Por favor, tenta.
- Estou a tentar.
- Entao, fecha os olhos. Como podes adormecer se nao fechares os olhos?
- Gosto de te olhar de manha, diferente e estranha.
- Foi bom ter-me inventado?
- Nao fales.

- E a unica forma de tornar as coisas mais lentas. Eu ja o consegui. Nao percebeste? Claro que percebeste. Nao ves que os nossos coracoes batem ao mesmo tempo, e isso e que conta, e nos nao. E e tao maravilhoso e tao bom, tao maravilhoso...

Ela regressou ao quarto e sentou-se ao espelho a escovar o cabelo e a olhar-se com ar critico.

- Vamos tomar o pequeno-almoco na cama - disse. - E podemos tomar champanhe? Tem Lanson e Perrier-Jouet. Posso tocar?

- Podes - respondeu ele, dirigindo-se para o chuveiro. Antes de abrir a torneira ainda a ouviu falar ao telefone.

Quando voltou, ela estava encostada muito formalmente a duas almofadas e colocou mais duas ao cimo da cama.

- Fico bem com a cabeca molhada?
- So esta humida. Secaste-a com a toalha.
- Posso corta-lo mais na testa. Ou entao, corta-lo tu.
- Gosto que te caia sobre os olhos,

- Talvez venha a cair - disse ela. - Quem sabe? Talvez me canse de ser classica. E hoje vamos passar toda a tarde na praia. Vamos la para o fundo e poderemos bronzear-nos todos quando as pessoas vierem almocar; e depois, quando tivermos fome, vamos comer ao Bar Basco, a Sr. Jean. Mas primeiro precisamos de ir a praia.

- Optimo. David puxou uma cadeira e pousou a mao sobre a dela e ela olhou-o e disse:

- Ha dois dias entendi tudo mas depois o absinto deu-me volta a cabeça.
- Eu sei - disse-lhe David. - Nao o pudeste evitar.
- Mas magoei-te com aquilo dos recortes.
- Nao - disse ele. - Tentaste. Mas nao conseguiste.
- Lamento, David. Por favor, acredita em mim.
- Toda a gente liga importancia a coisas estranhas. Nao tiveste culpa.
- Nao - disse a rapariga abanando a cabeça.
- Esta bem - disse David. - Nao chores. Esta tudo bem.
- Nunca choro - disse ela. - Mas nao o pude evitar.
- Eu sei e ficas linda quando choras.
- Nao. Nao digas isso. Nunca chorei antes, pois nao?
- Nunca.

- Sera mau para ti se ficarmos aqui so dois dias na praia? Ainda nao tivemos oportunidade de nadar e seria estupidez ter estado aqui e nao ter nadado. Para onde vamos quando sairmos daqui? Oh! Ainda nao decidimos. Talvez decidamos hoje a noite ou amanha de manha. Para onde sugeres que vamos?

- Para mim, qualquer sitio esta bem - disse David.
- Entao, talvez vamos para ai.
- E um sitio enorme.
- Mas e bom estarmos sozinhos e eu vou fazer as malas.
- Nao ha muito a fazer, a nao ser guardar os objectos de toilette e fechar dois sacos.

- Se quiseses podemos partir logo de manha. Nao quero fazer nada que exerca mau efeito em ti.

O criado bateu a porta.

- Como ja nao havia Perrier-Jouet, Madame, trouxe Lanson. Ela tinha parado de chorar e a mao de David ainda se encontrava sobre a sua e ele disse:

- Eu sei.

Tinham passado a manha no Prado e encontravam-se agora sentados num cafe situado num edificio de grossas paredes de pedra. Era fresco e muito antigo, havia cascos com vinho a volta das janelas. As mesas eram antigas e grossas e as cadeiras estavam gastas. A luz entrava pela porta. O criado trouxe-lhes um copo de *manzanilla* das planicies perto de Cadis, chamadas *marismas*,

com finas fatias de *jamon* serrano, um presunto fumado e curado, proveniente de porcos alimentados com cereais, e um *salchichon* vermelho-vivo, apimentado, outro enchido ainda mais condimentado, de uma cidade chamada Vic, e anchovas e azeitonas em alho. Comeram e beberam mais *manzanilla*, que era leve e saborosa.

Catherine tinha perto de si um livro de aprendizagem de ingles-espanhol, de capa verde, e David uma pilha de jornais da manha. Era um dia quente mas estava fresco dentro do cafe e o criado, que era velho, perguntou, enchendo-lhes novamente os copos:

- Querem *gazpacho*?

- Acha que a senhorita gosta?

- E experimentar - respondeu gravemente o criado, como se estivessem a falar de uma egua.

Trouxeram-no numa tigela enorme com gelo a flutuar e rodela de pepino, tomate, pao de alho e pimentos e o liquido apimentado, que sabia ligeiramente a azeitonas e vinagre.

- E uma sopa-salada - disse Catherine. - Deliciosa.

- *Es gazpacho* - disse o criado. Beberam Valdepeñas, que comecou a trepar devido a mistura com o marisma, temperado unicamente com a diluicao do *gazpacho*, que diminuia o efeito.

- Que vinho e este? - perguntou Catherine.

- E um vinho africano - respondeu David.

- Costuma dizer-se que a Africa comeca nos Pireneus - disse Catherine. - Lembro-me como fiquei impressionada a primeira vez que ouvi isto.

- Isso e uma daquelas coisas que se dizem - comentou David. - E bastante mais complicado que isso. Bebe.

- Mas como e que eu hei-de saber onde comeca a Africa se nunca la estive? As pessoas estao sempre a enganar-nos.

- Claro. Isso ja se sabe.

- O Pais Basco de certeza que nao se parecia com a Africa nem com nada do que eu ouvi dizer sobre a Africa.

- Nem as Asturias ou a Galiza, mas da costa litoral a Africa e um salto.

- Mas por que razao nunca pintaram o pais? - perguntou Catherine. - Em todos os fundos aparecem sempre as montanhas e o Escorial.

- A sierra - disse David. - Ninguem queria comprar quadros com a Castela que tu viste. Nunca tiveram pintores de paisagens. Os pintores pintavam o que lhes mandavam.

- Excepto o caso de Toledo, de Greco. E horrível ter-se um país tão maravilhoso e não haver bons pintores que o pintem.

- Que vamos comer a seguir ao *gazpacho*? - perguntou David. O proprietário, um homem pequeno e atarracado, de meia idade, aproximara-se.

- Ele pensa que devemos comer carne.

- *Hay solomillo muy bueno* - insistiu o dono.

- Não, por favor - disse Catherine. - Só uma salada.

- Então, pelo menos, bebam mais um vinhito - disse ele, enchendo o jarro directamente do casco que se encontrava atrás.

- Eu não devia beber - disse Catherine. - Desculpa, estou a falar de mais. Desculpa se disse disparates. Habitualmente, digo.

- Falaste muitíssimo bem para um dia quente como este. O vinho torna-te faladora?

- Provoca uma reacção diferente da do absinto - disse Catherine. - Não me faz sentir perigosa. Comecei a minha nova vida e estou a ler e a olhar para a frente e a tentar não pensar muito em mim e vou continuar assim, mas não devíamos estar em nenhuma cidade nesta altura do ano. Talvez partamos. A caminho daqui vi coisas maravilhosas para pintar, mas nunca soube pintar.

- Sei de coisas maravilhosas para escrever e nem sequer consigo escrever uma carta que não seja estúpida. Nunca quis ser pintora nem escritora até chegar a este país. Agora, é como estar-se sempre esfomeado e não haver maneira de o remediar.

- O país está aqui. Não precisas de fazer nada. Estará sempre aqui. O Prado está aqui - disse David.

- Nada existe a não ser através de nós - disse ela. - E eu não quero morrer e que isto desapareça.

- Tens todos os quilómetros que percorremos. A paisagem amarela, as montanhas brancas, os cereais a ondular e as compridas filas de choupos ao longo da estrada. Sabes o que vistes e o que sentes e tudo isso te pertence. Não tens Le Grau du Roi e Aigues Mortes e toda a Camarga, por onde passamos de bicicleta? Isto é a mesma coisa.

- Mas é quando eu morrer?

- Quando morreres, morres.

- Mas não suporto essa ideia.

- Então não deixes que aconteça até ter de acontecer. Olha para as coisas e ouve e sente.

- E se não me conseguir lembrar?

- Ele falara da morte como se ela não importasse. Ela bebeu o vinho e olhou para as paredes grossas de pedra, onde havia pequenas janelas com barras que davam para uma rua estreita onde o sol não brilhava. A entrada, contudo, dava para uma arcada e a luz viva do Sol batia sobre as pedras gastas do patio.

- Quando se começa a viver fora de nós - disse Catherine - é perigoso. Talvez fosse melhor eu voltar para o nosso mundo, o meu e o teu, que eu inventei, que inventamos, quero dizer. Esse é que era um mundo bom. Foi só há quatro semanas. Talvez ainda voltemos.

Chegou a salada e só se viam verduras sobre a mesa escura e o sol no patio atrás da arcada.

- Sentes-te melhor? - perguntou David.

- Sim - respondeu ela. - Estava a pensar tanto em mim que me estava a tornar de novo impossível, como um pintor e como se eu fosse o meu próprio quadro. Era horrível. Agora que estou boa outra vez, espero que dure.

Chovera copiosamente e o tempo arrefecera. Encontravam-se na penumbra fresca e abrigada do quarto enorme do Palace, tinham tomado banho na água profunda da banheira e depois tinham retirado a tampa e a água escorrera com toda a força, molhando-os. Esfregaram-se mutuamente com os toalhões e depois foram para a cama. Ali, corria uma brisa fresca que entrava por entre as frestas das persianas. Catherine estava apoiada nos cotovelos e tinha o queixo sobre as mãos.

- Achas que seria engraçado se eu voltasse a ser um rapaz? Não custava nada.

- Gosto de ti tal como és agora.

- É tentador. Mas não devo fazê-lo em Espanha. É um país tão formal.

- Deixa-te ficar como estás.

- Por que razão a tua voz fica diferente quando dizes isso? Acho que vou fazê-lo.

- Não. Agora não.

- Obrigada pelo agora não. Devo então, desta vez, fazer amor como uma rapariga?

- És uma rapariga. És uma rapariga. És a minha querida Catherine.

- Sim, sou a tua rapariga e amo-te e amo-te e amo-te.

- Não fales.

- Falo, sim. Sou a tua Catherine e amo-te, e amar-te-ei sempre, sempre, sempre...

- Nao precisas de o estar sempre a dizer. Eu sei.

- Gosto de o dizer e tenho de o dizer e tenho sido boa rapariga e continuarei a se-lo. Prometo que sim.

- Nao precisas de prometer.

- Oh, sim, preciso. Digo-o e disse-o e tu tambem o disseste. Agora, diz tu, por favor. Agora tu.

Ficaram imoveis durante um grande bocado e ela disse:

- Amo-te tanto. Es tao bom marido.

- Querida.

- Fui aquilo que querias?

- Que te parece?

- Espero que sim.

- Foste.

- Prometo por tudo que continuarei a se-lo. Agora, posso ser de novo rapaz?

- Porque?

- So por um bocadinho.

- Mas porque?

- Porque gostei, e nao me faz falta mas gostaria de o ser novamente, a noite, na cama, se tu nao te importares. Posso? Nao te importas?

- Para o diabo, que me importe ou nao.

- Entao, posso?

- Queres mesmo? Ele evitou perguntar: «Tens mesmo de o fazer?». E ela disse:

- Nao, nao tenho, mas gostaria. Posso?

- Podes. Beijou-a e apertou-a contra si.

- Ninguem sabera como sou, excepto nos. So serei rapaz a noite, por isso nao ficaras embarcado. Nao te preocupes, por favor.

- Esta bem, rapaz.

- Menti-te quando disse que nao tinha de o fazer. Apareceu-me hoje, de repente, a vontade.

Ele fechou os olhos e nao pensou e ela beijou-o e ele sentiu o desespero.

- Agora muda. Por favor. Nao me facas mudar-te. Tenho de o fazer? Esta bem, faco-o. ja estas mudado. Estas, sim. Tambem mudaste. Sim, eu mudei, mas tu tambem. Sim, mudaste. Es o meu amor, Catherine. Es a minha querida e doce Catherine. Es a minha unica rapariga. Oh, obrigada. Obrigada, minha rapariga...



Ela deixou-se ficar ali quieta durante muito tempo e ele pensou que ela tinha adormecido. Entao, ela moveu-se muito lentamente, ergueu-se ligeiramente sobre os cotovelos e disse:

- Tenho uma surpresa maravilhosa para mim, amanha. Vou ao Prado ver os quadros todos como um rapaz.

- Desisto - disse David.

De manha, ele levantou-se enquanto ela ainda dormia e saiu para o ar fresco. Subiu a rua ate a Plaza Santa Ana, tomou o pequeno-almoco num cafe e leu os jornais locais. Catherine queria estar no Prado as dez, quando abrisse, e antes de sair ele pos o relógio a despertar para as nove. Ca fora, na rua, enquanto subia a colina pensava nela, a dormir, na bela cabeca desgrenhada que parecia uma moeda antiga contra a brancura do lencol, a almofada empurrada para o lado, o lencol de cima mostrando-lhe as curvas do corpo. Durou um mes, pensou ele, ou quase. E da outra vez, de Le Grau du Roi a Hendaia, tinham sido dois meses. Nao, menos, pois ela comecara a pensar naquilo em Nimes. Nao chegou a dois meses. «Estamos casados ha tres meses e duas semanas, e espero faze-la feliz, mas a este respeito acho que ninguem e capaz de tomar conta de ninguem. E suficiente participar. A diferenca e que desta vez ela Pediu», disse ele para si mesmo. «Ela pediu.»

Quando acabou de ler os jornais e pagou o pequeno-almoco e saiu para o calor, que regressara ao planalto quando o vento mudara de direccao, dirigiu-se para a polidez fria e formal do banco, onde levantou o correio que lhe tinha sido enviado de Paris. Abriu-o e leu-o enquanto aguardava e passava pelas diversas formalidades do acto de descontar um cheque que fora enviado do seu banco para aquela filial em Madrid.

Finalmente, com o grosso maco de notas enfiado no bolso do casaco, saiu ca para fora e dirigiu-se a um quiosque onde comprou jornais ingleses e americanos que tinham chegado de manha, no Sud-Express. Comprou umas revistas sobre corridas de touros para embrulhar os jornais e depois desceu a Carrera de San Geronimo, apanhando o ar frio da manha, ate ao Buffet Italiano. Ainda nao se encontrava la ninguem e lembrou-se que nao tinha combinado nada com Catherine.

- Que vai beber? - perguntou-lhe o criado.

- Cerveja - respondeu.

- Isto nao e nenhuma cervejaria.

- Nao tem cerveja?

- Temos, mas isto não é uma cervejaria.

- Pelo cu acima - disse ele e, enrolando novamente os jornais, saiu e atravessou a rua, virando a esquerda para a Calle Alvarez. Sentou-se a uma mesa sob um toldo e bebeu uma caneca de cerveja gelada.

Se calhar o criado estava só a fazer conversa, pensou, e o que o homem dissera até era verdade. «Isto não é nenhuma cervejaria.» Estava só a ser literal. Não estava a ser insolente. Fora mal educado e não tinha desculpa. Fora uma grande ma-criação. Bebeu em seguida uma segunda cerveja e chamou o criado para pagar.

- *Y la senhora?* - perguntou o criado.

- Esta no Museo del Prado. Vou lá busca-la.

- Então, até a volta - disse o criado. Regressou ao hotel tomando um atalho. A chave estava na recepção e ele subiu até ao quarto, deixou os papeis e o correio sobre a mesa e guardou a maior parte do dinheiro na mala. A cama já tinha sido feita e as gelosias estavam corridas para não deixar entrar o calor. Levantou-se, verificou o correio e retirou quatro cartas que enfiou no bolso. Levou as edições parisienses do *New York Herald*, do *Chicago Tribune* e do *London Daily Mail* e foi até ao bar, detendo-se na recepção para deixar a chave e pedir ao empregado que informasse Madame, quando chegasse, de que ele se encontrava no bar. Sentou-se num banco ao balcão, encomendou um marisimo e leu as cartas enquanto comia as azeitonas que o criado tinha posto à sua frente, que sabiam a alho. Uma das cartas continha dois recortes com críticas ao seu livro, publicadas em revistas mensais, e ele leu-as como se não tivessem nada a ver com ele ou com qualquer coisa que tivesse escrito.

Voltou a colocar os recortes dentro do envelope. Eram críticas simpáticas e inteligentes mas não lhe diziam nada. Leu a carta do editor com igual despreendimento. O livro estava a vender bem e pensavam que assim continuaria até ao Outono, embora nunca se pudesse ter a certeza em relação a estas coisas. Claro que até ali tinha sido muito bem recebido pela crítica e estava aberto o caminho para novo livro. Era uma grande vantagem que aquele fosse o seu segundo romance e não o primeiro. Era trágica a frequência com que os primeiros romances de escritores americanos eram os únicos bons. Mas este, continuava o editor, o segundo, só reforçava a promessa que o primeiro representara. Estava um Verão pouco normal em Nova Iorque, frio e húmido. «Oh, meu Deus», pensou David, «que me interessa o tempo em Nova Iorque?» E para o diabo com aquele estupor de lábios finos, o Coolidge, a pescar trutas metido num colarinho apertado, no viveiro de Black Hills, que roubamos aos

Sioux e aos Cheyeres. E para o diabo com a promessa que ele confirmara ser. Que promessa e feita a quem? Ao Dial, ao Bookman, ao New Republic? Nao, ele demonstrara-o. «Deixem-me mostrar-vos. Que merda!»

- Ola, meu jovem - disse uma voz. - Por que parece tao indignado?

- Ola, coronel - disse David, sentindo-se subitamente feliz. Que raio esta aqui a fazer?

O coronel, que tinha os olhos escuros, cabelo claro e um rosto bronzeado, que parecia ter sido moldado em pedra por um escultor cansado, agarrou no copo de David e provou o marismo.

- Traga-me uma garrafa disto que este jovem esta a beber disse para o criado. - Bem gelada. Nao e preciso gelo. Traga-a ja.

- Sim, senhor - disse o criado.

- Venha dai - disse o coronel para David, conduzindo-o para uma mesa num canto da sala. - Esta com muito bom aspecto.

- Voce tambem.

O coronel John Boyle trazia vestido um fato azul-escuro de um pano que parecia rijo mas fresco, uma camisa azul e gravata preta.

- Estou sempre bem - disse. - Queres um emprego?

- Nao - disse David.

- Assim mesmo. Nem perguntas o que e - comentou o coronel com voz rouca.

Chegou o vinho e o criado encheu dois copos e pousou sobre a mesa pratinhos com azeitonas temperadas com alho e nozes.

- Nao ha anchovas? - perguntou o coronel. - Mas que jonda e esta?

O criado sorriu e foi buscar as anchovas.

- Excelente vinho - disse o coronel. - De primeira. Sempre esperei que o teu gosto melhorasse. Entao, por que razao nao queres um emprego? Acabaste agora um livro.

- Estou em lua-de-mel.

- Que expressao pateta - disse o coronel. - Nunca gostei dela. Soa mal. Por que nao disseste que estas casado ha pouco tempo? Nao faz diferenca alguma.

- Qual era o trabalho?

- Nao vale a pena falar disso, agora. Com quem casaste? Alguem que eu conheca?

- Catherine Hill.

- Conheci o pai dela. Um tipo muito estranho. Matou-se num carro. A mulher tambem.

- Não cheguei a conhecê-los.
- Não o conhecestes?
- Não.
- Estranho. Mas muito compreensível. Não é grande perda como sogro. Dizem que a mãe dela era uma mulher muito só. Maneira estúpida de dois adultos morrerem. Onde conhecestes a rapariga?
- Em Paris.
- Ela tem um tio meio pateta que lá vive. Não vale nada. Conhece-lo?
- Já o vi nas corridas.
- Em Longchamps e Auteuil. Como pudeste fazê-lo?
- Não casei com a família dela.
- Claro que não. Mas acabamos sempre por fazê-lo. Mortos ou vivos.
- Não com os tios e tias.
- Bem, de qualquer maneira, diverte-te. Sabes, gostei do livro. Tem vendido bem?
- Muito bem.
- Comoveu-me profundamente - disse o coronel. - És um filho da puta de um aldrabão.
- Também tu, John.
- Espero bem que sim - disse o coronel. David avistou Catherine à porta e levantou-se. Ela aproximou-se deles e David disse:
- Este é o coronel Boyle.
- Como está, minha cara?
- Catherine olhou para ele, sorriu e sentou-se à mesa. David observou-a e pareceu-lhe que ela estava a sustentar a respiração.
- Estas cansada? - perguntou David. -
- Acho que sim.
- Beba um copo disto - disse o coronel.
- Será que posso tomar um absinto?
- Com certeza - disse David. - Eu também tomo um.
- Para mim, não - disse o coronel. - Esta garrafa já não está fresca. Ponha-a no gelo e traga-me um copo cheio bem fresco disse para o criado.
- Gosta do verdadeiro Pernod? - perguntou o coronel a Catherine.
- Gosto - respondeu ela. - Sou tímida com as pessoas, e o Pernod ajuda-me.
- É uma bebida excelente - disse ele. - Acompanha-la-ia, mas tenho de trabalhar depois do almoço.
- Desculpa não ter combinado nada contigo - disse David.

- Isto e muito agradavel.  
- Fui ao banco buscar o correio. Ha muitas cartas para ti. Deixei-as no quarto.

- Nao quero saber - disse ela.

- Via-a no Prado a admirar os Grecos - disse o coronel.

- Tambem o vi a si - respondeu ela. - Olha sempre para os quadros como se fosse dono deles e estivesse a decidir qual a melhor maneira de os pendurar?

- Provavelmente - disse o coronel. - E voce olha sempre para eles como se fosse o jovem chefe de uma tribo guerreira que se perdeu e admira a estatua Leda e o Osne?

Catherine corou sob a pele bronzeada, olhou para David e depois para o coronel.

- Gosto de si - comentou. - Diga-me mais coisas.

- Tambem gosto de si - disse ele. - E invejo David. Ele e tudo o que voce queria?

- Nao sabe?

- Para mim, o mundo visivel e visivel - disse o coronel. Agora, va la, beba mais um trago desse soro da verdade com sabor a absinto.

- Neste momento nao preciso.

- Ja nao se sente envergonhada? Beba. Faz-lhe bem. E a rapariga mais morena que vi ate hoje. O seu pai tambem era muito escuro.

- Devo ter herdado a pele dele. A minha mae era loira.

- Nao a conheci.

- Conheceu bem o meu pai?

- Muito bem.

- Como era ele?

- Era um homem dificil e encantador. Voce e mesmo timida.

- Sou. Pergunte ao David.

- Mas ultrapassou isso com muita facilidade.

- Voce ajudou. Como era o meu pai?

- Era o homem mais timido que conheci e as vezes era tambem o mais encantador.

- Ele tambem precisava de beber Pernod?

- Precisava de tudo.

- Faco-lhe lembrar o meu pai?

- De maneira alguma.

- Optimo. E o David?

- Tambem nao.

- Ainda melhor. Como e que soube que eu era um rapaz no Prado?

- Por que nao haveria de ser?

- So recomecei isso ontem a noite. Fui uma rapariga durante quase um mes. Pergunte ao David.

- Nao precisa de me mandar perguntar ao David. Quem e voce neste momento?

- Um rapaz, se nao se importar.

- Por mim esta bem. Mas nao e.

- So queria dizer-lo. Agora, que ja o disse, nao preciso de o ser. Mas foi maravilhoso no Prado. Por isso e que eu queria contar ao David.

- Tem muito tempo para contar ao David.

- Sim - disse ela. - Temos tempo para as coisas.

- Diga-me onde se bronzeou tanto - pediu o coronel. Sabe como esta bronzeada?

- Foi em Le Grau du Roi, perto de Napoule. Havia uma cova e um pequeno caminho que dava para o pinhal. Nao se avistava da estrada.

- Quanto tempo levou a bronzear-se assim?

- Cerca de tres meses.

- E que vai fazer com isso?

- Usa-lo - respondeu ela. - muito atraente na cama.

- Nao me pareceu que voce gostasse de o perder na cidade.

- No Prado nao perco. Tambem nao o uso. Sou eu. Sou mesmo assim escura. O Sol so acentua. Quem me dera ser mais escura.

- Entao, provavelmente vai ser - disse o coronel. - Tambem ha outras coisas que anseie?

- Todos os dias - respondeu Catherine. - Anseio pelo dia seguinte.

- E hoje tem sido um bom dia?

- Sim. Sabe que sim. Esteve la.

- Voce e o David querem almoçar comigo?

- Esta bem - disse Catherine. - Vou la acima mudar de roupa. Esperam por mim?

- Nao acabas a bebida? - perguntou David.

- Nao me apetece - disse ela. - Nao te preocupes comigo. Nao serei timida. Dirigiu-se para a porta e ambos ficaram a olha-la.

- Fui muito rude? - perguntou o coronel. - Espero que nao. Ela e uma joia de rapariga.

- So espero estar a altura dela.
- E estas. Como te tens sentido?
- Bem, acho eu.
- Es feliz?
- Muito.
- Lembra-te que tudo corre bem ate começar a correr mal. Dar-te-as conta quando estiver a correr mal.
- Acha que sim?
- Tenho a certeza. Se nao te aperceberes, nao interessa. Nessa altura, nada interessara.
- E sera rapido?
- Nao falei em velocidades. De que estas a falar?
- Desculpe. E o que tens, por isso diverte-te.
- E o que temos feito. Esta bem. So ha uma coisa.
- O que?
- Trata bem dela.
- E so isso que tem para me dizer?
- Mais uma coisa: as mudancas nao prestam. Nao ha ainda nenhuma mudanca. E mais simpatico mata-las. Melhor. Falaram durante um bocado sobre as pessoas e depois David viu Catherine aparecer a porta com um vestido branco que realcava o seu bronzeado.
- Esta lindissima - disse o coronel. - Mas tem de tentar ficar mais bronzeada.
- Obrigada - disse Catherine. - E o que vou fazer. Nao temos que sair agora para o calor, pois nao? Nao podemos ficar aqui ao fresco? Podemos comer no grill.
- Vao almocar comigo - disse o coronel.
- Nao, por favor. Voce e que vai almocar connosco. David levantou-se hesitante. Havia agora mais gente no bar. Olhando para a mesa reparou que tambem tinha tomado a bebida de Catherine. Nao se lembrava de ter bebido nenhuma delas.

Era a hora da *siesta*, estavam estendidos na cama e David lia iluminado pela luz que entrava pela janela a esquerda da cama. A luz reflectia-se do edificio do outro lado da rua. A cortina nao estava suficientemente puxada para deixar ver o ceu.

- O coronel gostou de me ver tao bronzeadada - disse Catherine. - Temos de voltar para o mar. Preciso de manter a cor.

- Iremos quando quiseses.

- Sera maravilhoso. Posso dizer-te uma coisa? Tenho de dizer.

- O que?

- Nao voltei a ser rapariga. Portei-me bem?

- Nao voltaste?

- Nao. Importas-te? Mas agora sou o teu rapaz e faco tudo por ti.

David continuou a ler.

- Estas zangado?

- Nao. «Estou sobrio», pensou ele.

- Agora e mais simples.

- Nao acho.

- Entao, vou ser cuidadoso. Hoje de manha tudo o que fiz pareceu tao certo e tao bom a luz do dia. Nao podia tentar agora para vermos?

- Preferia que nao.

- Posso beijar-te e tentar?

- Nao se fores um rapaz, porque eu sou um rapaz. Sentia o peito como se tivesse uma barra de ferro a prende-lo de um lado ao outro.

- Nao devias ter dito nada ao coronel.

- Mas ele viu-me, David. Foi ele quem puxou o assunto e entendeu tudo. Nao foi estupidez dizer-lhe. Foi melhor. Ele e nosso amigo. Se lhe dissesse, ele nao falaria. Se nao lhe dissesse nada, tinha todo o direito de o fazer.

- Nao se pode confiar assim nas pessoas.

Nao me interessam as pessoas. So me interessas tu. Nao iria provocar escandalos com outras pessoas.

- Parece que tenho o peito apertado por um ferro.

- Que pena. O meu esta tao feliz.

- Querida Catherine.

- Que bom. Chama-me Catherine sempre que queiras. Tambem sou a tua Catherine. Sou sempre a Catherine quando precisares dela. Vamos dormir, ou e melhor comecar e ver o que acontece?

- Primeiro, vamos ficar aqui estendidos as escuras - disse David, baixando o estore. Ali ficaram deitados lado a lado, no quarto enorme do Palace, em Madrid, onde Catherine entrara no Museo del Prado a luz do dia como um rapaz e agora mostraria as coisas obscuras a luz, e parecia-lhe a ele que a mudanca nunca mais teria fim.



De manha, no Buen Retiro estava tao fresco como se fosse floresta. Tudo era verde e os troncos das arvores eram escuros e as distancias eram novas. O largo ja nao estava no mesmo sitio e quando o avistaram por entre as arvores estava diferente.

- Vai andando - disse ela. - Quero olhar para ti. Entao afastou-se dela, foi ate junto de um banco e sentou-se. A distancia, via um lago, mas encontrava-se longe de mais para ir ate la a pe. Sentou-se no banco e ela sentou-se a seu lado e disse:

- Pronto. Mas o remorso perseguira-o ali no Retiro e agora era tao forte que ele disse a Catherine que se encontraria com ela no cafe do Palace.

- Estas bem? Queres que va contigo?

- Nao. Estou bem. Preciso de ir.

- Entao, encontramos-nos la - disse ela. Estava particularmente bonita nessa manha e sorriu ao pensar no segredo deles e ele sorriu-lhe e levou os seus remorsos para o cafe. Pensava que nao iria conseguir mas conseguiu e quando Catherine apareceu ele terminava o segundo absinto e o remorso tinha desaparecido.

- Como estas, Demonio? - perguntou.

- Sou o teu demonio? - perguntou ela. - Posso tomar uma coisa dessas, tambem?

O criado desapareceu, satisfeito por ve-la tao bonita e feliz e ela perguntou:

- Que se passou?

- Senti-me mal, mas agora ja passou.

- Foi mau?

- Nao - mentiu ele.

Ela abanou a cabeça.

- Lamento. Esperava que nao se passasse nada de mal. - Ja passou.

- Ainda bem. Nao e maravilhoso estar aqui no Verao e nao haver ninguem? Lembrei-me de uma coisa.

- Ja?

- Podemos ficar e nao ir para o mar. Isto e novo, agora. A cidade e isto. Podiamos ficar aqui e depois seguir directamente para La Napoule.

- Nao podemos ir a muitos mais sitios.

- Nao digas isso. Ainda agora comecamos.

- Sim... Podemos sempre voltar onde comecamos.

- Claro que sim e e o que faremos.

- Nao vamos falar nisso agora - disse ele. Sentira aquilo de novo e bebeu um bom trago.

- E uma coisa muito estranha - disse ele. - Esta bebida tem exactamente o sabor do remorso. Tem o verdadeiro sabor e ao mesmo tempo leva-o.

- Nao gosto que vejas as coisas assim. Nao somos assim. Nao devemos ser.

- Talvez eu seja.

- Nao deves ser. Ela bebeu um trago do copo e mais outro e olhou a volta e depois para ele. \_ Eu posso faze-lo. Olha para mim e ve. Aqui no cafe do Palace, em Madrid, e podes ver o Prado, a rua e as arvores, e e tao real. E terrivelmente brusco. Mas consigo faze-lo. Podes ver. Olha. Os labios sao outra vez da tua rapariga e eu sou tudo o que queres que eu seja. Nao consegui? Diz-me.

- Nao precisavas.

- Gostas de mim como rapariga - disse ela com ar serio e depois sorriu.

- Sim.

- Ainda bem - disse ela. - Ainda bem que alguem gosta, pois as vezes e muito aborrecido.

- Entao, nao o facas.

- Nao me ouviste dizer que o fazia? Nao me viste faze-lo? Queres que eu me parta em dois so porque nao te consegues decidir? So porque nao te decides?

- Nao te podes calar?

- Por que razao me haveria de calar? Queres uma rapariga, nao queres? Entao, nao queres tudo o que faz parte dela? Cenas, histeria, falsas acusacoes, temperamento, nao e? Estou a conter-me. Nao vou fazer cenas em frente do criado. Vou ler o raio do correio. Podes mandar buscar o meu correio?

- Vou la eu busca-lo.

- Nao. Eu nao devo ficar aqui sozinha.

- Pois nao - disse ele.

- Estas a ver? Por isso e que eu disse para o mandares buscar.

- Eles nao dariam a chave do quarto a um *botones*. Por isso e que eu disse que iria.

- Estou farta - disse Catherine. - Nao vou agir assim. Por que haveria de agir assim contigo? Fui ridicula e indigna. Fui tao pateta que nem te vou pedir desculpa. Alias disso, tenho de ir ao quarto, de qualquer maneira.

- Agora?

- Porque sou uma mulher como deve ser. Pensei que, se fosse uma rapariga e permanecesse rapariga, ao menos poderia ter um bebe. Nem sequer isso.

- A culpa pode ser minha.

- Nao falemos de culpas. Tu ficas aqui e eu trago-te o correio. Leremos as cartas e seremos turistas americanos inteligentes e simpaticos que estao desiludidos porque vieram para Madrid na epoca errada.

Ao almoco, Catherine disse:

- Vamos voltar para La Napoule. Nao esta la ninguem, teremos calma e sera bom, trabalharemos e tomaremos conta um do outro. Podemos ir ate Aix e visitar a regio de Cezanne. Nao ficamos la o tempo suficiente.

- Vai ser maravilhoso.

- Nao e cedo de mais para recomences a trabalhar, pois nao?

- Nao. Seria bom comecar agora.

- Vai ser maravilhoso e eu estudarei espanhol, para quando ca voltarmos.

E tenho tanto para ler.

- Temos imenso que fazer.

- E fa-lo-emos, tambem.

## LIVRO TRES

O novo plano durou pouco mais de um mes. Ficaram com tres quartos ao fundo da casa cor-de-rosa de estilo provençal, onde ja tinham ficado antes. Estava situada entre os pinheiros do lado de La Napoule que dava para Esterel. Das janelas via-se o mar e do jardim frente a casa, onde faziam as refeicoes, sob as arvores, avistavam as praias vazias, a erva alta no delta de um ribeiro, e do outro lado da baia ficava a curva de Cannes com as colinas e as montanhas distantes, atras. Nao havia mais hospedes na casa e tanto o proprietario como a mulher estavam satisfeitos por os terem ali. O quarto deles era o maior ao fundo. Tinha janelas em tres lados e estava fresco. A noite aspiravam o cheiro dos pinheiros e do mar. David trabalhava no quarto mais ao fundo. Comecava de manha cedo e quando acabava ia ter com Catherine e, juntos, iam ate a gruta nas rochas, onde havia areia para se estenderem e mar para nadarem.

As vezes, Catherine tinha saído de carro e entao ele esperava por ela e tomava uma bebida no terraco. Era impossivel beber licor depois do absinto, e ele habituara-se a beber uisque com agua Perrier. Isto agradava ao proprietario, que estava a fazer um bom negocio com a presenca do casal Bourne numa epoca morta. Nao contratara nenhuma cozinheira e era a sua mulher quem preparava as refeicoes. Uma criada limpava os quartos, e um sobrinho, que era aprendiz de criado de mesa, servia-os. Catherine gostava de conduzir o pequeno automovel e fazia muitas viagens de compras a Cannes e a Nice. As grandes lojas de Inverno estavam fechadas, mas descobriu onde se comiam petiscos e onde havia coisas para beber, assim como locais onde podia comprar livros e revistas.

David trabalhara arduamente durante quatro dias. Tinham passado toda a tarde ao sol, na nova gruta, e tinham estado na agua ate se sentirem cansados. Depois, a tardinha, regressaram a casa, com sal nos corpos e nos cabelos, tomaram uma bebida, um duche e mudaram de roupa. A brisa do mar entrava pela janela, fazia fresco e eles estavam estendidos sobre a cama, lado a lado, cobertos com o lencol, e Catherine disse:

- Tu disseste que eu e que devia dizer.
- Eu sei. Curvou-se sobre ele, agarrou-lhe a cabeca e beijou-o.
- Quero tanto. Posso? Posso?

- Claro.

- Estou tao feliz. Fiz tantos planos - disse ela. - E desta vez nao me vou portar mal.

- Que tipo de planos?

- Posso dizer-te, mas seria melhor mostrar-te. Podemos faze-lo amanha. Queres ir comigo?

- Aonde?

- A Cannes, onde fui da ultima vez que aqui estivemos. Ele e um optimo cabeleireiro. Somos amigos e ainda e melhor do que em Biarritz, porque percebeu logo.

- Que tens andado a fazer?

- Fui falar com ele esta manha enquanto estavas a trabalhar, expliquei-lhe e ele analisou e disse que estava optimo. Disse-lhe que ainda nao tinha resolvido, mas se resolvesse tentaria que tu cortasses o teu da mesma maneira.

- Como e o corte?

- Vais ver. Vamos os dois. Ele esta muito entusiasmado. Acho que e por ele ser maluco pelo Bugatti. Tens medo?

- Nao.

- Estou ansiosa. Ele quer aclarar-lo mas tivemos medo que nao gostasses.

- O sol e a agua do mar aclaram-no.

- Mas assim ficaria muito mais loiro. Ele disse que o poria tao loiro como o dos Escandinavos. Imagina como ficaria bem com a nossa pele bronzada. E tambem podiamos aclarar o teu.

- Nao. Sentir-me-ia esquisito.

- Quem conheces aqui para que possa fazer diferenca? De qualquer modo, ele ja esta mais claro devido a agua do mar.

Ele nao respondeu e ela disse:

- Nao tens de o fazer. Faco so eu e depois talvez tambem queiras. Veremos.

- Nao facas planos, Demonio. Amanha levanto-me muito cedo para trabalhar e tu ficas a dormir o tempo que quiseses.

- Entao escreve tambem por mim - disse ela. - Nao interessa que digas que fui ma. Poe la que te amo muito.

- Ja vou quase no fim.

- Vais publica-lo ou seria mau faze-lo?

- So tentei escreve-lo.

- Poderei ler?

- Se conseguir po-lo bem.

- Ja me sinto tao orgulhosa e ainda nao temos livros a venda, nem para os criticos, e entao nao vai haver recortes dos jornais e tu nunca teras consciencia disso e ficaremos com isto para nos.

David Bourne acordou com a claridade, vestiu calcoes e uma camisa e saiu. A brisa morrera. O mar estava calmo e o dia cheirava a orvalho e pinheiros. Atravessou descalco o terraco em direcção ao quarto de trabalho e sentou-se a secretaria. As janelas tinham ficado abertas de noite e o quarto estava fresco e cheio de promessas matinais.

Estava a escrever acerca da estrada que ia de Madrid a Saragoca e do subir e descer da estrada a medida que a velocidade aumentava e entravam na regioao de flores encarnadas, e o carrito, na estrada poeirenta, apanhou o comboio Expresso, e Catherine foi ultrapassando delicadamente cada carruagem e depois a maquina e entao virara para a esquerda e o comboio desaparecera no tunel.

- Tive-o - dissera. - Mas desapareceu. Diz-me se conseguirei te-lo de novo.

Ele olhara para o mapa Michelin e dissera:

- Durante um bocado, nao.

- Entao, vamos ver a paisagem. A medida que a estrada se foi tornando ingreme, viam-se choupos ao longo do rio e a estrada tornou-se mais ingreme e ele sentiu o carro adaptar-se-lhe e depois o piso tornar-se regular.

Mais tarde, quando ouviu a voz dela no jardim, parou de escrever. Guardou os manuscritos na pasta e saiu, fechando a porta atras de si. A empregada utilizaria a sua chave para fazer a limpeza.

Catherine estava sentada no terraco a tomar o pequeno-almoco. Sobre a mesa havia uma toalha aos quadrados vermelhos e brancos.

Trazia vestida a velha camisa as riscas de Le Grau du Rol, lavada e ja gasta, calcas novas de flanela cinzenta e alpercatas.

- Ola - disse. - Nao consegui dormir ate tarde.

- Estas linda.

- Obrigada. Sinto-me linda.

- Onde arranjaste essas calcas?

- Mandeí-as fazer em Nice, a um bom alfaiate. Estao bem?

- Estao muito bem cortadas. Parecem novas. Vais usa-las na cidade?

- Não é cidade. Cannes está na época baixa. Para o ano toda a gente as usará. As pessoas estão agora a usar as nossas camisas. Não ficam bem com saias. Não te importas, pois não?

- Não. Tem muito bom aspecto. E estão tão bem passadas a ferro!

Após o pequeno-almoço, enquanto David se barbeava e tomava banho e vestia um velho par de calças de flanela e a camisa de pescador e procurava as suas alpercatas, Catherine vestiu uma camisa de linho azul aberta à frente e uma saia branca e pesada de linho.

- Estamos melhor assim. Ainda que possa usar as calças aqui, dão muito nas vistas, numa manhã destas. Vou poupar-las.

O cabeleireiro era muito simpático mas muito profissional. Monsieur Jean, que devia ter a mesma idade de David e parecia mais italiano que francês, disse:

- Vou cortar como ela quer. Concorda, Monsieur?

- Não pertence ao sindicato - respondeu David. - Isso é com vocês os dois.

- Talvez deveríamos experimentar em Monsieur - disse Monsieur Jean. - Só para o caso de alguma coisa correr mal.

Mas Monsieur Jean começou a cortar cuidadosa e habilmente o cabelo de Catherine e David pôs-se a observar aquele rosto sério e bronzeado sobre o lenço que trazia atado ao pescoço. Ela olhou pelo espelho de mão e viu o pente e a tesoura erguerem-se e cortarem. O homem trabalhava como um escultor, absorto e sério.

- Pensei muito durante toda a noite e esta manhã - disse o cabeleireiro. - Pode não acreditar, Monsieur, que eu não levo à mal. Mas isto é tão importante para mim quanto a sua profissão e para si.

Recuou para observar a forma. Depois, deu mais umas tesouradas e finalmente voltou à cadeira de modo que o espelho grande ficou reflectido no pequeno que Catherine segurava.

- Quere-o assim por cima das orelhas? - perguntou ela ao cabeleireiro.

- Como quiser. Posso pô-lo mais *degagé*, se lhe agradar. Mas vai ficar belíssimo, uma vez que o vamos por mesmo loiro.

- Quero-o loiro. Ele sorriu.

- Madame e eu já tínhamos falado disto. Mas eu disse que deveria ser Monsieur a decidir.

- Monsieur já decidiu - disse Catherine.

- Como é que Monsieur o deseja?

- O mais loiro possível - disse ela.

- Não diga isso - disse Monsieur Jean. - Tem de me explicar.



- Tao claro como as minhas perolas - disse Catherine. ja as viu muitas vezes.

David aproximara-se e observava Monsieur Jean, mexendo um frasco de champo com uma colher de pau.

- Mando fazer os champos com sabonetes de *castile* - disse o cabeleireiro. - E quente. Por favor, venha ate ao lavatorio. Incline-se para a frente - acrescentou - e ponha esta toalha sobre a testa.

- Mas nao e um corte de rapaz - disse Catherine. - Queria-o conforme combinamos. Esta tudo mal.

- Nao podia ser mais a rapaz. Acredite-me. Ele cobria-lhe agora a cabeca com a espuma do champo, que tinha um cheiro acre.

Depois de o cabeleireiro ter esfregado a cabeca varias vezes com champo e de ter passado por agua repetidas vezes, pareceu a David que o cabelo ja nao tinha cor e a agua mostrava so uma palidez humida. O cabeleireiro enrolou-lhe uma toalha na cabeca e esfregou-a com suavidade. Estava muito seguro de si.

Nao desespere, Madame - disse ele. - Por que razao iria eu fazer algo contra a sua beleza?

- Estou desesperada e nao ha beleza nenhuma. Ele secou-lhe gentilmente a cabeca e comecou a seca-la com um secador, penteando-lhe o cabelo para a frente.

- Agora, veja - disse. A medida que o cabelo secava ia-se tornando mais prateado e ficaram a ve-lo mudar de cor.

- Nao devia ter desesperado - disse Monsieur Jean, sem acrescentar a palavra Madame, e depois, lembrando-se: - Madame queria-o loiro?

- Esta melhor que as perolas - disse ela. - Voce e um grande homem e eu sou horrivel. Depois, ele untou as maos com algo que tirou de um frasco.

- So um bocadinho disto - disse. Sorriu satisfeito para Catherine e passou-lhe as maos, ao de leve, pela cabeca.

Catherine levantou-se e olhou-se ao espelho. Nunca tivera o rosto tao moreno e o cabelo era como a casca branca de um vidoeiro.

- Gosto tanto - disse. - Tanto. Olhou para o espelho como se nunca tivesse visto a rapariga que tinha a sua frente.

- Agora, vamos tratar de Monsieur - disse o cabeleireiro. Monsieur deseja cortar? E muito conservador mas ao mesmo tempo desportivo.

- O corte - disse David. - Acho que ja nao corto o cabelo ha um mes.

- Por favor, faz um corte igual ao meu - pediu Catherine.

- Mas mais curto - disse David.

- Nao. Igual, por favor. Depois de ter o cabelo cortado, David levantou-se e passou a mao pela cabeca. Sentia-se fresco e confortavel!

- Nao vais deixar que ele to ponha mais claro?

- Nao. Ja chega de milagres num so dia.

- So um pouquinho?

- Nao. David olhou para Catherine e depois para o seu proprio rosto, pelo espelho. Estava tao bronzeado quanto ela e tinha o mesmo corte de cabelo. - Queres assim tanto?

- Quero, sim, David. Muito. So um bocadinho, por favor. Ele olhou mais uma vez para o espelho e depois sentou-se. O cabeleireiro olhou para Catherine.

- Va la, faca - disse ela.

O patrao estava sentado numa das mesas do terraco da casa comprida com uma garrafa de vinho, um copo e uma chavena vazia e lia o *Eclairer de Nice*, quando o automovel azul apareceu apressado e Catherine e David saíram, dirigindo-se para o terraco. Nao os esperava tao cedo e estava quase a dormir, mas levantou-se e disse a primeira coisa que lhe veio a cabeca:

- *Monsieur et Madame ont fait, colorer les cheveux. C'est bien.*

- *Merci, Monsieur. On le fait toujours dans le mois ripat.*

- *C'est bien. C'est tres bien.*

- Que simpatico - disse Catherine para David. - Nos somos bons clientes. E o que o bom cliente faz e sempre *tres bien*. *Tu es tres bien*. E es mesmo.

O quarto deles estava frio e corria uma agradavel brisa vinda do mar.

- Adoro essa camisa azul - disse David. - Deixa-te ficar ai para eu olhar.

- E da cor do carro - disse ela. - Achas que ficava melhor sem a saia?

- Tudo em ti fica melhor sem saia - disse ele. - Vou la fora falar com aquele bode velho e ser ainda um cliente melhor.

Voltou com um balde de gelo e uma garrafa de champanhe que o proprietario tinha encomendado e que eles tinham bebido tao poucas vezes e trazia tambem dois copos na outra mao.

- Isto e um bom aviso para eles - disse.

- Nao precisamos disso - disse Catherine.

- Podemos experimentar. Nao leva quinze minutos a arrefecer.

- Nao me arrelies. Por favor, vem para a cama e deixa-me verte e sentir-te.

Ela puxou-lhe a camisa sobre a cabeca e ele levantou-se para a ajudar.

Depois de ela ter adormecido, David levantou-se e olhou-se ao espelho do quarto de banho. Agarrou mima escova e escovou o cabelo. Da maneira que estava cortado nao podia escovar de outra forma. Tinha de cair assim e a cor era igual a do cabelo de Catherine. Foi ate a porta e olhou para ela, na cama. Depois, voltou para tras e agarrou no grande espelho de mao.

«Entao e assim», disse para si proprio. «Fizeste isso ao cabelo e cortaste-o igual ao dela, ao da tua rapariga. E como te sentes?», perguntou para o espelho. «Como te sentes? DIZ.»

Gostas», respondeu. Olhou para o espelho e foi outra pessoa que viu, mas menos estranha agora.

Pronto. Gostas», disse ele. «Agora, avanca com o resto, o que quer que seja, e nunca digas que alguém te tentou ou te obrigou.»

Olhou para o rosto que ja nao lhe era estranho, mas era o seu, e disse:

«Gostas. Lembra-te disso. Mete isso na cabeça. Sabes bem qual e o teu aspecto e como te sentes.»

Claro que nao sabia bem como se sentia. Mas fez um esforco, ajudado pelo que vira no espelho.

Nessa noite, comeram o jantar no terraco em frente a casa, estavam muito excitados e divertiram-se a olhar um para o outro a luz fraca da mesa. Depois do jantar, Catherine disse para o rapaz que trouxera o cafe:

- Va buscar o balde de gelo ao nosso quarto e ponha la outra garrafa, por favor.

- Queremos outra? - perguntou David.

- Acho que sim. Tu nao queres?

- Claro.

- Nao es obrigado a beber.

- Queres *un fine*?

- Nao. Prefiro beber vinho.

- Tens de trabalhar amanha?

- Veremos.

- Se te apetece, por favor trabalha. E esta noite? ja tratamos desta noite. Foi um dia tao arduo.

A noite estava muito escura e eles ouviam o barulho do vento nos pinheiros.

- David?

- SIM.

- Como estas, rapariga?

- Estou ótimo.

- Deixa-me sentir o teu cabelo, rapariga. Quem o cortou? Foi Jean? Está tão bem cortado, e igual ao meu. Deixa-me beijar-te, rapariga. Oh, tens uns lábios tão belos. Fecha os olhos, rapariga.

Ele não fechou os olhos mas estava escuro no quarto e lá fora o vento soprava sobre as árvores

- Sabes, não é fácil ser rapariga, quando se é uma de verdade. Quando se sentem verdadeiramente as coisas.

- Eu sei.

- Ninguém sabe. Digo-te quando fores a minha rapariga. Não é que sejas insaciável. Eu sacio-me com facilidade. Só que alguns sentem e outros não. Acho que as pessoas mentem em relação a isso. Mas é tão bom sentir-te e abraçar-te. Sou tão feliz. Se a minha rapariga é ama-me como eu te amo. Ama-me mais. O mais que puderes, agora. Tu, agora. Sim, tu. Por favor, tu.

Desciam a colina em direcção a Cannes e o vento soprava com força enquanto entravam nas praias planas e desertas, a erva alta curvando-se quando atravessavam a ponte sobre o rio e ganhavam velocidade no último troço de estrada antes da cidade. David pegou na garrafa que estava fresca e envolta numa toalha, bebeu um trago e sentiu o carro acompanhar a pequena inclinação da estrada. Não trabalhara nessa manhã, e agora, quando já tinham passado a cidade e se encontravam de novo no campo, ele desenvolveu a garrafa e bebeu mais um trago e ofereceu-lhe.

- Não preciso - disse Catherine.

- Sinto-me tão bem.

- Muito bem.

Passaram por Golfe-juan e pelo bistro e pelo pequeno bar e depois atravessaram o pinhal e seguiram ao longo da praia amarela de Juan-les-Pins. Atravessaram a pequena península, passaram por Antibes, seguindo ao lado da via férrea e depois novamente pela cidade e junto ao porto e pela muralha quadrada, e saíram novamente para campo aberto.

- Nunca dura muito - disse ela.

- Faço sempre este bocado depressa de mais. Pararam e almocaram ao abrigo de um antigo muro de pedra que fazia parte das ruínas de algum edifício, e ao lado corria um ribeiro límpido que saía das montanhas e atravessava a planície em direcção ao mar. O vento soprava com força vindo

das montanhas. Estenderam um cobertor no chão, sentaram-se junto ao muro e admiraram a paisagem, que incluía o mar ondulado pelo vento.

- Não foi um grande sítio para vir - disse Catherine. Não sei do que estava a espera.

Levantaram-se e olharam para as colinas com as suas aldeias e para as montanhas cinzentas e purpúreas, lá atrás. O vento fustigou-lhes os cabelos e Catherine apontou para uma estrada por onde uma vez já conduzira.

- Podíamos ter ido lá para cima - disse. - Mas é tão fechado e pitoresco. Detesto aquelas aldeias encravadas.

- Este sítio é bom - disse David. - Tem um ribeiro ótimo e não podíamos ter arranjado um muro melhor.

- Estas a ser simpático. Não precisas. É um bom abrigo e eu gosto do sítio. Viramos as costas a tudo o que seja pitoresco.

Comeram ovos recheados, frango assado e pão fresco, que barraram com mostarda Savora, e beberam rose.

- Sentes-te bem, agora? - perguntou Catherine.

- Claro.

- E não te sentiste mal?

- Não.

- Nem em relação a alguma coisa que eu disse?

David bebeu um trago de vinho e respondeu:

- Não, nem sequer pensei nisso. Ela levantou-se e ficou contra o vento, que lhe colou a camisola aos seios e fustigou o cabelo, e olhou para ele com o rosto tisonado e sorriu. Virou-se e olhou para o mar, que ondulava, devido ao vento.

- Vamos a Cannes comprar os jornais e lê-los no café - disse ela.

- Tu queres e mostrar-te.

- E porque não? É a primeira vez que saímos juntos. Importas-te?

- Não, Demónio. Por que razão haveria de me importar?

- Se tu não quisesse, eu também não queria.

- Mas disseste que sim.

- Quero fazer o que tu quiseres. Não posso ser mais condescendente do que isto, pois não?

- Ninguém quer que sejas condescendente.

- Vamos parar com isto. Só queria portar-me bem, hoje. Porque estragar tudo? Vamos limpar isto para irmos embora.

- Para onde?

- Para qualquer lado. Para o raio do café.

## LIVRO QUATRO

Compraram os jornais em Cannes e a ultima *Vogue* francesa, o *Chasseur Francais* e o *Miroir des Sports* e sentaram-se numa mesa em frente ao cafe, resguardados do vento, e tomaram duas bebidas, novamente amigos. David bebeu Haig e Perrier e Catherine Armagnac e Perrier.

Duas raparigas que tinham estacionado o carro na rua aproximaram-se do cafe, sentaram-se e mandaram vir um Chambery Cassis e um fine a l'eau.

- Quem sao aquelas duas? - perguntou Catherine. Sabes?

- Nunca as vi.

- Eu ja. Devem viver aqui perto, vi-as em Nice.

- Uma delas e bonita - disse David. - E tem umas belas pernas.

- Sao irmas - disse Catherine. - E sao as duas bonitas.

- Uma delas e mais que a outra. Nao sao americanas. As raparigas discutiam e Catherine disse para David:

- Acho que e uma grande discussao.

- Como soubeste que eram irmas?

- Pensei que vivessem em Nice. Agora, nao tenho a certeza.

O carro tem matricula suica.

E um velho Isotta. Vamos ficar a ver o que acontece? Ha muito que nao assistimos a nenhum drama.

- Acho que e uma discussao a italiana.

- Deve ser a serio, pois estao as duas muito calmas.

- Mas vai aquecer. Aquela ali e terrivelmente bonita.

- Pois e. Ai vem ela.

- Desculpem - disse a rapariga, em ingles. - Por favor, desculpem.

- Sente-se - disse David.

- Quer sentar-se? - perguntou Catherine.

- Nao devia. A minha amiga esta furiosa comigo. Mas eu disse-lhe que voces compreendiam. Desculpam-me?

- Desculpamo-la? - perguntou Catherine a David.

- Sim, vamos desculpa-la.

- Eu sabia que iam entender - disse a rapariga. - So quero que me digam onde cortaram o cabelo. - Corou e acrescentou: Ou sera como copiar um modelo? A minha amiga disse que ainda era mais ofensivo.

- Vou escrever-lhe a morada - disse Catherine.  
- Estou muito envergonhada - disse a rapariga. - Não se ofenderam?  
- Claro que não - respondeu Catherine. - Quer tomar uma bebida conosco?

- Não devia. Posso chamar a minha amiga? Regressou a mesa e houve uma troca de palavras desagradáveis em voz baixa.

- A minha amiga lamenta mas não pode vir - disse a rapariga. - Mas espero que nos voltemos a encontrar. Foram tão simpáticos.

- E esta? - perguntou Catherine quando a rapariga voltou para junto da amiga. - Ela vai voltar para perguntar onde mandaste fazer as calças.

A discussão continuava na outra mesa. Depois, levantaram-se as duas e aproximaram-se.

- Posso apresentar a minha amiga...

- Sou a Nina.

- O nosso nome é Bourne - disse David. - Que simpáticas em se juntarem a nós.

- Vocês e que foram simpáticos em nos convidar - disse a mais bonita. - Fomos muito atrevidas - disse, corando.

- É muito lisonjeador - disse Catherine. - Mas ele é um bom cabeleireiro.

- Deve ser - disse a mais bonita. Tinha uma forma ofegante de falar e voltou a corar. - Vim-a em Nice - disse para Catherine. - Nessa altura, quis perguntar-lhe.

Ela não vai corar outra vez», pensou David. Mas corou.

- Qual de vocês vai cortar o cabelo? - perguntou Catherine.

- Sou eu - disse a mais bonita.

- Eu também, minha estúpida - disse Nina.

- Disseste que não.

- Mudei de ideias.

- Eu vou cortar mesmo - disse a mais bonita. - Temos de ir, agora. Vocês costumam vir aqui ao café?

- Às vezes - respondeu Catherine.

- Então espero voltar a vê-los - disse a mais bonita. Adeus e obrigada por terem sido tão gentis.

As raparigas foram para a sua mesa. Nina chamou o criado, pagaram a conta e saíram.

- Não são italianas - disse David. - Uma delas é bonita mas cora demasiado.



- Esta apaixonada por ti.
- Claro. Foi a mim que ela encontrou em Nice.
- Bem, se for por mim, não tenho culpa. Não é a primeira rapariga que se apaixonou por mim.
- E a Nina?
- Essa cabra... - disse Catherine.
- Ela era um lobo. julguei que era divertido.
- Não achei nada divertido - disse Catherine. - Achei triste.
- Eu também. - Arranjamos outro café- disse ela. - De qualquer modo, elas já foram embora.
- Eram muito estranhas.
- Eu sei - disse ela. - Mas uma delas era simpática. Tinha uns olhos lindos. Reparaste?
- Mas corava muito.
- Gostei dela. Tu não?
- Acho que sim.
- As pessoas que não coram não valem nada.
- Nina corou uma vez - disse David.
- Eu podia ser muito rude com Nina.
- Isso não a afectaria.
- Não. Ela está bem couraçada.
- Queres beber mais alguma coisa antes de voltarmos para casa?
- Não preciso. Bebe tu.
- Não preciso.
- Bebe outra. Costumas tomar duas bebidas ao fim da tarde. Eu tomo uma pequenina para te fazer companhia.
- Não. Vamos para casa.

De noite, ele acordou e ouviu o rugir do vento e puxou o lençol para cima e fechou novamente os olhos. Sentiu a respiração dela e voltou a fechar os olhos. Sentiu a respiração dela, suave e regular, e depois voltou a adormecer.

Era o segundo dia de ventania. Ele interrompeu a narrativa da viagem, para escrever uma história que lhe ocorrera quatro ou cinco dias antes e que provavelmente desenvolvera, pensou, nas duas últimas noites enquanto dormia. Sabia que não era bom interromper um trabalho iniciado, mas sentia-se confiante e seguro, e decidiu deixar a narrativa para mais tarde e escrever a história antes que a ocasião fugisse.

A historia começava sem dificuldade, como acontece com as historias que estão prontas a ser escritas, e chegou ao meio e pensou que era melhor interromper até ao dia seguinte. Se não conseguisse manter-se afastado dela durante o intervalo, então retomava-a. Mas esperava conseguir aguentar-se até ao dia seguinte. Era uma boa historia e agora lembrava-se que já tencionava escrevê-la havia muito. Não lhe viera a cabeça nos últimos dias. Aí a sua memória falhava. O que lhe acontecera fora a necessidade de escrever. Agora sabia como havia de acabar a historia. Sempre soubera o que era o vento e os ossos branqueados pela areia, mas tinham desaparecido, e agora estava a inventar tudo. Era agora verdade, porque lhe tinha acontecido quando escrevera, e só os ossos estavam mortos e espalhados atrás de si.

Sentia-se cansado e feliz com o seu trabalho quando deu com o bilhete de Catherine dizendo que não o quisera incomodar, que fora dar um passeio e que estaria de volta a hora do almoço. Saiu do quarto, encomendou o pequeno-almoço e, enquanto esperava, Monsieur Aurol, o proprietário, aproximou-se e falaram acerca do tempo. Monsieur Aurol disse que o vento às vezes soprava assim. Não era um verdadeiro mistral, à época assim o garantia, mas provavelmente iria soprar durante três dias. O tempo andava irregular, Monsieur com certeza já tinha reparado. Se alguém fosse verificar, dar-se-ia conta de que não voltara a ser normal desde a guerra.

David respondeu que não tinha podido verificar porque andara em viagem, mas que sem dúvida o tempo andava estranho. Não só o tempo, acrescentara Monsieur Aurol, tudo estava mudado e o que não estava para lá se encaminhava rapidamente. Talvez até fosse tudo para melhor e ele não tinha nada a opor. Monsieur, como homem do mundo que era, naturalmente também via as coisas assim.

- Sem dúvida - disse David, procurando uma imbecilidade definitiva. - É necessário rever os *cadres*.

- Precisamente - disse Monsieur Aurol. Ficaram as coisas neste pé, e David acabou o seu *café-creme*, leu o *Miroir des Sports* e começou a sentir a falta de Catherine. Foi para o quarto e pegou no *Far away and long ago*, saiu para o terraço e instalou-se ao sol, abrigado do vento, a ler aquele livro maravilhoso. Catherine mandara vir da Calignani em Paris a edição da Dent para lhe oferecer e quando os livros tinham chegado ele sentira-se verdadeiramente rico. Os números na conta do banco, as contas em francos e dólares pareciam-lhe desde Graubünden completamente irreais e nunca encarara aquilo como dinheiro a

serio. Mas os livros de W H. Hudson tinham-no feito sentir-se rico e quando disse isto a Catherine ela ficou muito satisfeita.

Passada uma hora começou a sentir terrivelmente a ausencia de Catherine e pediu ao rapaz que servia a mesa para lhe trazer um uisque e Perrier. Algum tempo depois bebeu outro. Passava bem da hora do almoco quando ouviu o barulho do carro.

Subiram o passeio e ele ouviu-lhes as vozes. Estavam excitadas e felizes, depois a rapariga calou-se subitamente e Catherine disse:

- Olha quem eu trouxe para te visitar.

- Eu sei que nao devia ter vindo - disse a rapariga. Era a morena mais bonita das duas que tinha conhecido no cafe no dia anterior, aquela que corava.

- Como esta? - perguntou David. Era visivel que fora ao cabeleireiro e tinha cortado o cabelo como o de Catherine em Biarritz. - Vejo que encontrou o sitio.

A rapariga corou e olhou para Catherine, pedindo auxilio.

- Olha para ela - disse Catherine. - Apalpa-lhe a cabeca.

- Oh, Catherine - disse a rapariga. Depois voltou-se para David: - Se quiser, pode faze-lo.

- Nao se assuste - disse ele. - Pensa que se meteu nalgum sarilho?

- Nao sei - respondeu ela. - Sinto-me muito feliz por estar aqui.

- Por onde andaram? - perguntou David a Catherine. Estivemos no Jean. Depois, tomamos uma bebida e eu convidei a Marita para almocar. Nao estas satisfeito?

- Encantado. Querem tomar outra bebida?

- Podes preparar Martinis? - pediu Catherine. - Um nao te faz mal - disse para a rapariga.

- Nao, por favor. Tenho de conduzir.

- Queres um xerez?

- Nao, obrigada. David foi ate ao bar e preparou dois Martinis com gelo.

- Provo do teu se nao te importas - disse a rapariga. - ja nao tens medo, pois nao? - perguntou Catherine.

- Nao - respondeu ela, corando. - Sabe muito bem mas e muito forte.

- Estao fortes - concordou David. - Mas o vento tambem esta forte hoje, e nos bebemos de acordo com o vento.

- Oh! - exclamou a rapariga. - Todos os americanos fazem isso?

- So as familias mais antigas - respondeu Catherine. Nos, os Morgans, os Woolworths, os Jelks, os Jukes, esses assim.

- E terrível nos meses de furacões - disse David. - As vezes pergunto-me se sobreviveremos ao equinócio do Outono.

- Gostaria de experimentar um Martini quando não tiver de conduzir - disse a rapariga.

- Não tens de beber só porque nós bebemos - disse Catherine. - E não ligues, pois passamos a vida a brincar. Olha para ela, David. Não estás contente por eu a ter trazido?

- Foste gentil em ter vindo - disse David. Quando estavam a almoçar David perguntou:

- E a tua amiga Nina?

- Foi-se embora.

- Era bonita - disse David.

- Pois era. Tivemos uma grande discussão e ela foi-se embora.

- Era uma cabra - disse Catherine. - Mas acho que toda a gente é assim. \_

A maior parte das vezes é - disse a rapariga. - Espero sempre que não, mas verifico que sim.

- Conheço muitas mulheres que não são cabras - disse David.

- Sim, deves conhecer - disse a rapariga.

- A Nina era feliz? - perguntou Catherine.

- Espero que seja feliz - respondeu a rapariga. - A felicidade nas pessoas inteligentes é a coisa mais rara que conheço.

- Não tiveste ainda muito tempo para o constatar. Quando se cometem erros, descobre-se mais depressa disse a rapariga.

- Tens estado feliz toda a manhã - disse Catherine. Divertimo-nos imenso.

- Não precisas de me dizer. Não me lembro de me sentir tão feliz como agora.

Mais tarde, quando comiam a salada, David perguntou a rapariga:

- Estás hospedada muito longe daqui?

- Acho que me vou embora.

- A sério? Que pena - disse ele, sentindo a tensão que se estabelecera. Olhou para a rapariga, que tinha os olhos postos no chão, e depois para Catherine, que o olhou de frente, e disse:

- Ela ia para Paris e eu perguntei-lhe se não queria ficar aqui, desde que o Aurol tivesse um quarto. Disse-lhe para vir cá almoçar e ver se o David gostava dela e se ela gostava do sítio. David, gostas dela?

- Isto não é um clube - disse David. - É um hotel. Catherine afastou o olhar e ele apressou-se a ajudá-la, como se não tivesse dito nada.

- Gostamos muito de ti e estou certo que o Aurol tem um quarto vago. Vai ficar todo satisfeito por ter ca mais alguém.

A rapariga continuou sentada com os olhos no chao. - Acho melhor ir embora.

- Por favor, fica ca uns dias - disse Catherine. - David e eu adorariamos ter-te ca. Nao tenho quem me faca companhia quando ele trabalha. Divertir-nos-emos como hoje de manha. Diz-lhe, David.

«Para o diabo com ela», pensou David. «Que se lixe.»

- Nao sejas pateta - disse ele. - Chama Monsieur Aurol, por favor - pediu ao rapaz que servia a mesa. - ja vamos saber se ha quarto.

- A serio que nao te importas? - perguntou a rapariga.

- Se nos importassemos nao te teriamos convidado - disse David. - Gostamos de ti e achamos que es muito decorativa.

- Serei util no que puder - disse a rapariga. - So espero e saber como.

- Mantem-te feliz - disse-lhe David. - Assim ja es util.

- Estou feliz neste momento - disse a rapariga. - Quem me dera tomar o Martini, agora que ja nao vou conduzir.

- Tomas um logo a noite - disse Catherine.

- Optimo. Podemos agora ir ver os quartos e resolver isto? David fora com ela buscar os sacos e o velho Isotta convertivel, que tinha ficado estacionado em Cannes, frente ao cafe.

No caminho, ela disse:

- A tua mulher e maravilhosa e eu estou apaixonada por ela. Ia sentada ao lado de David e este nao olhou para ver se ela tinha corado.

- Tambem estou - disse David.

- Tambem estou apaixonada por ti - disse ela. - Faz mal? Ele rodeou-lhe o ombro com o braco e ela encostou-se a ele.

- Veremos - disse.

- Ainda bem que sou mais pequena.

- Mais pequena que quem?

- Que a Catherine - respondeu ela.

- Que raio de coisa para dizer.

- Quer dizer, pensei que gostasses de alguém com o meu tamanho. Ou so gostas de raparigas altas?

- Catherine nao e alta.

- Claro que nao. Eu so queria dizer que nao sou tao alta como ela.

- Pois, e tambem es muito morena.

- Sim. Vamos parecer bem juntos.  
- Quem?  
- Catherine e eu e tu e eu.  
- Teremos de parecer.  
- Que quer isso dizer?  
- Quer dizer que nao podemos fugir a parecer bem juntos, pois nao, se na verdade temos bom aspecto e estamos juntos?  
- Agora estamos juntos.  
- Nao. Ele conduzia com uma so mao no volante e curvara-se para olhar para a estrada, na juncao com a numero sete. Ela pousara a mao sobre ele.  
- So vamos no mesmo carro - disse ele.  
Mas sinto que gostas de mim.  
- Sim. Mas isso nao quer dizer nada. So o que diz.  
- Que coisa bonita de se dizer - disse ela e nao disse mais nada nem retirou a mao ate voltarem no boulevard e encostarem atras do velho Isotta Franchini estacionado em frente ao cafe, debaixo das velhas arvores. Depois sorriu-lhe e saiu do pequeno automovel azul.

Agora, no hotel, os pinheiros a serem ainda fustigados pelo vento, David e Catherine estavam sozinhos no quarto, depois de esta ter instalado a rapariga nos dois quartos que reservara.

- Acho que vai ficar bem - disse Catherine. - Claro que o melhor quarto alem do nosso e aquele ao fundo onde tu trabalhas.

- E vou continuar a trabalhar la - disse David. - Vou mesmo e nao estou para mudar de quarto de trabalho por causa de uma puta importada!

- Por que estas a ser tao violento? - perguntou Catherine. Ninguem pediu para saires. So disse que era o melhor. Mas os outros dois aqui ao lado tambem sao bons.

- Afinal, quem e a rapariga?

- Nao sejas tao violento. E uma rapariga simpatica e gosto dela. Sei que foi imperdoavel te-la trazido sem ter falado contigo antes e lamento. Mas fi-lo e esta feito. Pensei que gostarias que eu andasse com alguem bonito e agradavel enquanto trabalhas.

- Se queres alguem, esta bem.

- Nao quero alguem. Acontece que encontrei uma pessoa que me agradou e para quem sera agradavel passar aqui uns tempos.

- Mas quem e ela?

- Nao lhe examinei os documentos. Se quiseses, interroga-a tu.
- Bem, pelo menos e decorativa. Mas afinal, de quem e a rapariga?
- Nao sejas rude. Ela nao e de ninguem,
- Diz-me la.
- Esta bem. Ou sou eu que estou maluca ou ela esta apaixonada por nos.
- Nao estas maluca.
- Talvez ainda nao.
- E qual e a sensacao?
- Nao sei - disse Catherine.
- Eu tambem nao.
- E divertido e estranho ao mesmo tempo. Eu ca nao sei - disse David. -

Queres ir nadar? Ontem nao fomos.

- Vamos nadar. Convidamo-la? Seria delicado.
- Teriamos de usar fatos de banho.
- Com este vento nao faz diferenca. Nao e dia para bronzear.
- Detesto ter de usar fato de banho quando estou contigo. Mas talvez amanha ja nao haja vento.

Mais tarde seguiam no carro com David ao volante do velho Isotta, forçando os travoes e apercebendo-se do trabalho que o motor estava a pedir, iam os tres juntos e Catherine disse:

- Ha duas ou tres covas diferentes onde costumamos nadar despidos quando estamos sos. E a unica maneira de nos bronzearmos a valer.

- Hoje nao esta bom para nos bronzearmos - disse David.

- Faz muito vento.

- Se quiseses, podemos nadar na mesma sem fatos de banho - disse Catherine para a rapariga. - Se o David nao se importar. Podia ser engraçado.

- Eu adoraria - disse a rapariga, - Importas-te? - perguntou para David.

A tardinha, David preparou Martinis e a rapariga disse:

- E tudo sempre tao maravilhoso como foi hoje?

- Foi um dia agradavel - disse David. Catherine ainda nao descera do quarto e ele e a rapariga estavam sentados em frente do pequeno bar que Monsieur Aurol instalara no Inverno anterior, num dos cantos da enorme sala provençal.

- Quando bebo fico com vontade de dizer coisas que nunca devia dizer - disse a rapariga.

- Entao, nao as digas.

- E ai de que serve beber?
- Nao e disto. Ainda so bebeste uma.
- Ficaste embaracado quando nadamos?
- Nao. Deveria ter ficado?
- Nao - disse ela. - Adorei ver-te.
- Ainda bem - disse ele. - Como esta o Martini?
- Esta forte, mas eu gosto. Tu e a Catherine nunca tinham nadado assim com ninguem?
- Nao. Por que razao deveriamos te-lo feito?
- Vou ficar mesmo bronzada.
- Tenho a certeza que sim.
- Preferias que eu nao estivesse?
- Tens uma cor bonita. Bronzeia-te a vontade.
- Pensei que talvez quisesses que uma das tuas raparigas fosse mais clara do que a outra.
- Nao es minha rapariga.
- Sou - disse ela. - ja to tinha dito.
- Ja nao coras.
- Ultrapassei isso quando fomos nadar. Espero que nao volte a corar tao cedo. Por isso e que falei tanto, para ultrapassar. Por isso te disse.
- Ficas bem com essa camisola de caxemira. - Catherine disse que a usariamos as duas. Nao deixas de gostar de mim por eu te ter dito?
- Esqueci-me do que me disseste.
- Que te amo.
- Nao digas asneiras.
- Nao acreditas que isto possa acontecer as pessoas? Assim como aconteceu em relacao a voces os dois?
- Ninguem se apaixona por duas pessoas ao mesmo tempo.
- Tu nao sabes - disse ela.
- E um disparate - disse ele. - Uma maneira de falar.
- Nao e. E verdade.
- Pensas que e. E um disparate.
- Esta bem - disse ela. - E um disparate, mas eu estou aqui.
- Sim. Estas aqui - disse ele, observando Catherine que atravessava a sala, sorridente e feliz.
- Ola, nadadores - disse ela. - Oh, que vergonha. Nao estive aqui para ver a Marita tomar o primeiro Martini.



- Ainda e o primeiro - disse a rapariga.

- E em que e que a afectou, David?

- Fe-la dizer disparates.

- Vamos começar com outra bebida. Que bom terem ressuscitado este bar. Temos de arranjar um espelho. Um bar nao presta se nao tiver um espelho.

- Amanha arranhamos um - disse a rapariga. - Gostava de ser eu a arranja-lo.

- Vamos as duas arranja-lo - disse Catherine - e depois podemos ver-nos uma a outra quando dissermos disparates e sabemos a gravidade deles. Nao se consegue enganar um espelho.

- E quando comeco a parecer ridiculo num espelho que sei que perdi - disse David.

- Nunca perdes. Como podes perder com duas raparigas? perguntou Catherine.

- Eu tentei dizer-lhe - disse a rapariga, corando pela primeira vez nessa noite.

- Ela e a tua rapariga e eu sou a tua rapariga - disse Catherine. - Agora, deixa de ser chato e trata de ser simpatico com as tuas raparigas. Nao gostas do aspecto delas? Eu sou aquela muito loura com quem casaste.

- Es mais escura e mais loira que aquela com quem casei.

- Tambem tu e eu trouxe-te uma rapariga morena de presente. Nao gostas do presente?

- Gosto muito do meu presente.

- E do teu futuro?

- Nao sei nada do meu futuro.

- Nao e um futuro sombrio, pois nao? - perguntou a rapariga.

- Muito bem - disse Catherine. - Ela nao e so bonita e rica e saudavel e afectuosa. Tambem sabe brincar. Nao estas contente com o que te trouxe?

- Prefiro ser um presente escuro a um futuro escuro - disse a rapariga.

- La esta ela outra vez - disse Catherine. - Da-lhe um beijo, David. David abraçou a rapariga e beijou-a e ela comecou a beija-lo e depois afastou a cabeça. Comecou a chorar, com a cabeça para baixo e ambas as maos agarradas ao balcao.

- Diz la agora uma boa piada - disse David para Catherine.

- Estou bem - disse a rapariga. - Nao olhem para mim. Estou bem. Catherine abraçou-a e beijou-a e acariciou-lhe a cabeça.

- Isto passa ja - disse a rapariga. - Por favor, eu sei que isto passa ja.

- Desculpa - disse Catherine.
- Deixem-me sair, por favor - disse a rapariga. - Tenho de sair.
- Bem - disse David depois de a rapariga ter saído e de Catherine ter regressado ao bar.
- Não precisas de dizer - disse Catherine. - Desculpa, David.
- Ela vai voltar.
- Achas que ela poderá estar a fingir?
- Estava a chorar a sério, se é a isso que te referes.
- Não sejas estúpido. Tu não és estúpido.
- Beijei-a com muito cuidado.
- Sim. Na boca.
- Onde querias que a beijasse?
- Esta bem. Não te estou a criticar.
- Ainda bem que não me pediste que a beijasse quando estávamos na praia.
- Pensei nisso - disse Catherine. Riu-se e foi como nos velhos tempos antes de alguém ter aparecido na vida deles. Pensaste que te ia pedir?
- Pensei, por isso dei um mergulho.
- Fizeste bem. Riram-se novamente.
- Bem, já nos animamos - disse Catherine.
- Graças a Deus - disse David. - Amo-te, Demonio, e não a beijei para provocar.
- Não precisas de me dizer - respondeu Catherine. - Eu vi-te. Foi um esforço miserável.
- Oxala ela se vá embora.
- Não sejas cruel - disse Catherine. - E eu encorajei-a.
- Eu tentei que não o fizesses.
- Animei-a em relação a ti. Vou ter com ela.
- Não. Espera um bocadinho. Ela está muito segura de si.
- Como podes dizer isso, David? Despedacaste-lhe o coração.
- Não fiz nada disso.
- Bem, alguma coisa o fez. Vou buscá-la. Mas não foi necessário porque a rapariga reuniu-se-lhes no bar e corou e disse:
- Desculpem. Tinha lavado a cara e escovado o cabelo e aproximou-se de David e beijou-o na boca muito rapidamente e disse:
- Gosto do meu presente. Alguém levou a minha bebida?
- Deite-a fora - disse Catherine. - O David prepara-te outra.

- Espero que ainda gastes de ter duas raparigas - disse ela. Porque eu sou tua e tambem vou ser de Catherine.

- Nao vou com raparigas - disse Catherine. Estava tudo muito calmo e a voz dela nao lhe soou bem, nem a David.

- Nunca?

- Nunca fui.

- Se quiseses uma rapariga, posso ser eu, e de David tambem.

- Nao achas que isso e de mais?

- Por isso e que vim para aqui - disse a rapariga. - Pensei que era isso que querias.

- Nunca estive com uma rapariga - disse Catherine.

- Sou tao estúpida - disse a rapariga. - Nao sabia. E verdade? Nao estas a brincar comigo?

- Nao estou a brincar contigo.

- Nao percebo como pude ser tao estúpida - disse a rapariga.

«Ela quer dizer enganada», pensou David e Catherine tambem.

A noite, na cama, Catherine disse: Nunca te devia ter metido nisto. Nunca.

- Quem me dera que nunca a tivéssemos visto.

- Podia ter sido pior. Talvez ir com isto para a frente e resolver o assunto seja o melhor.

- Podias manda-la embora.

- Nao acho que essa seja a forma de resolver a questao. Ela nao mexe contigo?

- Oh, claro que sim.

- Eu sabia. Mas amo-te e isto nao e nada. Tu tambem o sabes.

- Nao sei nada disso, Demonio.

- Bem, nao vamos ser solenes.

Era o terceiro dia de ventania, mas ja nao tao forte, e ele sentou-se a mesa e leu a historia desde o principio ate onde ficara, corrigindo a medida que lia. Continuou com a historia sem pensar em mais nada, e quando ouviu as vozes das duas raparigas ca fora nao prestou atencao. Quando passaram pela janela, ergueu a mao e acenou-lhes. Elas corresponderam e a rapariga morena sorriu e Catherine levou os dedos aos labios. A rapariga estava muito bonita logo de manha, o rosto brilhante e com boas cores. Catherine estava bela como sempre.

Ele ouviu o ruído do motor e reparou que era o Bugatti. Voltou a história. Era uma boa história e acabou-a ao fim da tarde.

Era demasiado tarde para tomar o pequeno-almoço e sentia-se cansado e não queria levar o velho Isotta até à cidade, por causa dos travões e do motor, embora as chaves estivessem junto ao bilhete que Catherine deixara, dizendo que tinham ido a Nice e se reuniriam com ele no café a caminho de casa. «Do que eu gostaria», pensou ele, «era de um litro de cerveja gelada numa caneca de vidro grosso e de uma *pomme à l'huile*, grãos de pimenta por cima. » Mas a cerveja naquela costa não prestava e ele pensou com satisfação em Paris e noutros locais onde estivera e sentiu-se contente por ter escrito algo que sabia ser bom e por ter conseguido acabar. Era o primeiro texto que acabava desde que tinha casado. «O que tens a fazer e acabar as coisas», pensou ele. «Se não acabares, não vale nada. Amanhã, retomo a narrativa onde a deixei e continuo com ela até acabar. E como vais acaba-la? Como vais acaba-la agora?»

Logo que começava a pensar para além do trabalho, tudo o que tinha afastado da mente quando começara a escrever lhe veio à cabeça. Pensou na noite anterior e em Catherine. Não, amanhã, não. Que maneira de ser! Amanhã. «Vai e começa já.» Enfiou o bilhete e a chave no bolso e voltou para o quarto de trabalho, sentou-se e escreveu o primeiro parágrafo de uma nova história cuja escrita vinha adiando desde que sabia o que era uma história. Escreveu-a de forma simples, em frases declarativas, com todos os problemas à frente para serem vividos e tomarem vida.

O começo já estava escrito e agora só tinha de continuar. «E só isto», disse ele. «Ves como é simples aquilo que não consegues fazer?» Então foi até ao terraço, sentou-se e mandou vir um uísque e uma água Perrier.

O jovem sobrinho do proprietário trouxe as garrafas e gelo e disse:

- Monsieur não tomou o pequeno-almoço.

- Trabalhei até muito tarde.

- C'est dommage - disse o rapaz. - Quer que lhe traga alguma coisa? Uma sanduiche?

- Junto à nossa bagagem está uma lata de Maquereau Vin Blaric Capitaine Cook. Abra-a e traga-me duas num prato.

- Não estão frescos.

- Não faz diferença. Traga-os na mesma.

Ali ficou sentado a comer o Maquereau Vin Blanc e a beber o uisque e a agua mineral. Fazia diferenca que nao estivessem frescos. Leu o jornal da manha enquanto comia.

Sempre comera peixe fresco em Le Grau du Roi, pensou, mas isso fora ha muito tempo. Comecou a recordar Grau du Roi e entao ouviu o carro a subir a elevacao.

- Leve isto - disse para o rapaz e em seguida levantou-se, foi ate ao bar e serviu-se de uisque, pos-lhe gelo e encheu o copo com Perrier. Tinha na boca o sabor do peixe com gosto a vinho e especiarias e bebeu agua directamente da garrafa.

Ouviu as vozes delas e viu-as a porta contentes e felizes como no dia anterior. Viu a cabeça brilhante de Catherine e o seu rosto moreno, amoroso e contente e a outra rapariga, de cabelo ao vento, os olhos brilhantes e subitamente timida quando se aproximou.

- Nao paramos quando vimos que nao estavas no cafe - disse Catherine.

- Trabalhei ate tarde. Como estas, Demonio?

- Muito bem. Nao me perguntes como esta esta aqui.

- Trabalhaste bem, David? - perguntou a rapariga.

- Que rica esposa eu sou - disse Catherine. - Esqueci-me de perguntar.

- Que fizeram em Nice?

- Podemos tomar uma bebida e depois contar? Estavam junto a ele, uma de cada lado e sentia-as.

- Trabalhaste bem? - voltou ela a perguntar.

- Claro que sim - disse Catherine. - Ele so trabalha assim, minha estupida.

- E verdade, David?

- Sim - disse ele, despenteando-a. - Obrigado.

- Entao nao bebemos nada? - perguntou Catherine. Nao trabalhamos.

Limitamo-nos a comprar umas coisas, encomendar outras e armar escandalo.

- Nao armamos nenhum escandalo a serio.

- Nao sei - disse Catherine. - Nem me interessa.

- Qual foi o escandalo? - perguntou David.

- Nao foi nada - disse a rapariga.

- Eu nao me importei - disse Catherine. - Gostei.

- Alguem disse alguma coisa acerca das calcas dela em Nice.

- Nao e nenhum escandalo - disse David. - E uma cidade grande. Era de esperar.

- Pareco diferente? - perguntou Catherine. - Quem me dera que me tivessem trazido um espelho. Pareco-te diferente?

- Nao. David olhou para ela. Estava muito bem e despenteada e mais escura que nunca e excitada e desafiadora.

- Ainda bem - disse ela. - Porque tentei.

- Nao fizeste nada - disse a rapariga.

- Fiz e gostei e quero outra bebida.

- Ela nao fez nada, David - disse a rapariga.

- Esta manha parei o carro no meio da estrada e beijei-a e ela beijou-me, e tambem quando vinhamos de Nice e agora quando saimos do carro.

Catherine olhou-o com amor mas tambem com rebeldia e entao disse:

- Foi divertido e gostei. Agora beija-a tu, David. O rapaz nao esta aqui.

David voltou-se para a rapariga e ela agarrou-se a ele e beijaram-se. Nao tencionava beija-la e tambem nao sabia que ia ser assim quando o fez.

- Chega - disse Catherine.

- Como estas? - perguntou David a rapariga, que estava de novo timida e feliz.

- Sinto-me feliz como tu me disseste para ser - disse a rapariga para ele.

- Todos estamos felizes, agora - disse Catherine. - Todos partilhamos a culpa.

Comeram um bom almoco e beberam Tavel fresco com os *hors-d'Ouvres*, a galinha e a *ratatouille*, a salada, a fruta e o queijo. Estavam todos esfomeados, brincaram e nenhum foi solene.

- Ha uma surpresa optima para o jantar ou ate antes - disse Catherine. - David, ela gasta dinheiro como um homem do petroleo.

- Sao simpaticos? - perguntou a rapariga. - Ou sao como os marajas?

- O David diz-te. Ele e de Oklahoma.

- Julguei que era do Leste de Africa.

- Nao. Alguns dos seus antepassados escaparam de Oclahoma e levaram-no para o Leste de Africa quando ele era muito novo.

- Deve ter sido excitante.

- Ele escreveu um romance sobre isso quando era rapaz.

- Eu sei.

- Leste-o? - perguntou-lhe David.

- Li - disse ela.

- Queres fazer-me perguntas?

- Nao - disse ele. - Lembro-me bem.
- Fez-me chorar - disse ela. - Era o teu pai que la aparecia?
- As vezes.
- Deves te-lo amado muito.
- Amei.
- Nunca me falaste dele - disse Catherine.
- Nunca me perguntaste.
- E terias falado se eu perguntasse?
- Nao - disse ele.
- Adorei o livro - disse a rapariga.
- Nao exageres - disse Catherine.
- Nao estava a exagerar.
- Quando o beijaste.
- Tu e que pediste.
- O que eu queria dizer quando me interrompeste - continuou Catherine - e se pensaste nele como escritor quando o beijaste.

David encheu um copo com Tavel e bebeu.

- Nao sei - disse a rapariga. - Nao pensei.
- Ainda bem - disse Catherine. - Tive medo que fosse como a historia dos recortes.

A rapariga pareceu confundida e Catherine explicou:

- Os recortes da imprensa sobre o segundo livro. E que ele escreveu dois, sabes.
- So. A Fenda.
- O segundo e sobre voar. Na guerra. E a unica coisa que ate hoje foi escrita sobre voar.
- Gaita! - disse David.
- Espera ate leres - disse Catherine. - Para escrever esse livro era preciso morrer e ser-se completamente destruido. Nao penses que nao conheco os livros dele so porque nao penso que ele e escritor quando o beijo.
- Acho que deviamos fazer uma *siesta* - disse David. Devias dormir um sono, Demonio. Estas cansada.
- Falei de mais - disse Catherine. - O almoco estava optimo e desculpem se falei de mais.
- Gostei muito quando falaste dos livros - disse a rapariga.
- Foste admiravel.

- Nao me sinto admiravel. Sinto-me cansada - disse Catherine. - Tens muito para ler, Marita?

- Ainda tenho dois livros - disse a rapariga. - Depois, peço-te emprestado.

- Posso ir ter contigo mais tarde?

- Se quiseres - disse a rapariga. David nao olhou para ela nem ela olhou para ele.

- Nao te vou incomodar? - perguntou Catherine.

- Nada do que eu faco e importante - disse a rapariga.

Catherine e David estavam deitados lado a lado, com o vento a soprar ca fora e nao era a sesta dos velhos tempos.

- Posso contar-te agora?

- Preferia que nao.

- Deixa-me contar. Esta manha, quando pus o carro a trabalhar, estava assustada e tentei conduzir bem e por dentro sentia-me mal. Depois, avistei Cannes la em cima e a estrada estava deserta, e la em baixo o mar, e olhei para tras e nao vi ninguem e encostei de repente. Beije-a e ela beijou-me e ficamos sentadas e senti-me muito estranha e depois seguimos para Nice e nao sei se as pessoas percebiam ou nao. Nao me importava e fomos a todo o lado e compramos tudo. Ela adora comprar coisas. Alguem fez um comentario rude mas nao foi nada de especial. Depois, paramos no caminho de volta e ela disse que era melhor que eu fosse a sua rapariga e eu disse que tanto me fazia e que estava satisfeita porque agora sou uma rapariga e nao sabia o que fazer. Nunca me tinha sentido sem saber. Mas ela e gentil como nos as vezes somos, ou eu para ti, ou os dois, e eu disse que nao conseguia guiar se ela fizesse isso e entao paramos. So a beije, mas sei que aconteceu comigo. Entao, ficamos ali durante um bocado e depois viemos directamente para aqui. Beije-a antes de chegarmos e sentimo-nos felizes e eu gostei e ainda gosto.

- Entao, agora fizeste-o - disse David cuidadosamente - e ja esta.

- Nao, nao esta. Gostei e vou faze-lo a serio.

- Nao. Nao precisas de o fazer.

- Vou faze-lo ate ao fim e ate ultrapassar isto.

- Quem diz que o vais ultrapassar?

- Digo eu. Mas tenho mesmo de o fazer, David. Nao sabia que iria ser assim.

Ele nao disse nada.



- Eu volto - disse ela. - Tenho a certeza que vou ultrapassar isto. Por favor, confia em mim.

Ele nao disse nada.

- Ela esta a minha espera. Nao me ouviste perguntar-lhe? como parar a meio de qualquer coisa.

- Vou para Paris - disse David. - Podes contactar-me atraves do banco.

- Nao - disse ela. - Nao. Tens de me ajudar.

- Nao te posso ajudar.

- Podes sim. Nao vas embora. Se fosses, eu nao ia aguentar.

- Nao quero estar com ela. E so uma coisa que tenho de fazer. Entendes?

Por favor, entende. Sempre entendeste.

- Isto, nao.

- Por favor, tenta. Sempre me compreendeste. Em tudo, nao e verdade?

- Sim. Antes.

- Comecou so connosco e so seremos nos quando eu terminar isto. Nao estou apaixonada por mais ninguem.

- Nao o facas.

- Tenho de o fazer. Desde que entrei para o liceu tive varias ocasioes para o fazer e pessoas que queriam faze-lo comigo. E nunca o fiz. Mas agora tenho de o fazer.

Ele nao disse nada.

- Por favor, entende. Ele continuou sem dizer nada.

- De qualquer modo ela esta apaixonada por ti e podes te-la e apagar tudo dessa maneira.

- Es mesmo louca, Demonio.

- Eu sei - disse ela. - Vou deixar de ser.

- Dorme um sono - disse ele. - Deita-te e tem calma e dormiremos os dois.

- Amo-te tanto - disse ela. - E es o meu verdadeiro companheiro, tal como eu disse a ela. Disse-lhe de mais acerca de ti, mas e so do que ela gosta de falar. Agora, estou calma e vou.

- Nao, nao vas.

- Sim - disse ela. - Espera por mim. Nao demoro.

Quando regressou ao quarto, David nao estava la e ela ficou a olhar para a cama durante muito tempo e abriu a porta do quarto de banho e olhou para o espelho. O seu rosto nao tinha expressao e olhou-se da cabeça aos pes sem qualquer expressao no rosto. ja quase nao havia luz quando entrou no quarto de banho, fechando a porta atras de si.

## LIVRO CINCO

David regressou de Cannes ao crepusculo. O vento parara e ele deixou o carro no local habitual e subiu o caminho ate ao patio, de onde vinha luz. Marita apareceu a entrada e dirigiu-se a ele.

- Catherine sente-se muito mal - disse ela. - Por favor, se gentil.

- Vao as duas para o diabo - disse David.

- Eu, esta bem. Mas ela nao. Nao debes fazer isso, David.

- Nao me digas o que devo ou nao fazer.

- Nao queres tomar conta dela? Nao especialmente. Eu quero. Nao ha duvida que ja o fizeste. Nao sejas pateta - disse ela. - Nao es nenhum palerma. Isto e um caso serio.

- Onde esta ela?

- La dentro, a tua espera.

David entrou. Catherine estava sentada junto ao bar, vazio.

- Ola - disse ela. - Nao trouxeram o espelho.

- Ola, Demonio - disse ele. - Desculpa ter chegado tarde. Ele ficou chocado com o ar abatido dela e a voz fraca.

- Pensei que te tinhas ido embora - disse ela.

- Nao reparaste que nao levei nada?

- Nao olhei. Para ires embora nao precisavas de ter levado nada.

- Nao - disse David. - So fui a cidade.

- Oh - disse ela, olhando para a parede.

- O vento esta a passar - disse ele. - Amanha vai estar bom tempo.

- Nao me interessa o amanha.

- Claro que sim.

- Nao, nao me interessa. Nao me pecas isso.

- Nao te vou pedir - disse ele. - ja tomaste uma bebida?

- Nao.

- Vou preparar-te uma.

- Nao adianta.

- Pode ser que sim. Ainda somos nos. Ele preparara a bebida e ela observou-o mecanicamente enquanto a mexia e a vertia para os copos.

- Poe uma azeitona - pediu ela. Ele estendeu-lhe um dos copos, ergueu-o e com ele tocou no dela.

- A nossa.

Ela entornou o copo sobre o balcao e ficou a ver o liquido a escorrer na madeira. Depois, agarrou na azeitona e meteu-a na boca.

- Ja nao somos nos - disse. David retirou um lenço do bolso, limpou o balcao e preparou nova bebida.

- E tudo uma merda - disse Catherine. David entregou-lhe a bebida e ela verteu-a novamente sobre o balcao. David limpou outra vez com o lenço. Depois, bebeu o seu Martini e preparou mais dois.

- Este vais bebe-lo - disse. - Bebe.

- Bebe - repetiu ela. Ergueu o copo e disse: - Aqui vai, a ti e ao teu lenço.

Esvaziou o copo e depois ergueu-o e David teve a certeza que ela lho ia atirar a cara. Entao, ela pousou-o, retirou a azeitona, comeu-a cuidadosamente e entregou o caroco a David.

- Pedra semipreciosa - disse. - Mete-a no bolso. Tomo outro, se o preparares.

- Mas bebe devagar.

- Oh, ja estou muito bem - disse Catherine. - Provavelmente nem notarás a diferenca. Isto acontece a toda a gente.

- Sentes-te melhor?

- Muito melhor. E como perder qualquer coisa que desaparece. Aquilo que perdemos e aquilo que possuímos. Mas arranjamós mais. Nao ha problema, pois nao?

- Tens fome?

- Nao. Mas tenho a certeza que tudo ficara bem. Tu disseste que sim, nao disseste?

- Claro que sim.

- Quem me dera lembrar-me o que foi que perdemos. Mas nao interessa, pois nao? Disseste que nao interessava.

- Nao.

- Entao, alegremo-nos. O que quer que fosse, ja passou.

- Deve ter sido algo que esquecemos - disse ele. - Encontra-lo-emos.

- Sei que fiz alguma coisa. Mas ja passou.

- Ainda bem.

- O que quer que fosse, nao foi culpa de ninguem.

- Nao fales em culpas. - ja sei o que foi - sorriu ela. - Mas nao fui inflei. A serio, David. Como poderia ser? Nao podia ser, sabes bem. Como pudeste dizer que fui? Por que o disseste?

- Nao foste.
- Claro que nao fui. Mas antes nao o tivesses dito.
- Nao o disse, Demonio.
- Alguem disse. Mas nao fui eu. Eu so fiz o que disse que iria fazer. Onde esta a Marita?
- Acho que esta no quarto dela.
- Estou satisfeita por estar novamente bem. Depois de tudo acabar fiquei bem. Antes tivesses sido tu a faze-lo para eu te poder culpar. Somos nos outra vez, nao somos? Nao matei o que havia entre nos, pois nao?
- Nao. Ela sorriu.
- Ainda bem. Vou busca-la. Importas-te? Estava preocupada comigo. Antes de tu chegares.
- Estava?
- Fartei-me de falar - disse Catherine. - Falo sempre de mais. Ela e terrivelmente simpatica, David. Foi muito boa para mim.
- Para o diabo com ela.
- Nao. Retiraste tudo isso. Lembras-te? Nao tenho que ouvir tudo de novo, pois nao? E demasiado confuso, a serio.
- Esta bem, vai busca-la. Vai ficar satisfeita por ver que estas melhor.
- Sei que sim e tens de a por a vontade, tambem.
- Claro. Ela sente-se mal?
- So quando eu me sentia. Quando eu sabia que estava a ser infiel. Nunca tinha sido, sabes. Vai la busca-la, David. Para ela nao se sentir mal. Nao te incomodes, vou eu.

Catherine saiu e David ficou a olhar para ela. Os seus movimentos eram menos mecanicos e a voz estava melhor. Quando regressou, sorria e a voz estava quase normal.

- Ela vem ja - disse. - E um amor, David.
- Ainda bem que a trouxeste.

A rapariga entrou e David disse:

- Estavamos a tua espera. Ela fixou-o e depois desviou os olhos. Entao, olhou de novo para ele e disse:
- Desculpem ter-me atrasado.
- Estas muito bonita - disse David, e era verdade, mas ela tinha os olhos mais tristes que ele ja vira.
- Prepara-lhe uma bebida, por favor, David. Eu ja tomei duas - disse Catherine para a rapariga.

- Ainda bem que te sentes melhor - disse a rapariga.
- O David fez-me sentir novamente bem - disse Catherine.
- contei-lhe tudo, e como foi maravilhoso, e ele compreende perfeitamente. E aprova.

A rapariga olhou para David e ele reparou na forma como mordia o labio superior com os dentes e no que lhe dizia com os olhos.

- Aborreci-me na cidade - disse ele. - Senti a falta da natacao.
- Nem sabes do que sentiste a falta - disse Catherine. Sentiste a falta de tudo. Era o que eu sempre quis fazer e agora fi-lo e adorei.

A rapariga olhava para o copo.

- E o mais maravilhoso e que me sinto tao crescida. Mas e esgotante. Claro que e o que eu queria e agora fi-lo e sei que sou aprendiz, mas nao o vou ser sempre.

- Pede-se licenca de aprendiz - disse David e depois acrescentou, animado:

- Nao sabes falar de outros assuntos? As perversoes sao aborrecidas e fora de moda. Eu nem sabia que pessoas como nos as praticavam.

- Acho que so e interessante a primeira vez que o fazemos - disse Catherine.

- E unicamente para a pessoa que o faz e uma tremenda chatice para todos os outros - disse David. - Concordas, Herdeira?

- Por que razao lhe chamas Herdeira? - perguntou Catherine.

- E um nome engraçado.

- Nao da muito jeito chamar-lhe «senhora» ou «alteza» disse David. - Concordas, Herdeira? Com o que eu disse sobre a perverssao.

- Sempre pensei que era estúpido - disse ela. - E uma coisa que as raparigas fazem quando nao tem melhor para fazer.

- Mas a primeira vez de qualquer coisa e sempre interessante disse Catherine.

- Sim - disse David. - Mas gostarias de passar a vida a falar no teu primeiro passeio em Steeplechase Park ou em como tu, pessoalmente, viajaste sozinha num aviao, longe da terra e em direccao ao ceu?

- Estou envergonhada - disse Catherine. - Olha para mim e ve la se nao estou envergonhada.

David abraçou-a.

- Nao estejas - disse. - Lembra-te como gostarias de ouvir aqui a Herdeira contar como foi sozinha naquele aviao, so ela e o aviao, sem nada entre ela e a Terra, imagina a Terra com um T grande, e so o aviao dela, e podiam ter

morrido e ficado em pedacos, e ele perdia o dinheiro, a saude e a sanidade e a Vida, com V grande, e aqueles que ama, eu ou tu, ou Jesus, todos com letras maiusculas, se se «despenhasse», poe a palavra despenhasse entre aspas.

- Ja te aconteceu, Herdeira?

- Nao - disse a rapariga. - Agora nao preciso. Mas queria outra bebida. Amo-te, David.

- Beija-a como da outra vez - disse Catherine.

- Agora nao - disse David. - Estou a preparar as bebidas.

- Estou tao contente por sermos todos amigos e por tudo estar bem - disse Catherine' muito animada e com a voz normal - Esqueci-me da surpresa que a Herdeira comprou esta manha. Vou busca-la.

Quando Catherine saiu, a rapariga agarrou na mao de David, apertou-a e beijou-a. Sentaram-se e ficaram a olhar um para o outro. Ela tocou distraidamente com os dedos na mao dele. Entrelacou os dedos nos dele e depois largou-os.

- Nao precisamos de falar - disse. - Nao queres que eu te faca um discurso, pois nao?

- Nao. Mas temos que falar qualquer dia.

- Queres que me va embora?

- Seria melhor.

- Beijas-me para eu saber se nao faco mal em ficar? Catherine regressou acompanhada do jovem criado, que trazia uma lata grande de caviar dentro de um recipiente com gelo e um prato com tostas.

- Esse foi um beijo maravilhoso - disse ela. - Toda a gente o viu, por isso nao ha que reear nenhum escandalo nem nada.

Catherine disse:

- Estao a cortar claras de ovos e cebola.

O caviar era cinzento e rijo e Catherine colocou-o sobre as tostas finas.

- A Herdeira comprou-te uma caixa de Bollinger Brut 1915 e ha algum gelado. Nao achas que deviamos beber uma garrafa com isto?

- Claro - disse David. - Bebemo-la com a refeicao.

- Nao e uma sorte que a Herdeira e eu sejamos tao ricas que nao teras de te preocupar com nada? Vamos tomar bem conta dele, nao vamos, Herdeira?

Temos de nos esforcar - disse a rapariga. - Estou a tentar estudar as necessidades dele. Hoje so consegui descobrir isso.

Dormia ha cerca de duas horas quando a luz do dia o despertou e olhou para Catherine, que dormia com ar feliz. Deixou-a com o seu ar belo, jovem e intocado e foi ate ao quarto de banho, tomou um duche, vestiu uns calcoes e atravessou descalco o jardim ate ao quarto onde trabalhava. O ceu estava limpo, era uma manha fresca de um dia que prenunciava o fim do Verao.

Recomecou a trabalhar na nova e dificil historia, pegando nas coisas que durante anos evitara encarar. Trabalhou quase ate as sete horas e quando acabou fechou o quarto, saiu e encontrou as duas raparigas a jogarem xadrez no jardim. Ambas estavam com bom aspecto, jovens e atraentes.

- Ela esta a ganhar-me outra vez - disse Catherine. Como estas, David?

A rapariga sorriu-lhe timidamente. «Sao as duas raparigas mais bonitas que ja vi», pensou David. «E agora, que trara este dia?»

- Como estao as duas? - perguntou.

- Muito bem - disse a rapariga. - Tiveste sorte?

- Tem sido dificil, mas esta a correr bem - disse ele.

- Nao tomaste pequeno-almoco. -

- Ja e tarde de mais para o pequeno-almoco - disse David.

- Disparate - disse Catherine. - Hoje es tu a esposa de servico, Herdeira. Da-lhe o pequeno-almoco.

- Queres cafe e fruta, David? - perguntou a rapariga. Devias comer qualquer coisa.

- Tomo cafe simples - disse David.

- Vou arranjar-te qualquer coisa - disse a rapariga, dirigindo-se para o hotel.

David sentou-se ao lado de Catherine, que colocou o tabuleiro e as pecas em cima de uma cadeira. Despenteou-lhe o cabelo e disse:

- Esqueceste-te que tens uma cabeca prateada como a minha?

- Sim - disse ele.

- Vai ficar cada vez mais claro e cada vez mais loiro e o corpo cada vez mais escuro.

- Que bom. A bela rapariga morena apareceu, trazendo um tabuleiro com uma pequena taca com caviar, meio limao, uma colher e duas tostas, e o jovem criado aproximou-se com uma garrafa de Bollinger dentro de um balde de gelo e uma bandeja com tres copos.

- Isto vai fazer bem ao David - disse a rapariga. - Depois, podemos ir nadar antes do almoco.



Depois de terem nadado e apanhado sol na praia e de terem comido um grande almoco com mais Bollinger, Catherine disse:

- Estou cansada e cheia de sono.
- Nadamos muito - disse David.
- Vamos fazer uma *siesta*.
- Eu quero mesmo dormir - disse Catherine.
- Sentes-te bem, Catherine? - perguntou a rapariga.
- Sim. So tenho muito sono.
- Vamos meter-te na cama - disse David. - Tens um termometro? - perguntou a rapariga.

- Nao tenho febre - disse Catherine. - So quero dormir muito.

Quando ja estava na cama, a rapariga trouxe o termometro, e David tirou a temperatura a Catherine e mediu-lhe o pulso. A temperatura estava normal e o pulso dava cento e cinco.

- A pulsacao esta ligeiramente alta - disse ele. - Mas nao sei qual e o teu normal.

- Eu tambem nao, mas provavelmente e acelerado.

- Acho que a pulsacao nao quer dizer nada, quando a temperatura e normal - disse David. - Mas se tens febre vou a Cannes buscar um medico.

- Nao quero medico nenhum - disse Catherine. - So quero dormir. Posso dormir agora?

- Sim, minha beleza. Se precisares, chama-me.

Ficaram a ve-la adormecer e depois retiraram-se cuidadosamente e David espreitou pela janela. Catherine dormia calmamente e a sua respiracao era regular. Ele foi buscar duas cadeiras e uma mesa e sentaram-se a sombra junto da janela de Catherine e ele olhou atraves dos pinheiros, para o mar.

- Que pensas? - perguntou David.

- Nao sei. Ela estava feliz de manha, tal como a viste quando acabaste de escrever.

- E agora?

- Talvez seja so uma reaccao ao dia de ontem. Ela e uma rapariga muito natural, David, e isto e natural.

- Ontem foi como amar alguem quando alguem morreu - disse ele. - Nao esta certo.

Levantou-se, foi ate a janela e espreitou. Catherine dormia na mesma posicao e respirava levemente.

- Esta a dormir bem - disse ele para a rapariga. - Nao queres dormir uma sesta?

- Acho que sim.

- Vou para o meu quarto de trabalho - disse ele. - Tem uma porta que da para o teu, que tranca dos dois lados.

Entrou no quarto e destrancou a porta que ligava os dois quartos. Ficou a espera e depois ouviu o barulho da fechadura do outro lado e a porta abriu-se. Sentaram-se lado a lado na cama e ele abraçou-a.

- Beija-me - disse David.

- Adoro beijar-te - disse ela. - Gosto tanto. Mas nao posso fazer o resto.

- Nao?

- Nao, nao posso. Depois ela disse:

- Queres que faca alguma coisa? Estou tao envergonhada acerca do resto, mas sabes que isso podia acabar num problema.

- Fica aqui deitada a meu lado.

- Gostaria muito.

- Entao faz aquilo que gostas.

- Esta bem - disse ela. - E tu tambem. Faremos o que pudermos.

Catherine dormiu durante toda a tarde e ate a noitinha. David e a rapariga estavam sentados no bar a tomar uma bebida e a rapariga disse:

- Nunca chegaram a trazer o espelho.

- Falaste nisso ao velho Aurol?

- Sim. Achou bem.

- Tenho de lhe pagar o trabalho de servir as garrafas de Bollinger.

- Dei-lhe quatro garrafas e mais duas define. ja tratei dele. Madame e que me preocupava.

- E tinhas razao.

- Nao quero arranjar problemas, David.

- Nao - disse ele. - Acho que nao queres.

O jovem criado apareceu com mais gelo e David preparou dois Martinis e entregou-lhe um. O criado colocou as azeitonas e dirigiu-se para a cozinha.

- Vou ver como esta a Catherine - disse a rapariga. - Ou as coisas se resolvem ou nao.

Demorou-se dez minutos e ele apalpou o copo dela e resolveu tomar a bebida antes que aquecesse. Agarrou no copo, levou-o aos labios e descobriu que lhe dava prazer toca-lo com os labios porque era dela. Era claro e inegavel. Era so o que lhe faltava, pensou. «E so o que te falta para tornares as coisas

perfeitas. Apaixonares-te pelas duas. Que te aconteceu desde Maio? Quem es tu agora?» Mas levou novamente o copo aos labios e experimentou a mesma sensacao que antes. «Esta bem», disse ele, «lembra-te de trabalhar. O trabalho e aquilo que te resta. E melhor entregares-te ao trabalho.»

A rapariga regressou e, quando a viu entrar, teve a certeza do que sentia em relacao a ela.

- Esta a vestir-se - disse a rapariga. - Nao e optimo?

- Sim - respondeu ele, amando Catherine como sempre.

- Que aconteceu a minha bebida?

- Bebi-a - disse ele -, porque era tua. -

- A serio, David? Ela corou e sentiu-se feliz.

- A serio - disse ele. - Tens aqui outra. Ela provou e passou levemente os labios pela borda do copo e passou-lho e ele fez o mesmo e bebeu um trago.

- Es linda - disse ele: - E amo-te.

Ouviu o ruido do motor do Bugatti, que lhe pareceu como uma intrusao, pois nao havia ruidos de motores no campo onde estava a viver. Tinha-se desligado completamente de tudo, excepto da historia que estava a escrever, e vivia-a a medida que ia escrevendo. Enfrentava agora uma a uma as partes dificeis que receara, e as pessoas, as paisagens, os dias, as noites, e o tempo estavam la enquanto escrevia. Continuou a trabalhar e sentiu-se tao cansado como se tivesse passado a noite a atravessar o deserto vulcanico e o sol o tivesse apanhado e aos outros atraves dos lagos secos que se estendiam a sua frente. Sentia o peso da pesada espingarda que carregava ao ombro, levava a mao na boca da arma e tinha a boca a saber a seixos. Para la da luminosidade vinda dos lagos secos avistava o azul distante das escarpas. A sua frente nao se via ninguem e atras seguia a enorme fila de carregadores, que sabiam ter chegado aquele ponto com tres horas de atraso.

Nao fora ele, claro, quem ali estivera naquela manha, nem sequer usara o remendado casaco de belbetina ja debotado e agora quase banco, os sovacos gastos pelo suor, que despira e entregara ao criado Kimba e ao irmao, que compartilhavam com ele o conhecimento e a culpa da demora, vendo-o cheirar o odor avinagrado e abanar a cabeça, desgastado, e depois fazer uma careta enquanto punha o casaco sobre o ombro, segurando-o pelas mangas, e seguiam pelo lago seco, a boca das armas nas maos direitas, os canos a balancarem-lhes nos ombros, as coronhas a apontarem em direccao a fila de carregadores.

Nao fora ele, mas agora, enquanto escrevia, era-o e, quando alguém lesse, por fim, seria quem quer que lesse e aquilo que encontrassem quando chegassem a escarpa, se lá chegassem, e ele fa-los-ia chegar lá ao fim desse dia; entao, quem quer que lesse descobriria o que havia a descobrir e conserva-lo-ia sempre. «Tudo o que teu pai descobriu, descobriu tambem para ti», pensou ele, «o bom, o maravilhoso, o mau, o muito mau, o terrivelmente mau e ate muito pior.» Era uma pena que um homem com tanta propensao para o mau e para o bom tivesse seguido o caminho que ele seguiu, pensou. Sempre se sentira feliz ao lembrar-se do pai e sabia que este teria gostado da historia. Era tarde quando saiu do quarto e pisou descalco as pedras do patio ate a entrada do hotel. No salao, alguns operarios colocavam um espelho na parede atras do bar. Monsieur Aurol e o jovem criado encontravam-se lá, e ele falou-lhes e seguiu para a cozinha, onde encontrou Madame.

- Tem a cerveja, Madame? - perguntou.

- *Mais certainement, Monsieur Bourne* - disse ela, retirando uma garrafa gelada da arca.

- Bebo directamente da garrafa - disse ele.

- Como Monsieur quiser - disse ela. - Acho que as senhoras foram ate Nice.

Monsieur conseguiu trabalhar?

- Muito bem.

- Monsieur trabalha de mais. Nao faz bem passar sem o pequeno-almoco.

- Ainda ha algum caviar na lata?

- Acho que sim.

- Entao como umas colheradas.

- Monsieur e estranho - disse Madame. - Ontem, comeu-o com champanhe. Hoje, com cerveja.

- Sabe se a minha bicicleta esta na *remise*?

- Deve estar - respondeu Madame. David comeu uma colher de caviar e ofereceu a lata a Madame.

- Prove. E muito bom.

- Nao devia - disse ela.

- Nao seja tonta - respondeu ele. - Prove. Tem aqui tostas. Beba uma taca de champanhe. Ha algum no frigorifico.

Madame retirou uma colher de caviar que espalhou sobre uma tosta que sobrara do pequeno-almoco e serviu-se de um copo de rose.

- Optimo - disse. - Agora, vamos guardar isto.

- Soube-lhe bem? - perguntou David. - Vou comer mais um pouco.

- Ah, Monsieur! Não seja tão brincalhão.
- Porque não? - perguntou David. - As minhas companheiras de brincadeira não estão cá. Se essas duas esplendidas mulheres voltarem, digam-lhes que fui nadar, está bem?
- Com certeza. A pequenina é uma beleza. Claro que não é tão bonita como Madame.
- Também não a acho muito mal - disse David.
- É uma beleza, Monsieur, é encantadora.
- Serve, até aparecer outra coisa - disse David. - Se acha que ela é bonita.
- Monsieur - disse ela em tom reprovador.
- Que são aquelas reformas arquitecturais? - perguntou David.
- O novo *miroir* para o bar? É um acrescento encantador.
- Toda a gente é encantadora - disse David. - Encanto e ovos de esturção. Peça ao rapaz para verificar os meus pneus enquanto calço qualquer coisa e ponho um casaco, está bem?
- Monsieur gosta de andar descalço. Eu também, no Verão.
- Qualquer dia vamos andar os dois descalços.
- Monsieur... - disse ela.
- O Aurol é ciumento?
- *Sans blague* - disse ela. - Eu digo as duas belas senhoras que foi nadar.
- Esconda o caviar do Aurol - disse David. - *bientôt, chère Madame*.
- *A tout à l'heure, Monsieur*.

Na estrada negra e brilhante que subia em direcção ao pinhal sentiu o esforço dos braços e ombros e o impulso dos pés contra os pedais, enquanto pedalava sob o sol quente com o cheiro dos pinheiros e a leve brisa que soprava do mar. Curvou-se para a frente, fez um pouco de força contra as mãos e sentiu a cedência à medida que avançava. Lá em cima a estrada bordejava o mar e ele desmontou, colocou a bicicleta sobre o ombro e tomou o caminho para a praia. Encostou-a a um pinheiro que rescendia a resina e desceu as rochas, despiu-se e mergulhou no mar claro e fundo. Quando veio à superfície abanou a cabeça para retirar a água dos ouvidos e depois nadou pelo mar dentro. Deitou-se de costas e flutuou e observou o céu e as primeiras nuvens brancas que a brisa trazia.

Regressou à praia, trepou as rochas vermelho-escuras e sentou-se ao sol a olhar para o mar.

Sentia-se feliz por estar sozinho e por ter acabado o trabalho. Depois, a solidao que sempre experimentava depois do trabalho apoderou-se dele, e comecou a pensar nas raparigas e a sentir a falta delas; nao a falta de uma ou de outra, mas das duas. Depois pensou nelas, nao criticamente, nao como um problema de amor, nao como uma obrigacao ou no que acontecera e estaria para acontecer, nem em nenhuma questao de conduta presente ou futura, mas simplesmente sentiu a ausencia delas. Tinha saudades das duas, sos e juntas, e queria-as a ambas.

Sentado ao sol a olhar para o mar, teve consciencia de que era errado querer as duas, mas continuou a querer. «Nada que tenha a ver com aquelas duas ou contigo pode acabar bem», pensou. «Mas nao comeces a culpar aqueles que amas nem a medir culpas. Isso sera medido em devido tempo e nao por ti.» Olhou para o mar e tentou ver claramente qual era a situacao, mas nao conseguiu. O pior era o que acontecera a Catherine. O pior a seguir era que ele comecara a gostar de outra rapariga. Nao precisava de examinar a consciencia para saber que amava Catherine e que era errado amar duas mulheres e que dali nao podia vir nada de bom. Ainda nao sabia quao horrivel podia ser. So sabia que aquilo comecara. «Voces os tres ja estao enrolados como tres rodas dentadas», disse para consigo, «e uma delas ja esta bastante afectada.» Mergulhou bem fundo na agua onde nao sentia a falta de ninguem, veio a superficie e abanou a cabeca e nadou para mais longe e depois regressou a praia.

Vestiu-se, ainda humido da agua do mar, enfiou o bone no bolso e subiu o caminho com a bicicleta as costas e depois montou, conduzindo a maquina pela colina acima, sentindo nas pernas a falta de treino enquanto premia as solas dos pes contra os pedais, ganhando uma marcha que o levava estrada acima como se ele e a bicicleta fossem animais de uma carroca. Depois, desceu, as maos tocando os travoes, descrevendo curvas rapidas, passando veloz pelos pinheiros, ate as traseiras do hotel, onde o mar brilhava azul para la das arvores.

As raparigas ainda nao tinham regressado e ele foi ate ao quarto, tomou um duche, vestiu camisa e calcas lavadas e foi ate ao bar, que tinha um belo espelho novo. Pediu ao criado que lhe trouxesse um limao, uma faca e algum gelo e mostrou-lhe como se fazia um Tom Collins. Depois, sentou-se no banco do bar e olhou para o espelho enquanto erguia o copo alto. «Nao sei se tomaria uma bebida contigo se te tivesse conhecido ha quatro meses», pensou.

O rapaz trouxe-lhe o Eclatreur de Nice e ele leu-o enquanto esperava. Ficara desiludido por não ter encontrado as raparigas, sentia a falta delas e começava a ficar preocupado.

Quando, finalmente, elas entraram, Catherine vinha muito satisfeita e eufórica e a rapariga calma.

- Ola, querido - disse Catherine para David. - Oh, olha o espelho, sempre o puseram. E é bom, mas terrivelmente crítico. Vou-me arranjar para o almoço. Desculpa-nos o atraso.

- Paramos na cidade e tomamos uma bebida - disse a rapariga para David.  
- Desculpa termos-te feito esperar.

- Uma bebida? - perguntou David. A rapariga ergueu dois dedos. Levantou o rosto, beijou David e desapareceu. David continuou a ler o jornal. Quando Catherine regressou, vestia a camisa de linho azul-escura de que David gostava e calças compridas e disse:

- Espero que não estejas zangado, querido. A culpa não foi nossa. Encontrei o Jean e convidei-o para tomar uma bebida connosco e foi muito agradável.

- O cabeleireiro?

- Jean. Claro. Que outro Jean conheço eu em Cannes? Foi tão simpático e perguntou por ti. Posso tomar um Martini, querido? Só tomei um.

- O almoço já deve estar pronto.

- Só um, querido. Só cá estamos nós para almoçar. David preparou calmamente dois Martinis e a rapariga entrou. Trazia um vestido branco brilhante e tinha um ar fresco.

- Posso tomar um também, David? Esteve um dia muito quente. E aqui?

- Devias ter ficado em casa a tomar conta dele - disse Catherine.

- Não me dei mal - disse David. - O mar estava ótimo.

- Usas uns adjetivos tão interessantes - disse Catherine. Tornam tudo tão real.

- Desculpa - disse David.

- Essa é outra palavra afectada - disse Catherine. - Explica o que isto quer dizer a tua nova rapariga. É um americanismo.

- Acho que sei - disse a rapariga. - É a terceira palavra em Yankee Doodle Dandy. Não te zangues, Catherine.

- Não estou zangada - disse Catherine. - Mas há dois dias, quando te atiraste a mim, foi simplesmente dandy (*Dandy no original. (N. da T)*), mas hoje, se por acaso eu me sentisse assim, tinhas de agir como se eu fosse não sei o que.

- Desculpa, Catherine - disse a rapariga.

- Mais desculpas - disse Catherine. - Como se nao me tivesses ensinado o pouco que sei.

- Vamos almocar? - disse David. - O dia esteve muito quente, Demonio, e tu estas cansada.

- Estou cansada de toda a gente - disse Catherine. - Por favor, perdoa-me.

- Nao ha nada a perdoar - disse a rapariga. - Desculpa-me se fui macadora.

Foi sem querer.

Aproximou-se de Catherine e beijou-a ao de leve e gentilmente.

- Agora, se uma boa menina - disse. - Vamos para a mesa?

- Mas nao almocamos ja? - perguntou Catherine.

- Nao, Demonio - respondeu David. - Vamos almocar agora.

No final do almoco, Catherine, que tinha estado muito calma mas um pouco distraida, disse:

- Por favor, desculpem-me, mas acho que devia ir dormir.

- Deixa-me ir contigo e ver-te dormir - pediu a rapariga.

- Na verdade, acho que bebi de mais - disse Catherine.

- Tambem vou dormir uma sesta - disse David.

- Nao, por favor, David. Se quiseses, vai quando eu ja estiver a dormir.

Passada meia hora a rapariga saiu do quarto.

- Ela esta bem - disse. - Mas temos que ter muita paciencia e atencao com ela.

Catherine estava acordada quando David entrou e se sentou na cama.

- Nao sou nenhuma invalida - disse ela. - Bebi de mais, sei muito bem.

Desculpa ter-te mentido. Como pude fazer uma coisa dessas, David?

- Nao te lembraste.

- Nao. Fi-lo propositadamente. Aceitas-me novamente? ja passou a maldade.

- Nunca te afastaste.

- So quero que me aceites de novo. Serei verdadeiramente a tua rapariga.

Queres?

Ele beijou-a.

- Beija-me a serio.

- Oh - disse ela. - Por favor, vai devagar.

Nadaram no sitio para onde tinham ido no primeiro dia. David tinha planeado mandar as suas raparigas para a praia e ir no velho Isotta ate Cannes



para mandar arranjar os travoes e a ignicao. Mas Catherine pedira-lhe por favor para nadar com elas e tratar do carro no dia seguinte e parecera de novo tao satisfeita e feliz depois da sesta e Marita pedira, muito seria:

- Vens, por favor? E ele conduzira-as ate a praia e mostrara-lhes como era perigoso andar com os travoes naquele estado.

- Ainda te matavas com este carro - disse para Marita. E um crime conduzi-lo no estado em que esta.

- Devia arranjar um novo? - perguntou ela.

- Nao e preciso. Para comecar, deixas-me arranjar os pneus.

- Precisamos de um carro maior para todos - disse Catherine.

- Este carro e optimo - disse David. - So precisa de uns grandes arranjos. Mas e demasiado grande para ti.

- Ve se o poes em condicoes - disse a rapariga. - Se nao conseguirem, arranjaremos o carro que voces quiserem.

Depois puseram-se a bronzear e David disse, preguicosamente:

- Venham nadar.

- Deita-me agua em cima da cabeca - pediu Catherine. Trouxe um balde na mochila.

- Oh, que bom - disse ela. - Podes deitar mais? Na cara tambem.

Esticou-se ao sol, com o seu vestido branco, e David e a rapariga foram nadar a volta das rochas. A rapariga ia a frente e David apanhou-a. Agarrou-lhe um pe e depois abracou-a e beijou-a. Ela sentiu-se estranha e a escorregar na agua e pareciam ter a mesma altura, com os corpos unidos. Depois, ela mergulhou e ele curvou-se e ela apareceu a rir e a sacudir a cabeca e colou os labios contra os dele e beijaram-se ate ficarem imersos. Lado a lado flutuaram, tocando-se e beijando-se e voltaram a mergulhar.

- Nao tenho nenhuma preocupacao agora - disse ela, quando voltaram de novo a superficie. - E tu tambem nao deves ter.

- Nao tenho - disse ele, e nadaram mais. E melhor molhares-te, Demonio - disse ele para Catherine. - A tua cabeca esta a ficar quente de mais.

- Esta bem. Vamos la - disse ela. - A Herdeira que fique a bronzear-se. Vou unta-la com oleo.

- Nao muito - disse a rapariga. - Podes despejar-me um balde de agua na cabeca, tambem?

- A tua cabeca ja esta toda molhada - disse Catherine.

- So queria sentir - disse a rapariga.

- Vai lá buscar um balde de água fresca, David - disse Catherine.

Depois de ele ter despejado a água fresca do mar sobre a cabeça de Marita, deixaram-na deitada com o rosto sobre os braços e nadaram. Flutuaram com facilidade, como dois animais marinhos, e Catherine disse:

- Não era maravilhoso se eu não fosse maluca?

- Não es maluca.

- Esta tarde, não - disse ela. - Pelo menos, até agora. Podemos nadar até mais longe?

- Já estamos muito longe, Demonio.

- Esta bem. Voltemos, então. Mas a água profunda é maravilhosa aqui.

- Queres mergulhar antes de sairmos?

- Só uma vez - disse ela. - Aqui, na parte mais funda.

- Vamos nadar até nos cansarmos.

## LIVRO SEIS

Ele acordou e havia luz suficiente para distinguir o tronco dos pinheiros e saltou da cama com cuidado, para não acordar Catherine, vestiu os calções e saiu, as plantas dos pés frescas devido à humidade do chão, até ao quarto de trabalho. Quando abriu a porta sentiu novamente a aragem que vinha do mar e que prometia o que o dia iria ser.

Quando se sentou, o Sol não tinha nascido e sentiu que compensara bem algum tempo que perdera com a história. Mas à medida que lia a escrita legível e as palavras o transportavam bem longe, para outro país, perdeu essa vantagem e ficou com o mesmo problema, e quando o Sol nasceu no mar, para ele tinha nascido há mais tempo antes e sentia-se bem a atravessar os lagos secos e cinzentos com as suas botas agora brancas devido ao sal incrustado. Sentiu o peso do sol sobre a cabeça, o pescoço e as costas. Tinha a camisa molhada e sentia o suor escorrer-lhe pelas costas abaixo e entre as pernas. Quando se endireitou e descansou, respirando lentamente, e a camisa se descolou dos ombros, sentiu-a secar ao sol e reparou nas manchas brancas que o sal do seu corpo provocara. Conseguia sentir-se e ver-se ali e sabia que nada havia a fazer senão continuar.

As dez e meia já tinha passado os lagos e encontrava-se junto do rio e das figueiras onde iriam acampar. As cascas dos troncos eram verdes e amarelas e os ramos pesados. Os macacos tinham comido os figos selvagens e viam-se no chão detritos e figos esmagados. O cheiro era horrível.

Mas as dez e meia deram no seu relógio de pulso quando olhou para ele, sentado a secretária a sentir a brisa marítima, e já era noite e ele estava sentado contra a base amarelo-acinzentada de uma árvore com um copo de uísque e água na mão e a ver os carregadores esquartejarem o kongoni que ele matara a tiro no primeiro campo de erva por onde tinham passado antes de chegarem ao rio.

«Vou dar-lhe carne», pensou, «e assim vai ser uma boa noite e não importa o que possa acontecer depois.» Guardou os lápis e os blocos, fechou a pasta e caminhou sobre as pedras agora quentes e secas até ao pátio do hotel.

A rapariga estava sentada a uma das mesas a ler um livro. Vestia uma camisa de pescador às riscas, saia de tennis e alpercatas e quando o viu ergueu a cabeça e David pensou que ela ia corar e ela deve ter-se apercebido e disse:

- Bom dia, David. Trabalhaste bem?  
- Sim, minha beleza - respondeu ele. Ela levantou-se e beijou-o e disse:  
- Entao, estou muito feliz. Catherine foi a Cannes. Disse-me para te levar a nadar.

- Nao quis que fosses com ela a cidade?  
- Nao. Quis que eu ficasse. Disse que te tinhas levantado muito cedo para trabalhar e que talvez te sentisses so quando acabasses. Posso mandar vir o pequeno-almoco. Nao devias passar sem ele.

A rapariga foi ate a cozinha e voltou com oeufi auplatavecjambon e mostarda inglesa e Savora.

- Foi dificil hoje? - perguntou ela.  
- Nao - disse ele. - E sempre dificil mas tambem e facil. Correu muito bem.  
- Quem me dera ajudar. Mas posso ajudar noutras coisas, nao posso  
Ele comecou a dizer que nao havia outras coisas mas interrom-peu-se e disse:

- Podes e ajudas. Limpou com um bocado de pao o resto de ovo e mostarda e bebeu um pouco de cha.

- Dormiste bem? - perguntou.  
Muito bem - disse a rapariga. - Espero que isto nao seja desleal Nao. E inteligente.

- Nao podemos parar de ser tao educados? - perguntou a rapariga. - Estava tudo tao bem ate agora.

- Sim, vamos parar, Vamos parar ate com aquele disparate «nao posso, David».

- Esta bem - disse ela, levantando-se.  
- Se quiseses ir nadar estou no quarto. Ele levantou-se.  
- Por favor, nao te vas embora - disse. - Ja deixei de ser pateta.  
- Por mim, nao deixas - disse ela. - Oh, David, como podemos meter-nos numa coisa destas? Pobre David. O que as mulheres te fazem!

Ela acariciou-lhe a cabeca e sorriu.

- Vou buscar as coisas. Se queres ir nadar.

-Optimo - disse ele. - Eu vou calcar as alpercatas.

Deitaram-se na areia sobre os roupoes e toalhas que David estendera a sombra de uma rocha encarnada e a rapariga disse:

- Vai tu nadar e depois vou eu. Ele ergueu-se cuidadosamente, foi ate ao mar e mergulhou onde a agua estava fria e nadou para longe. Quando voltou a superficie, nadou contra a brisa e depois para junto da rapariga, que tinha a

agua pela cintura, a cabeça negra molhada, o corpo castanho a pingar. Abracou-a e as ondas levaram-nos.

Beijaram-se e ela disse:

- Tudo de nos foi levado pelo mar.
- Temos de voltar.
- Vamos mergulhar mais uma vez abracados.

Quando regressaram ao hotel, Catherine ainda nao tinha chegado e, depois de tomarem banho e mudarem de roupa, David e Marita sentaram-se no bar com dois Martinis. Olharam um para o outro pelo espelho. Observaram-se atentamente e David passou o dedo sob o nariz enquanto olhava para ela e ela sorriu.

- Quero ter mais coisas destas - disse ela. - Coisas que so nos temos e por isso nao precisarei de ter ciumes.

- Se fosse a ti nao punha muitas ancoras - disse ele. - Podes enredar as amarras.

- Farei coisas que te prendam.
- Es uma Herdeira muito pratica - disse ele.
- Quem me dera mudar esse nome. Tu, nao?
- Os nomes tem que ver com as pessoas - disse ele.
- Entao, vamos mudar o meu - disse ela. - Importas-te?
- Nao... Haya.
- Diz novamente, por favor.
- Haya.
- E bom?
- Muito bom. E um nome so para nos. Para mais ninguem.
- Que quer dizer Haya?

- Aquela que cora. A que e modesta. Ele abracou-a e ela apertou-se bem contra ele, pousando a cabeça sobre o ombro.

- Beija-me - disse ela. Catherine entrou na sala, despenteada, excitada e cheia de alegria.

- Levaste-o a nadar - disse. - Voces os dois estao com bom aspecto, ainda que molhados do duche. Deixem-me olhar-vos.

- Deixa-me olhar-te - disse a rapariga. - Que fizeste ao cabelo?

- E cendre - disse Catherine. - Gostas? E uma tinta que o Jean esta a experimentar.

- E lindo - disse a rapariga.

O cabelo de Catherine tinha uma cor estranha e sobressaia contra o seu rosto moreno. Agarrou na bebida de Marita, provou-a e, observando-se ao espelho, disse:

- Divertiram-se a nadar?

- Demos umas boas bracadas - disse a rapariga. - Mas nao demoramos tanto como ontem.

- Que bebida boa, David - disse Catherine. - Por que e que os Martinis que preparas sao melhores que os outros?

- E do gim - disse David.

- Preparas-me um, por favor?

- Agora nao tomas nada, Demonio. Vamos almocar.

- Tomo, sim - disse ela. - E depois do almoco vou dormir. E que tu nao tiveste que passar por coloracoes e coloracoes. E cansativo.

- Afinal, de que cor e agora o teu cabelo? - perguntou David.

- E quase branco - disse ela. - Vais gostar. Quero manter esta cor para ver quanto tempo vai durar. E muito branco? - perguntou David.

- E como bolhas de sabao - disse ela. - Lembras-te?

A tarde, Catherine estava completamente diferente. Estava sentada no banco do bar quando eles regressaram da praia. A rapariga foi ao quarto e David entrou na sala e perguntou:

- Que fizeste agora, Demonio?

- Lavei esta porcaria toda - disse ela. - Deixava nodoas cinzentas na almofada.

- Es muito bonita - disse ele. - Mas gostava que nunca tivesses tocado no cabelo.

- Agora e demasiado tarde. Posso dizer-te uma coisa?

- Claro.

- Amanha nao vou beber e vou estudar espanhol e voltar a ler e deixar de pensar so em mim.

- Meu Deus - disse David. - Que dia! Deixa-me arranjar uma bebida e mudar de roupa.

- Espero aqui - disse Catherine. - Veste aquela camisa azul-escura, esta bem? Aquela que e igual a minha.

David tomou banho e mudou de roupa e quando regressou as duas raparigas estavam juntas no bar e ele desejou ter um quadro pintado com elas.

- Estive a falar a Herdeira sobre os meus novos propositos disse Catherine.  
- Daquela folha que acabei de virar e de como eu quero que tu tambem a ames e cases com ela se ela quiser.

- Podiamos ir para Africa se eu estivesse registado como maometano. La pode-se ter tres mulheres.

- Acho que seria muito mais agradavel se fossemos todos casados - disse Catherine. - Assim, ninguem nos criticaria. Queres casar com ele, Herdeira?

- Sim - disse a rapariga.

- Estou tao contente - disse Catherine.

- As coisas que me preocupavam sao agora tao simples.

- Queres mesmo? - perguntou David.

- Sim - disse ela. - Pede-me. David olhou para ela.

Estava muito seria e excitada. Pensou no rosto dela com os olhos fechados sob o sol e a cabeça morena contra a brancura do roupao turco sobre a areia amarela, quando, por fim, tinham feito amor.

- Eu peço-te - disse ele -, mas não no raio do bar.

- Isto não é um raio de um bar - disse Catherine. - É o nosso bar e até compramos um espelho. Quem me dera poder casar contigo esta noite.

- Não digas disparates - disse David.

- Não estou a dizer - respondeu Catherine. - Falei a sério.

- Queres uma bebida? - perguntou David.

- Não - disse Catherine. - Quero primeiro esclarecer as coisas. Olhem para mim.

A rapariga baixou os olhos e David olhou para Catherine.

- Estive a pensar durante a tarde - disse ela. - A sério. Não te falei nisso, Marita?

- Ela falou - disse a rapariga.

David viu que ela estava a falar a sério e que tinham chegado a um entendimento que ele desconhecia.

- Ainda sou a tua mulher - disse Catherine. - Começaremos por nós. Quero também que Marita seja tua mulher para me ajudar e para depois herdar de mim.

- Por que razão ela tem que herdar?

- As pessoas fazem testamentos - disse ela. - E isto é mais importante que um testamento.

- Que pensas tu? - perguntou David a rapariga.

- Eu quero se tu me ajudares.



- Optimo - disse ele. - Importam-se que eu tome uma bebida?

- Por favor - disse Catherine. - Nao quero estragar-te a vida so porque sou maluca e incapaz de decidir. Tambem nao me vou calar. Ela ama-te e tu ama-la um bocadinho. Posso ver isso. Nunca encontraras ninguem como ela e eu nao quero que procures nenhuma puta nem te sintas so.

Anda la, anima-te - disse David. - Es saudavel como uma cabra.

- Bem, vamos faze-lo - disse Catherine. - Vamos resolver tudo.

O sol brilhava agora no quarto e era um novo dia. «E melhor ires trabalhar», disse para consigo. «Nao podes alterar nada. So uma pessoa pode alterar a situacao e ela nao pode saber como acordara ou se la estara quando acordar. Como te sentes, nao interessa. E melhor ires trabalhar. Tens que conseguir fazer sentido nisso, ja que nao fazes em mais nenhuma coisa. Nada te ajudara. Nem te ajudaria desde que tudo comecou.»

Quando finalmente regressou a historia, o Sol ja ia alto e ja se tinha esquecido das duas raparigas. Tinha sido necessario pensar no que o pai teria pensado ali sentado, com as costas contra o tronco amarelo-esverdeado da figueira e uma caneca com uisque e agua na mao. O pai lidara tao ao de leve com o mal, nao lhe dando qualquer hipotese e negando-lhe qualquer importancia, de forma que nao possuia qualquer estatuto, forma ou dignidade. Tratava o mal como um velho amigo, pensou David, e o mal, mesmo quando vencia, ignorava-o. Sabia que o pai nao era invulneravel e, ao contrario da maior parte das pessoas que conhecera, so a morte o podia matar. Por fim, soube o que o pai pensara e, sabendo-o, nao o pos na historia. So escreveu o que o pai fizera e como se sentira e no meio de tudo isto tornou-se no pai e o que o pai dissera a Molo foi o que ele disse. Dormiu bem no chao sob a arvore e acordou e ouviu o leopardo rugir. Mais tarde nao ouviu o leopardo no acampamento mas sabia que ele la estava e voltou a adormecer. O leopardo andava atras de carne e como havia muita nao constituia problema. De manha, antes do romper do dia, sentado junto as cinzas do fogo, a beber cha pela caneca de latao, perguntara a Molo se o leopardo levava carne e Molo dissera: «Ndiyi». E ele dissera: «Ha muita no sitio para onde vamos». «Acorda-os para comecarmos a trepar.» Ja era o segundo dia em que seguiam atraves do bosque por cima da escarpa, quando ele finalmente parou e se sentiu feliz com a paisagem, com o dia e com a distancia que ja tinham percorrido. Tinha a capacidade do pai para esquecer e nao recluir nada do que estivesse para vir. Quando parara tinha mais um dia e mais uma noite a frente naquela nova

regiao e vivera dois dias e uma noite naquele dia. Agora que saia daquele sitio, o pai estava com ele mesmo quando fechou a porta e voltou ao salao e ao bar. Disse ao criado que nao queria pequeno-almoco e que lhe trouxesse um uisque e Perrier e o jornal da manha. Ja passava do meio-dia e tencionava levar a Cannes o velho Isotta para reparar, mas sabia que as garagens estavam fechadas e ja era muito tarde. Em vez disso, deixou-se ficar no bar porque la e que teria encontrado o pai aquela hora, e, tendo regressado da montanha, sentia a sua falta. Ca fora, o ceu estava muito parecido com o ceu de onde ele viera. Era bem azul e as nuvens brancas e aceitou bem a presenca do pai no bar ate que olhou para o espelho e viu que estava sozinho. Tencionara fazer duas perguntas ao pai. O pai, que orientara a sua vida mais desastrosamente do que qualquer homem que ele ja conhecera, dava optimos conselhos. Retirava-os de erros ja cometidos, com a frescura adicional de novos erros que estava para cometer, e dava-os com o rigor e precisao que caracterizavam a autoridade de um homem que ja ouvira as piores provisoes da sua sentenca, sem, no entanto, lhes dar mais importancia do que a um bilhete de barco. Teve pena que o pai nao tivesse ficado, mas ouviu claramente o conselho e sorriu. O pai te-lo-ia dado com maior exactidao, mas ele, David, parara de escrever porque estava cansado, e cansado nao era capaz de fazer justicia ao estilo do pai. Na verdade, ninguem era capaz, e as vezes o pai tambem nao. Sabia agora, melhor que nunca, a razao por que adiara escrever aquela historia e sabia que nao podia pensar nela, agora que a abandonara, caso contrario prejudicaria a sua capacidade de a escrever.

«Nao te debes preocupar antes de comecares ou depois de passares», disse para si mesmo. «Es um felizardo por a teres e nao comeces agora a arranjar problemas. Se nao consegues respeitar a forma como conduzes a tua vida, respeita ao menos o teu trabalho. Disso, pelo menos, sabes.» Mas na verdade era uma hipotese horrivel. Por Deus, que era. Bebeu o uisque e a agua Perrier e olhou, atraves da porta, para aquele dia de Verao. Estava a arrefecer, como sempre acontecia, e o gigante assassino ajudava. Perguntou-se onde estariam as raparigas. Estavam de novo atrasadas e esperou que, desta vez, nao tivesse acontecido nada de mau.

Nao era uma personagem tragica, o pai e o facto de ser escritor tinham-no impedido disso, e a medida que acabava o uisque e a agua sentia-se ainda menos. Nao se lembrava de nenhuma manha em que nao tivesse acordado feliz ate que a enormidade do dia o afectara e aceitava agora este dia, tal como aceitara os outros todos. Perdera a capacidade de sofrimento pessoal, ou

pensava que a perdera, e so podia sofrer com o que acontecia aos outros. Acreditava nisto, erradamente, claro, uma vez que nao sabia como e que as capacidades de cada um se alteram, ou os outros, mas era uma crenca confortavel. Pensou nas duas raparigas e desejou que elas aparecessem. Estava a ficar demasiado tarde para irem nadar antes do almoco, mas tinha vontade de as ver. Pensou nas duas. Depois foi ate ao seu quarto e de Catherine, tomou banho e fez a barba. Estava ainda a faze-la quando ouviu o ruido do carro e sentiu um subito vazio. Depois, ouviu as vozes e o riso delas e vestiu uns calcoes e uma camisa lavada e veio ate ca fora ver como paravam as coisas.

Os tres tomaram calmamente uma bebida e depois almocaram um almoco leve mas agradavel e beberam Tavel e quando estavam a comer queijo e fruta Catherine perguntou:

- Digo-lhe.

- Se quiseses - respondeu a rapariga. Agarrou no copo de vinho e bebeu parte dele.

- Esqueci-me como se diz - disse Catherine. - Esperamos tempo de mais.

- Nao te lembras? - disse a rapariga.

- Nao, esqueci-me e era maravilhoso. Tinhamos tudo preparado e era maravilhoso.

David serviu-se de outro copo de Tavel.

- Queres tentar so pelo contentamento factual? - perguntou ele.

- Conheco o contentamento factual - disse Catherine. que ontem fizeste a siesta comigo e depois foste ter com a Marita ao quarto e hoje podes ir logo para la. Mas ja estraguei tudo e agora quem me dera que pudessemos fazer a siesta juntos.

- A *siesta* nao - ouviu-se David dizer.

- Acho que nao - disse Catherine. - Bem, lamento ter dito tudo ao contrario e nao pude deixar de dizer o que queria.

No quarto, ele disse para Catherine:

- Ela que va para o diabo.

- Nao, David. Ela queria fazer o que lhe pedi. Talvez te consiga dizer.

- Que se foda!

- Bem, tu ja o fizeste - disse ela. - Mas isso nao interessa. Vai la falar com ela, David. E se a quiseses foder, entao da-lhe uma por mim.

- Nao sejas ordinaria.

- Tu e que costumavas ser. Eu so paguei da mesma moeda.

- Esta bem - disse David. - Que tem ela para me dizer?

- O meu discurso - disse Catherine. - Aquele que esqueci. Nao me olhes tao serio, ou nao te deixo ir. Es terrivelmente atraente quando estas serio. E melhor ires antes que ela se esqueca do discurso.

- Para o diabo contigo, tambem.

- Isso e bom. Agora estas a reagir melhor. Gosto de ti quando estas mais distraido. Da-me um beijo de adeus. Quer dizer, de boa tarde. E melhor ires antes que ela esqueca o discurso. Nao ves que sou tao razoavel e boazinha?

- Nao es razoavel nem boazinha.

- Gostas que eu seja dura.

- Claro.

- Queres que te conte um segredo?

- Um novo?

- Um velho.

- Esta bem.

- Nao es muito dificil de corromper e e muito divertido corromper-te.

- Tu la sabes.

- Foi so uma brincadeira. Nao ha corrupcao nenhuma. So nos divertimos. Vai la para ela te fazer o discurso antes que se esqueca. Vai la e se bom rapazinho, David.

No quarto, David, deitado em cima da cama, perguntou:

- Afinal, o que e?

- E o que ela disse ontem a noite - disse a rapariga. - Falou a serio. Nem calculas como ela falou a serio.

- Disseste-lhe que tinhamos feito amor?

- Nao.

- Ela sabe.

- Isso importa?

- Pareceu-me que nao.

- Bebe um copo de vinho, David, e poe-te a vontade - disse ela. - Nao sou indiferente. Espero que o saibas.

- Eu tambem nao sou. Entao os seus labios uniram-se e ele sentiu o corpo dela contra o seu, os seios dela contra o peito e os labios bem contra os dele, e depois abriram-se, a cabeça dela moveu-se de um lado para o outro e ele sentiu a respiracao dela e a fivela do cinto contra a sua barriga.

Estavam deitados na praia e David observava o ceu e o movimento das nuvens e nao pensava em nada. Pensar nao adiantava e quando se deitara pensara que, se nao pensassem em nada, entao tudo o que estava errado

desapareceria. As raparigas conversavam mas ele nao as ouvia. Deixou-se estar deitado a admirar o ceu de Setembro e quando as raparigas se calaram ele comecou a pensar, e sem olhar para a rapariga, perguntou:

- Em que estas a pensar?
- Em nada - disse ela.
- Pergunta-me a mim - disse Catherine.
- Sei no que estas a pensar.
- Nao sabes, nao. Estava a pensar no Prado. --ja la estiveste? - perguntou

David a rapariga.

- Ainda nao - disse ela.
- Havemos de la ir - disse Catherine.
- Quando podemos ir, David?
- Em qualquer altura - disse David. - Primeiro, quero acabar a historia.
- Vais trabalhar muito na historia?
- E o que tenho estado a fazer. Nao posso trabalhar ainda mais.
- Nao estava a dizer para a apressares.
- Nem apresso - disse ele. - Se voces estao aborrecidas, vao a frente que eu

vou la ter.

- Nao quero fazer isso - disse Marita.
- Nao sejas pateta - disse Catherine. - Ele esta a ser nobre.
- Nao. Podem ir.
- Sem ti, nao tinha piada nenhuma - disse Catherine. - Sabe-lo bem. Nos as

duas em Espanha nao nos divertiriamos.

- Ele esta a trabalhar, Catherine - disse Marita.
- Podia trabalhar em Espanha - disse Catherine. - Muitos escritores espanhóis devem ter trabalhado em Espanha. Aposto que escreveria bem em Espanha se fosse escritora.

- Posso escrever em Espanha - disse David. - Quando querem ir?
- Raios te partam, Catherine - disse Marita. - Ele esta a meio de uma

historia.

- Esta a escreve-la ja ha mais de seis semanas - disse Catherine. - Por que razao nao podemos ir para Madrid?

- Eu disse que podiamos - disse David.

- Nao te atrevas - disse a rapariga para Catherine. - Nao atrevas a fazer isso. Nao tens consciencia?

- Tu es a pessoa indicada para falar de consciencia - disse Catherine.
- Em relacao a algumas coisas tenho consciencia.

- Optimo. Fico muito feliz por saber. Agora queres ser educada e nao interferir quando alguem esta a tentar resolver as coisas pelo melhor?

- Vou nadar - disse David. A rapariga levantou-se e seguiu-o e quando ja estavam dentro de agua disse:

- Ela e maluca.

- Entao, nao a culpes.

- Mas que vais fazer? - Acabar a historia e comecar outra.

- E entao tu e eu que fazemos?

- O que pudermos.

Ele acabou a historia em quatro dias. Pos nela toda a pressao que acumulara enquanto escrevia e o seu lado modesto receava que nao fosse tao boa quanto ele pensava ser. O lado frio e calculista sabia que era melhor.

- Como correu hoje? - perguntou a rapariga.

- Acabei.

- Posso ler?

- Se quiseres.

- Nao te importas?

- Esta nos dois cadernos dentro da pasta. Ele deu-lhe a chave e sentou-se no bar a beber uisque e Perrier e a ler o jornal da manha. Ela regressou e sentou-se num banco um pouco afastado dele a ler a historia.

Quando acabou, recomecou a ler e ele serviu-se de um segundo uisque com soda e observou-a. Quando ela acabou de ler pela segunda vez, ele perguntou:

- Gostaste?

- Nao e coisa de que se goste ou nao - disse ela. - E o teu pai que aparece nela?

- Sim.

- Isto foi quando deixaste de o amar?

- Nao. Sempre o amei. Isso foi quando o passei a conhecer.

- E uma historia terrivel e maravilhosa.

- Ainda bem que gostaste - disse ele.

- Vou la po-la agora - disse ela. - Gosto de ir ao quarto quando a porta esta fechada.

- Temos isso - disse David.

Quando voltaram da praia encontraram Catherine no jardim.

- Entao, voltaram - disse ela.

- Sim - disse David. - Demos umas boas bracadadas. Gostava que la tivesses estado.

- Pois bem, nao estive - disse ela. - Se e que isso interessa a algum de voces.

- Onde foste? - perguntou David.

- Fui a Cannes tratar de uns assuntos meus - disse ela. Vem ambos atrasados para o almoco.

- Desculpa - disse David. - Queres tomar alguma coisa antes do almoco?

- Desculpa-me, Catherine - disse Marita. - Volto ja.

- Ainda bebes antes do almoco? - perguntou Catherine a David.

- Sim - disse ele. - Acho que nao tem importancia, quando se faz muito exercicio.

- Havia um copo de uisque vazio no bar quando entrei.

- Sim - disse David. - Na verdade, bebi dois uisques.

- Na verdade? - imitou ela. - Estas muito britanico hoje.

- A serio? - disse ele. - Nao me senti muito britanico. Senti-me ate meio taitiano.

- E a tua forma de falar que me irrita - disse ela. - A tua escolha de palavras.

- Percebo - disse ele. - Queres entornar algum antes de trazerem a comida?

- Nao precisas de ser um palhaco.

- Os melhores palhacos nao falam - disse ele.

- Ninguem te acusou de seres o melhor dos palhacos - disse ela. - Sim. Quero uma bebida se isso nao for muito trabalhoso.

Ele preparou tres Martinis, medindo-os separadamente e colocando-os no misturador, onde havia gelo, e depois agitando-o.

- Para quem e a terceira bebida?

- Para a Marita.

- O teu paraamor?

- O meu que?

- Paraamor.

- Disseste-a mesmo - disse David. - Nunca tinha ouvido pronunciar essa palavra e ja nao tinha esperanca de a ouvir nesta vida. Es mesmo uma maravilha.

- E uma palavra perfeitamente vulgar.

- Isso e - disse David. - Mas tens a coragem nua e crua de a utilizar em conversa... Demonio, porta-te bem agora. Nao podias ter dito «o teu crepuscular amor»?

Catherine desviou os olhos enquanto erguia o copo.

- E eu que costumava achar divertido este tipo de conversa - disse ela.

- Queres tentar ser decente? - perguntou David. - Vamos ser os dois decentes?

- Nao - disse ela. - Ai vem a tua qualquer coisa, tao querida e inocente como sempre. Devo dizer que me sinto satisfeita por a ter tido antes de ti. Querida Marita, diz-me, o David hoje trabalhou antes de comecar a beber?

- Trabalhaste, David? - perguntou Marita.

- Acabei uma historia - disse David.

- E suponho que a Marita ja a tera lido.

- Sim. Leu.

- Sabes, nunca li nenhuma historia de David. Nunca interfiro. So tentei tornar-lhe economicamente possivel fazer o melhor trabalho de que for capaz.

David bebeu um trago e olhou para ela. Era a mesma maravilhosa rapariga morena de sempre e o cabelo branco-marmore era como uma cicatriz na testa. So os olhos tinham mudado e os labios diziam coisas que eram incapazes de dizer.

- Achei a historia muito boa - disse Marita. - Estranha e, como se diz, pastoral. Depois, tornou-se terrivel de uma forma que nao consigo explicar. Acho que e magnifico.

- Bem... - disse Catherine. - Todos falamos frances, sabes? Podias ter tido todo esse desabafo emocional em frances.

- Fiquei muito comovida com a historia - disse Marita.

- Por que foi o David que a escreveu ou porque tinha qualidade?

- Pelas duas coisas - disse a rapariga.

- Bem - disse Catherine -, ha alguma razao para que eu nao possa ler essa historia tao extraordinaria? Entrei com dinheiro para ela.

- Fizeste o que? - perguntou David. - Talvez nao seja exactamente assim. Tu tinhas mil e quinhentos dolares quando casaste comigo e esse livro sobre os aviadores loucos tem-se vendido, nao tem? Nunca me disseste quanto. Mas eu avancei com uma quantia substancial e temos que admitir que tens vivido mais confortavelmente agora do que antes de casares comigo.



A rapariga não disse nada e David pos-se a observar o criado a por a mesa no terraco. Olhou para o relógio. Faltavam vinte minutos para a hora a que habitualmente almoçavam.

- Gostava de me ir arranjar, se não se importam - disse ele.
- Não sejas tão estupidamente educado - disse Catherine.
- Por que razão não posso ler a história?
- Esta escrita a lápis. Nem sequer foi ainda copiada. Não a vais querer ler assim.

- A Marita leu-a.
- Então le-a depois de almoço.
- Quero lê-la agora, David.
- Eu não a leria antes do almoço.
- Nojenta? uma história sobre África antes da guerra de 1914. Do tempo da guerra Maji-Maji. A rebelião nativa de 1905 no Tanganhica.
- Não sabia que escrevias romances históricos.
- Agradecia que deixasses isso - disse David. - É uma história passada em África quando eu tinha oito anos.
- Quero lê-la.

David encontrava-se ao fundo do bar a baralhar dados dentro de um copo de pele. A rapariga estava sentada num banco ao lado de Catherine. Ele observou-a a olhar Catherine enquanto esta lia.

- Começa muito bem - disse ela. - Embora a tua caligrafia seja horrível. A paisagem é soberba. A passagem. Aquilo a que Marita chamou erradamente parte pastoral.

Poisou o primeiro caderno e a rapariga agarrou nele e colocou-o sobre o regaco, o olhar ainda fixo em Catherine.

Catherine continuou a ler sem dizer nada. Já ia a meio da segunda parte.

Depois, rasgou o caderno em dois e atirou-o para o chão.

- É horrível - disse. - É animal. Então, o teu pai era assim.
- Não - disse David. - Mas essa é uma das facetas dele. Não acabaste de ler.
- Nada me faria acabar.
- Também nunca quis que a lesses.
- Não. Ambos conspiraram para me obrigar a lê-la.
- Das-me a chave para os ir guardar, David? - perguntou a rapariga.

Apanhara do chão as metades rasgadas do caderno. Estavam só rasgadas ao meio. David deu-lhe a chave.

- Ainda e mais horrivel escrito nesse caderno de crianca disse Catherine. -  
Es um monstro.

- Foi uma rebeliao muito estranha - disse David.
- E tu es uma pessoa muito estranha para escreveres sobre isto disse ela.
- Pedi-te que nao lesses a historia. Ela comecou a chorar.
- Odeio-te - disse.

Encontravam-se no quarto a noite e era tarde.

- Ela vai-se embora e tu internas-me ou mandas-me embora - disse Catherine.

- Nao. Nao e verdade.
- Mas sugeriste que fossemos para a Suica.
- Se estiveres preocupada podemos consultar um bom medico. Da mesma forma que iriamos ao dentista.

- Nao. Eles internavam-me, sei bem. Aquilo que e inocente para nos e loucura para eles. Conheco muito bem esses sitios,

- E um passeio facil e maravilhoso. Iamos por Aix e St. Remy, ate ao Rodano, e depois de Liao para Genebra. Consultavamos o medico, traziamos bons conselhos e ainda nos divertiamos.

- Nao vou.
- Um medico inteligente que...
- Nao vou. Nao me ouviste? Nao vou. Nao vou. Queres que comece a gritar?

- Esta bem. Nao penses nisso agora. Tenta dormir.
- So se nao tiver que ir.
- Nao temos que ir.
- Entao, vou dormir. Vais trabalhar amanha de manha?
- Sim. Acho que vou.

- Vais trabalhar bem - disse ela. - Sei que vais. Boa noite, David. Dorme bem.

Ele levou bastante tempo a adormecer e, quando por fim caiu no sono, sonhou com Africa. Foram sonhos bons ate aquele que o acordou. Levantou-se e passou directamente do sonho para o trabalho. Ja estava bem enfronhado na historia antes de o Sol romper no mar e nao ergueu os olhos para ver como estava vermelho. Na historia encontrava-se a espera que a Lua nascesse e sentiu o pelo do cao ericar-se sob a sua mao enquanto o acariciava para o acalmar e depois ficaram ambos a escuta, enquanto a Lua subia e lhes dava sombras. Tinha agora o braco a volta do pescoco do cao e sentia-o tremer. Todos os sons

da noite tinham parado. Não ouviram o elefante e David não o viu até que o cão voltou a cabeça e pareceu saltar para o colo de David. Depois a sombra do elefante cobriu-os e ele moveu-se sem fazer barulho e sentiram-lhe o cheiro por entre a brisa que vinha da montanha. Tinha um cheiro muito forte, velho e acre e, quando passou, David viu que o dente esquerdo era tão grande que parecia chegar ao chão. Aguardaram, mas não apareceram mais elefantes, e então David e o cão começaram a correr ao luar. O cão seguia junto a ele e, quando David parou, o cão encostou o focinho contra o joelho dele. David avistou novamente o animal e alcançaram-no ao fundo da floresta. Dirigia-se para a montanha, movendo-se lentamente no meio da brisa noturna. Teve medo de se aproximar mais com o cão e puxou-o para junto de uma árvore, tentando fazê-lo entender. Pensou que o cão ia ficar quieto, e ficou, mas quando David se dirigiu para o elefante sentiu-lhe novamente o focinho contra os joelhos.

Os dois seguiram o elefante até que este chegou a uma clareira. Ali ficou movendo as orelhas enormes. Tinha o corpo na sombra mas a Lua iluminava-lhe a cabeça. David rodeou delicadamente com a mão o focinho do cão e depois moveu-se para a direita sustentando a respiração e sentindo no rosto a brisa noturna, até que viu a cabeça do elefante e as orelhas enormes movendo-se lentamente. O dente direito era tão grosso como a perna e curvava-se quase até ao chão.

Ele e o cão recuaram, o vento a dar-lhe agora no pescoco, e saíram da floresta para a clareira. O cão seguia a frente dele e deteve-se onde David deixara duas lanças de caca quando tinham seguido o elefante. Colocou-as sobre o ombro, enfiadas em proteções de couro, e, com a melhor lança que conservara todo o tempo na mão, começaram a subir o trilho para a shamba. A Lua ia alta e perguntou-se por que razão não se ouviam os tambores da shamba. Era estranho que o seu pai se encontrasse lá e não se ouvissem os tambores.

Estavam deitados sobre a areia firme da mais pequena das três praias para onde iam sempre que estavam sozinhos e a rapariga disse:

- Ela não vai para a Suíça.

- Também não devia ir para Madrid. Espanha é um mau sítio para uma depressão.

- Sinto-me como se tivéssemos sido sempre casados e não tivesse havido nada senão problemas.

Ela afastou-lhe o cabelo da testa e beijou-o.

- Queres nadar, agora?
- Sim. Vamos mergulhar do penhasco. Daquele alto.
- Vai tu - disse ela. - Eu nado ate la e tu mergulhas sobre a minha cabeca.
- Esta bem. Mas mantem-te quieta quando eu mergulhar.
- Poe-te o mais perto possivel. Erguendo os olhos, ela viu-o colocar-se

sobre a rocha e arquear o corpo bronzeado contra o ceu azul. Depois, ele mergulhou na direccao dela e a agua esguichou de um buraco por detras do ombro dela. Ele virou-se debaixo de agua, apareceu a frente dela e abanou a cabeca.

- Vim muito a direito - disse. Nadaram e depois voltaram para tras e secaram-se um ao outro e vestiram-se na praia.

- Gostaste que eu mergulhasse tao perto?
- Adorei. Ele beijou-a e ela sentiu-se fresca e ainda sabia a mar.

Catherine apareceu quando ainda estavam sentados no bar. Estava cansada, calma, e falou educadamente.

A mesa, disse:

- Fui ate Nice e depois parei sobre Villefranche e fiquei a ver um cruzador de guerra e quando dei conta era tarde.

- Nao chegaste muito tarde - disse Marita.
- Mas foi muito estranho - disse Catherine. - As cores eram todas muito brilhantes. Ate os cinzentos eram. As oliveiras reluziam.
- Isso e da luz do meio-dia - disse David.

- Nao. Acho que nao e - disse ela. - Nao foi muito agradavel mas foi maravilhoso quando parei para ver o navio. Nao parecia um barco de guerra. \_ Por favor, come um pouco de carne - disse David. - Nao comeste praticamente nada.

- Desculpa - disse ela. - E bom. Gosto de tornedos.

- Preferes outra coisa em vez de carne?

- Nao. Como a salada. Achas que podiamos beber uma garrafa de Perrier-Jouet?

- Claro que sim.
- Foi sempre um vinho tao bom - disse ela. - E sentimo-nos sempre tao felizes, depois de o bebermos.

Mais tarde, no quarto, Catherine disse:

- Nao te preocupes, David. Tudo se precipitou ultimamente.
- Como? - perguntou ele, acariciando-lhe a testa.

- Nao sei. De repente, senti-me velha esta manha e nem sequer era essa a altura do ano. As cores comecaram a ser falsas. Fiquei preocupada e quis que tivesses alguem para tomar conta de ti.

- Tu tomas muito bem conta de toda a gente.

- E o que vou fazer, mas estava tao cansada e nao havia tempo e eu sabia que seria humilhante se o dinheiro acabasse e tivesses que pedir emprestado, e eu nao tinha tratado de nada nem assinado nada. Depois preocupei-me com o teu cao.

- O meu cao? sim, o teu cao em Africa, o da historia. Fui ao quarto ver se precisavas de alguma coisa e li a historia. Enquanto tu e a Marita conversavam no outro quarto. Nao ouvi. Deixaste as chaves no bolso dos calcoes que despiste.

- Ainda vai a meio - disse ele. E maravilhosa - disse ela. - Mas assustas-me. O elefante era tao estranho e o teu pai tambem. Nunca gostei dele e gosto mais do cao que qualquer outra pessoa, excepto tu, David, e estou tao preocupada com ele.

- Era um optimo cao. Mas agora esta na shamba e nao precisas de te preocupar com ele.

- Se ele esta bem, nao continuo a ler ate voltares a falar dele. Kibo. Tinha um lindo nome.

- E o nome de uma montanha. A outra parte chama-se Mawenzi.

- Tu e Kibo. Amo-vos tanto. Sao tao parecidos.

- Estas a sentir-te melhor, Demonio.

- Provavelmente - disse Catherine. - Espero que sim. Mas nao vai durar muito. Quando conduzia hoje, senti-me muito feliz e de repente envelheci e ja nao me importava com nada.

- Nao es velha.

- Sim, sou. Sou mais velha que os trapos mais velhos da minha mae e nao vou sobreviver ao teu cao. Nem sequer numa historia.

David acabara de escrever e sentia-se vazio por ter ultrapassado em muito o ponto onde deveria ter parado. Achava que nao tinha importancia naquele dia porque era a parte de exaustao da historia e por isso tinha sentido o cansaco logo que tinham retomado o caminho. Durante muito tempo sentira-se mais fresco e em melhor forma que os outros dois homens e impaciente devido a lentidao com que caminhavam e as pausas que o seu pai fazia de hora a hora. Poderia ter ultrapassado Juma e o pai, mas quando comecara a cansar-se eles

estavam na mesma e ao meio-dia so tiraram os habituais cinco minutos de descanso e verificara que Juma acelerara ligeiramente o passo. E dai, talvez nao. Talvez so o tivesse parecido, mas os excrementos estavam frescos, embora nao quentes ao tacto. Juma passou-lhe a espingarda depois de terem chegado ao ultimo monte de excrementos, mas passada uma hora olhou para ele e retirou-a. Tinham subido a encosta de uma montanha, mas agora o trilho descia e por entre uma brecha da floresta avistou a paisagem a frente.

- E aqui que comeca a parte mais dificil, Davey - disse-lhe o pai.

Foi entao que ele soube que deveria ser mandado de volta a shamba depois de os ter encaminhado. Juma sabia-o ha muito tempo. O pai tinha sabido naquele momento e nao havia nada a fazer. Fora outro dos seus erros e agora nao havia nada a fazer senao arriscar. David olhou para a pegada circular do elefante e viu onde os fetos tinham sido pisados e onde se encontrava um ramo em flor partido. Juma apanhou-o e examinou-o a luz do Sol. Juma entregou o ramo quebrado ao pai de David, que o enrolou entre os dedos. David reparou nas flores brancas, que estavam murchas e sem vida. Mas nao tinham ainda secado ao sol nem deixado cair as petalas.

- Vai ser muito dificil - disse o pai. - Continuemos. Ao fim da tarde continuavam a caminhar. Sentira-se bastante sonolento e, enquanto observava os dois homens, sabia que a sonolencia era o seu verdadeiro inimigo e seguiu-lhes os passos e tentou combater o sono que se apoderara dele. Os dois homens revezavam-se de hora a hora e o que ia em segundo lugar olhava para tras a intervalos regulares para se certificar de que ele os seguia. Quando a noitinha acamparam na floresta, adormeceu logo que se sentou e acordou com Juma a segurar-lhe os sapatos e a procurar bolhas nos seus pes descalcos. O pai cobria-o com o casaco e estava sentado ao seu lado com um pedaco de carne cozida e dois biscoitos na mao. Entregou-lhe uma garrafa com cha frio.

- Ele vai ter que se alimentar, Davey - disse-lhe o pai. - Os teus pes estao em boa forma, tao bons como os de Juma. Come isto devagar, bebe um pouco de cha e dorme. Nao ha problema.

- Desculpem ter tanto sono.

- Tu e Kibo cacaram e andaram toda a noite. Por que razao nao havias de te sentir sonolento? Podes comer mais um pouco de carne se quiseses.

- Nao tenho fome.

- Optimo. Temos condicoes para mais tres dias. Amanha, chegaremos novamente a agua. Ha muitas nascentes que vem da montanha.

- Para onde se dirige ele?

- Juma pensa que sabe.  
- E mau?  
- Nao e muito mau, Davey.  
- Vou dormir - dissera David. - Nao preciso do seu casaco.  
- Juma e eu estamos bem - dissera-lhe o pai. - Sabes, consigo sempre dormir aquecido.

David adormecera antes de o pai ter tempo de dizer boa noite. Acordou uma vez com o luar a bater-lhe no rosto e pensou no elefante, com as enormes orelhas a abanar, na floresta, a cabeça baixa devido ao peso dos dentes. David pensou entao a noite que a exaustao que sentia quando se lembrara dele se devia ao facto de acordar com fome. Mas nao era e constatou-o nos tres dias que se seguiram.

Na historia, novamente tentara dar vida ao elefante, quando ele e Kibo o tinham visto a noite, quando a Lua nasceria. «Talvez consiga», pensou David, «talvez consiga», mas, quando deu por encerrado o dia de trabalho e saiu do quarto e fechou a porta disse para si proprio: «Nao, nao consegues faze-lo. O elefante era velho e se nao fosse o teu pai teria sido outra pessoa. Nao podes escrever nada, excepto contar como foi. Por isso, debes escrever melhor cada dia e utilizar o desgosto que agora sentes para te fazer saber a sua origem. E debes lembrar-te sempre das coisas em que acreditaste porque se as souberes elas estarao presentes na tua escrita e nao as trairas. A escrita e o unico progresso que fazes».

Foi atras do bar, retirou a garrafa de Haig e meia garrafa de Perrier gelada, preparou uma bebida e foi ate a cozinha a procura de Madame. Disse-lhe que ia a Cannes e que nao estaria de volta para almocar. Ela ralhou-lhe por beber uisque com o estomago vazio e ele perguntou-lhe se tinha alguma comida fria que pudesse meter no estomago para acompanhar o uisque. Ela trouxe galinha fria que colocou num prato e fez salada de endivas e ele foi ate ao bar preparar outra bebida e quando voltou sentou-se a mesa da cozinha.

- Nao beba isso antes de comer, Monsieur - disse Madame.  
- Faz-me bem - respondeu ele. - Na guerra, bebiamos-lo como vinho, la na messe.

- E de admirar que nao tenham todos dado em bebedos. Como os franceses - disse ele e ficaram a discutir os habitos alcoolicos da classe trabalhadora e concordaram os dois e ela arreliou-o dizendo que as suas mulheres o tinham abandonado. Ele disse que estava cansado de ambas, e nao queria ela substitui-las? Nao, disse ela, ele teria que mostrar mais provas da sua

masculinidade ate conseguir excitar uma mulher do Midi. Ele disse que ia a Cannes, onde conseguiria comer uma refeicao decente e que voltaria como um leao e deixaria as mulheres do Sul a tomarem conta.

Beijaram-se afectuosamente com o beijo do cliente preferido e da corajosa femme e depois David foi tomar banho, barbear-se e mudar de roupa.

O duche fe-lo sentir-se bem e ficou mais animado depois de ter falado com Madame. «Que diria ela se soubesse o que se passa?», pensou ele. As coisas tinham mudado desde a guerra e tanto.

Monsieur como Madame tinham a nocao do estilo e gostavam de acompanhar a evolucao. «Nos, os tres clientes, somos de *gens tres bien*. Enquanto isso compensar e nao for violento, nao tem nada de mal. Os russos ja se foram, os ingleses comecaram a ficar pobres, os alemaes estao arruinados, e agora ha este desrespeito em relacao as regras estabelecidas que pode muito bem ser a salvacao de toda a costa. Somos pioneiros da abertura da epoca de Verao, o que e ainda considerado uma loucura.»

Examinou o rosto, com uma das faces barbeada. assim, disse para si mesmo: «Nao precisas de levar tao longe o teu pioneirismo e nao barbear o outro lado». E entao reparou com desgosto critico na brancura quase prateada do seu cabelo.

Ouviu o Bugatti subir a encosta, dar a curva e parar. Catherine entrou no quarto. Trazia um lenco sobre a cabeca e olhos de sol. Retirou-os e beijou David. Ele abraçou-a e perguntou:

- Como estas?

- Nao muito bem - disse ela. - Estava muito calor. - Sorriu-lhe e poisou a testa sobre o ombro dele. - Estou contente por estar em casa.

Ele saiu para preparar um Tom Collins e trouxe-lho quando ela acabava de tomar um duche frio. Agarrou no copo comprido e frio, bebeu um trago e depois encostou-o a pele macia e escura de barriga. Levou o copo aos bicos de cada seio, que se tornaram erectos, bebeu um trago longo e voltou a encostar o copo frio a barriga maravilhoso - disse. Ele beijou-a e ela disse:

- Oh, e bom, ja me tinha esquecido. Nao vejo razao para desistir disso. Tu ves?

- Nao.

- Pois - disse ela. - Nao te vou entregar prematuramente a outra pessoa. Foi uma ideia parva.

- Veste-te e vamos sair - disse David.



- Nao. Quero divertir-me contigo como nos velhos tempos.
- Como?
- Tu sabes. Fazer-te feliz.
- Feliz, como?
- Assim.
- Tem cuidado - disse ele.
- Por favor.
- Esta bem, se assim o queres.
- Igual ao que foi em Grau du Roi, da primeira vez que aconteceu?
- Se quiseses.
- Obrigado por concordares desta vez, porque...
- Nao fales.
- E como em Grau du Roi, mas e melhor porque e de dia e amamo-nos mais porque eu me tinha ido embora. Por favor, devagar, devagar, devagar.
- Sim, devagar.
- TU...?
- Sim?
- A serio?
- Se quiseses.
- Oh, eu quero tanto e tu es e eu tenho. Por favor, vai devagar e deixa-me guarda-lo.
- Dou-te.
- Sim, tenho-o. Oh, sim, tenho. Por favor, vem-te comigo. Por favor, agora...

Ficaram estendidos sobre os lencois. Catherine, com a perna bronzeada sobre a dele, tocando-lhe ao de leve com as pontas dos dedos dos pes, apoiou-se sobre os cotovelos, afastou a boca da dele e perguntou:

- Estas satisfeito por me teres de novo?
- Tu - disse ele. - Tu voltaste.
- Nao pensaste que eu voltava. Ontem, tudo tinha acabado e hoje aqui estou. Sentes-te feliz?
- Sim.
- Lembras-te quando tudo o que eu queria era ser muito escura e agora sou a rapariga branca mais escura do mundo.
- E a mais loura. Pareces marfim. E assim que te vejo e tambem es macia como marfim.

- Estou tao feliz e quero divertir-me contigo como antigamente. Mas o que e meu e meu. Nao te vou entregar a ela como o estava a fazer e ficar sem nada. Isso acabou.

- Nao e assim tao claro - disse David. - Mas ja estas boa, nao estas?

- Estou mesmo - disse Catherine. - Nao estou sombria, nem morbida nem nada.

- Es linda e maravilhosa.

- Esta tudo maravilhoso e mudado. Vamos fazer por turnos - disse Catherine. - Es meu hoje e amanha. Es de Marita nos dois dias a seguir. Meu Deus, estou esfomeada. E a primeira vez, numa semana, que me sinto esfomeada.

Quando David e Catherine regressaram de nadar, ao fim da tarde, foram a Cannes buscar os jornais e depois sentaram-se no cafe a ler e a conversar antes de regressarem a casa. Depois de terem mudado de roupa, David encontrou Marita a ler, sentada no bar. Reconheceu o livro como o seu. Aquele que ela nao tinha lido.

- Foi uma boa natacao? - perguntou ela.

- Sim. Nadamos imenso.

- Mergulharam das rochas?

- Nao.

- Ainda bem - disse ela. - Como esta a Catherine?

- Mais animada.

- Sim. Ela e muito inteligente.

- Como estas tu? Estas bem?

- Muito bem. Estou a ler este livro.

- Como e?

- So te posso dizer depois de amanha. Estou a le-lo muito devagar para durar.

- Que e isso? O pacto?

- Acho que sim. Mas nao me preocuparia muito com o livro nem com o que sinto por ti. Nao se alterou.

- Esta bem - disse David. - Mas senti muito a tua falta esta manha.

- Depois de amanha - disse ela. - Nao te preocupes.

## LIVRO SETE

O dia seguinte da historia foi muito mau, pois muito antes do meio da manha ele descobriu que nao era so a necessidade do sono que fazia a diferenca entre um rapaz e um homem. Durante as primeiras tres horas sentiu-se mais fresco que eles e pediu a Juma que lhe deixasse levar a espingarda 303 mas Juma abanou a cabeça. Nao sorriu e fora sempre o melhor amigo de David e ensinara-o a cacar.

«Ofereceu-ma ontem», pensou David, «e hoje estou em muito melhor forma que ontem.» Ele tambem estava; mas por volta das dez horas ja sabia que o dia seria mau ou pior que o anterior. Era tao estúpido pensar que conseguia acompanhar o passo do pai como pensar que podia lutar contra ele. Tambem sabia que nao se devia so ao facto de eles serem homens. Eram cacadores profissionais e percebeu nesse momento que essa era a razao por que Juma nao desperdicava sequer um sorriso. Sabiam tudo o que o elefante tinha feito, apontavam os sinais um ao outro sem falar e quando o rasto se tornava imperceptivel o pai berrava com Juma. Quando pararam junto de um ribeiro para encherem as garrafas, o pai disse:

- E o ultimo dia, Davey. Depois, quando ja tinham entrado na floresta, o rasto do elefante virou para a direita. Viu que o pai e Juma falavam e quando se levantou e se preparava para se lhes reunir viu Juma olhar para tras, para la de onde tinham vindo, e depois para uma longinqua ilha de pedras.

O Juma sabe para onde vai agora - explicou o pai. Antes, julgava que sabia mas depois deu com isto.

Olhou para tras, para o caminho que tinham percorrido durante o dia.

Para onde ele se dirige e bom, mas vamos ter que subir.

Subiram ate ao escurecer e depois acamparam novamente. David matara com a fisga aves selvagens, que faziam parte de um bando que se lhes atravessara no caminho antes do por do Sol. As aves tinham poisado, caminhando empertigadas, e, quando a pedra partiu o pescoco de uma delas que comecou a cambalear e a bater as asas, a outra ave avancou para dar uma picada e David lancou outra pedra contra o peito da segunda. Quando corria para as apanhar, as outras levantaram voo. Juma olhara para tras e desta vez sorria e David apanhara os passaros, quentes e anafados, e passara-lhes as cabeças contra o cabo da faca de caca,

Agora tinham acampado para passar a noite e o pai de David disse:

- Nunca vi esse tipo de francolim voar tao alto. Fizeste bem em apanhar dois.

Juma cozinhou os passaros num espeto sobre a pequena fogueira. O pai bebeu uisque e agua pela tampa do frasco enquanto observavam Juma a cozinhar, Depois Juma deu um peito a cada um, com o coracao, e ele comeu os dois pescocos e as pernas.

- Faz uma grande diferenca, Davey - disse-lhe o pai. Agora ja estamos melhor de mantimentos.

- Ainda vamos muito atras dele? - perguntou David.

- Por acaso ja estamos bastante perto - disse o pai. - Tudo depende de ele continuar a andar quando a Lua subir. Hoje e uma hora mais tarde, duas horas mais tarde que quando o encontramos.

- Por que e que Juma pensa que sabe para onde ele vai?

- Ele feriu-o e matou o seu askari aqui perto.

- Quando?

- Ele diz que foi ha cinco anos. Isso pode querer dizer qualquer altura. Ele diz que foi quando tu ainda eras um toto.

- E tem andado sozinho desde entao?

- Ele diz que sim. Nao o viu. So o ouviu.

- E de que tamanho e que ele diz que e?

- Perto de duzentos. Maior que tudo o que ja viu. Ele diz que so houve um elefante maior, tambem vindo daqui.

- E melhor ir dormir - disse David. - Espero estar melhor amanha.

- Foste optimo hoje - disse-lhe o pai. - Sinto-me muito orgulhoso de ti. E o Juma tambem.

De noite, quando acordou, ja a Lua ia alta, teve a certeza de que eles nao se sentiam nada orgulhosos dele, excepto talvez quando mostrara tanta destreza ao matar os passaros. Encontrara o elefante a noite e seguira-o para se certificar de que tinha os dois dentes e depois voltara para junto dos dois homens e colocara-os no rasto. David sabia que eles tinham ficado orgulhosos disso. Mas quando comecara a matanca, ele fora-lhes inutil e um perigo para o exito do trabalho, tal como Kibo o fora quando ele se aproximara do elefante a noite, e pensou que eles se deviam ter odiado por nao o terem mandado embora enquanto era tempo. Os dentes do elefante pesavam cem quilos cada um. Desde que tinham ultrapassado o tamanho normal que constituiam um fardo para o

elefante e agora os tres iam mata-lo. David tinha a certeza disso porque ele proprio resistira ao dia. Por isto, talvez tambem se sentissem orgulhosos. Mas nao trouxera nada de util a cacada e teriam ficado muito melhor sem ele. Muitas vezes durante o dia desejara nao ter traido o elefante e a tarde lembrava-se de ter desejado nunca o ter visto. Acordado, ao luar, sabia que isto nao era verdade.

Toda a manha, enquanto escrevia, tentara lembrar-se como se sentira de facto e o que tinha realmente acontecido nesse dia. O mais dificil era lembrar-se como se sentira e conseguir distinguir isso de como se sentira mais tarde. Os pormenores da paisagem estavam nitidos e descrevera-os bem. Mas as suas sensacoes em relacao ao elefante tinham constituido a parte mais dificil e sabia que tinha de se afastar e depois voltar, nao mais tarde mas naquele dia, para ter a certeza de como fora. Sabia que a sensacao comecara a formar-se, mas estava demasiado exausto para a recordar com exactidao.

Ainda envolvido neste problema e a viver a historia, fechou a pasta e saiu do quarto, atravessando o patio ate ao terraco, onde Marita estava sentada numa cadeira sob os pinheiros e em frente ao mar. Estava a ler e como ele caminhasse descalco nao o ouviu. David olhou para ela, satisfeito por ve-la. Depois lembrou-se do absurdo da situacao e voltou para tras, dirigindo-se ao seu quarto e de Catherine. Ela nao estava la, e, sentindo que Africa era real e tudo aquilo era irreal e falso, foi ate ao terraco falar com Marita.

- Bom dia - disse. - Viste a Catherine?

- Foi nao sei onde - disse a rapariga. - Pediu-me para te dizer que voltaria. De repente tudo deixou de ser irreal.

- Nao sabes onde foi?

- Nao - disse a rapariga. - Saiu de bicicleta.

- Meu Deus - disse David. - Ela nao anda de bicicleta desde que compramos o Bug.

- Foi o que ela disse. Foi praticar. Tiveste uma boa manha?

- Nao sei. Sabe-lo-ei amanha.

- Vais tomar o pequeno-almoco?

- Nao sei. E tarde.

- Devias tomar.

- Vou la dentro arranjar-me - disse ele. Tinha tomado um ducho e estava a barbear-se quando Catherine entrou. Trazia vestida uma velha camisa de Grau du Roi e calcas de linho apanhadas abaixo dos joelhos e estava corada e tinha a camisa molhada.

- E maravilhoso - disse ela. - Mas ja me tinha esquecido das dores nas pernas.

- Foste muito longe?

- Seis quilometros - disse ela. - Nao foi nada, mas tinha-me esquecido das dores...

- Esta muito quente para andar de bicicleta, a nao ser que se ande de manha - disse David. - Mas estou contente por teres recommecado.

Ela encontrava-se agora debaixo do chuveiro e quando saiu disse:

- Ve como estamos ambos queimados tal como planeamos.

- Tu estas mais.

- Nao muito. Tu tambem. Olha para nos juntos. Olharam-se e tocaram-se em frente do espelho da porta.

- Oh, tu gostas de nos - disse ela. - E bom. Eu tambem. Toca-me aqui e veras.

Pos-se muito direita e colocou a mao dele sobre os seios.

- Vou vestir uma das minhas camisas mais justas para que tu percebas o que penso acerca das coisas - disse ela. - E engraçado que o nosso cabelo nao tenha cor quando esta molhado, nao e branco como espuma do mar.

Pegou num pente e penteou o cabelo para tras, de forma que parecia ter acabado de sair do mar.

- Agora vou usa-lo assim - disse -, como em Grau du Roi e aqui, na Primavera.

- Gosto de to ver sobre a testa.

- Ja estou farta disso, Mas posso traze-lo assim, se quiseses. Achas que podiamos ir a cidade tomar o pequeno-almoco no cafe?

- Nao tomaste pequeno-almoco?

- Quis esperar por ti.

- Esta bem - disse ele. - Vamos la. Tambem tenho fome. Tomaram um bom pequeno-almoco de cafe com leite, brioches, compota de morangos e *oeufs au plat avec jambon* e quando acabaram Catherine perguntou:

- Queres ir comigo ao Jean? E o dia de lavar o cabelo e vou corta-lo.

- Espero aqui por ti.

- Nao queres vir, por favor? Da outra vez vieste.

- Nao, Demonio. Fui uma vez, mas so uma. Foi como ser tatuado. Nao me pecas para ir.

- Nao significa nada a nao ser para mim. Quero que sejamos iguais.

- Nao podemos ser iguais.

- Podemos sim, se tu deixares.
- Na verdade nao quero.
- Mesmo se eu disser que e tudo quanto quero?
- Por que razao nao queres uma coisa que nao faca sentido?
- Quero. Mas quero que sejamos iguais e tu quase es, e nao te daria trabalho nenhum se-lo. O mar fez o principal. - Entao deixa o mar faze-lo.
- Mas quero hoje.
- E depois ficaras feliz?
- Estou feliz agora porque tu vais faze-lo e vou ficar feliz. Tu gostas do meu aspecto. Sei que gostas. Pensa dessa maneira.
- E pateta.
- Nao, nao e. Nao, quando es tu a fazer para me agradar.
- Sentir-te-as muito mal se nao o fizer?
- Muito.
- Esta bem - disse ele. - Tem assim tanto significado para ti?
- Sim - disse ela. - Oh, obrigado. Desta vez nao demorara muito. Eu disse ao Jean que iriamos la e ele esta a espera.
- Continuas a confiar que eu faca as coisas?
- Sabia que o farias se soubesses que eu queria muito.
- Eu queria muito nao o fazer. Nao me devias ter pedido.
- Nao te vais importar. Nao e nada e depois ate vai ser divertido. Nao te preocupes com a Marita.
- Que ha com ela?
- Ela disse que, se tu nao o fizesses por mim, te pedisse para o fazeres por ela.
- Nao inventes coisas.
- Nao. Ela disse-o esta manha.
- Gostava que te pudesses ver - disse Catherine.
- Ainda bem que nao posso.
- Gostava que te visses ao espelho.
- Nao consigo.
- Olha para mim. E assim que estas e eu tambem e agora nao podes fazer nada.
- Nao deviamos ter feito isto - disse David. - Nao deviamos ter ficado iguais.
- Pois ficamos - disse Catherine. - Portanto, e melhor comecares a gostar.
- Nao podemos ter feito isso, Demonio.



- Sim, fizemos. Tu sabia-lo. So nao quiseste olhar. E agora somos danados. Eu ja era e agora es tu. Olha para mim e ve como gostas.

David olhou os olhos que amava e o rosto moreno e aquela cor de cabelo incrivelmente branca e viu como ela estava feliz e comecou a perceber a coisa completamente estúpida que tinha permitido.

Pensava que nao conseguia continuar com a historia nessa manha e que durante algum tempo nao o conseguiria. Mas sabia que tinha de o fazer e finalmente comecou e ja seguiam o rasto do elefante por cima de um rasto ja antigo que era uma estrada de terra batida e gasta atraves da floresta. Parecia que os elefantes por ali tinham passado desde que a lava que descera da montanha arrefecera e as primeiras arvores tinham crescido. Juma sentia-se muito confiante e movia-se com ligeireza. Tanto o pai como Juma pareciam muito seguros de si e a locomocao na estrada era tao facil que Juma lhe passou a 303 para a mao enquanto atravessaram a floresta. Depois, perderam o rasto coberto por montes fumegantes de excrementos frescos e de pegadas de uma manada que tinha saído da floresta. Juma retirara, zangado, a 303 das maos de David. Quando conseguiram chegar junto da manada ja era tarde e viam-se os corpanzís cinzentos por entre as arvores e o movimento das enormes orelhas e as trombas enroscando-se e desenroscando-se, o estalar dos troncos partidos, o cair das arvores derrubadas e o ruido dos montes de excremento a cairem.

Finalmente, deram com o rasto do velho animal e, quando este virou para um caminho mais estreito, Juma olhara para o pai de David e sorrija, mostrando os dentes, e o pai abanara a cabeça. Parecia que partilhavam um segredo sujo, tal como naquela noite em que os encontrara na shamba. Nao demorou muito tempo a chegarem ao segredo. Ficava a direita da floresta e as pegadas do elefante conduziam ate la. Era um cranio tao alto como o peito de David e branco devido ao sol e as chuvas. Tinha uma depressao funda na testa e vincos que desciam dos buracos vazios dos olhos ate as fendas onde os dentes tinham sido arrancados. Juma apontou para o sitio onde se detivera o elefante que perseguiam, enquanto olhava para o cranio e para o local onde o corpo tinha sido desviado. Mostrou a David o unico buraco na grande depressao do osso da testa e depois os quatro buracos junto ao ouvido. Sorriu para David e para o pai dele, retirou uma solida 303 do bolso e encaixou o cano no buraco da testa.

- Foi aqui que Juma atingiu o grande elefante - disse o pai. Este foi o seu askari. O seu amigo, pois era muito grande. Ele atacou e Juma abateu-o e acabou com ele disparando sobre o ouvido.

Juma apontava para os ossos espalhados e explicava como a besta tinha andado pelo meio deles.

Juma e o pai de David estavam muito satisfeitos com o que tinham encontrado.

- Quanto tempo acha que ele e o amigo estiveram juntos? perguntou David ao pai.

- Não faço a menor ideia - respondeu este. - Pergunta ao Juma.

- Pergunte-lhe o pai, por favor.

O pai e Juma trocaram algumas palavras e Juma olhou para David e riu-se.

- Provavelmente quatro ou cinco vezes a tua vida, diz ele respondeu o pai de David. - Ele não sabe ao certo nem se preocupa com isso.

«Eu preocupo-me», pensou David. «Vi-o ao luar e ele estava sozinho, mas eu tinha Kibo. Kibo também me tem a mim. O animal não fazia mal a ninguém e agora perseguimo-lo até onde ele veio ver o amigo morto e agora vamos mata-lo. A culpa é minha. Trai-o.»

Nesse momento Juma fez sinal ao pai de David e retomaram o caminho.

«O meu pai não precisa de matar elefantes para viver», pensou David. «Juma não o teria encontrado se eu não o tivesse visto. Teve a sua oportunidade e o que fez foi feri-lo e matar-lhe o amigo. Kibo e eu encontramos-lo e eu nunca lhes devia ter dito e devia ter guardado segredo e deixa-los embebedar-se com os seus bibis na shamba. Juma estava tão bebedor que não o conseguimos acordar. A partir de agora vou guardar segredos. Nunca mais lhes digo nada. Se o matarem, Juma gastará a sua parte do marfim a beber ou então comprará uma faca nova. Por que não ajudaste o elefante quando o podias ter feito? So precisavas de não os ter acompanhado no segundo dia. Não, isso não os iria deter. Juma teria continuado. Nunca, nunca mais lhes digas. Tenta lembrar-te disso. Nunca mais digas nada a ninguém. Nunca mais digas nada a ninguém.»

O pai esperou que ele aparecesse e disse gentilmente:

- Ele descansou aqui. Já não anda tão depressa. Devemos estar a dar com ele.

- Raios partam a caca ao elefante - disse David muito calmamente.

- O que? - perguntou o pai.

- Raios partam a caca ao elefante - repetiu David, suavemente.

- Tem cuidado para nao estragares tudo - disse-lhe o pai, olhando-o com severidade.

«Pronto», pensou David. «Ele nao e estúpido. Sabe o que se passa e nao volta a confiar em mim. Ainda bem. Tambem nao quero que ele o faca, pois nunca mais lhe digo, nem a ninguem, o que quer que seja. Nunca, nunca, nunca mais.»

Fora ali que ele interrompera a cacada, nessa manha. Sabia que nao tinha apanhado tudo, ainda. Nao tinha abarcado bem a enormidade do cranio quando o tinham encontrado, nem os tuneis debaixo dele, na terra, que os escaravelhos tinham feito e que pareciam galerias desertas ou catacumbas onde o elefante movera a cabeca. Nao apanhara todo o significado dos ossos brancos nem de como o elefante se movera naquele cenario de morte e de como tinha podido ver o elefante a medida que se movia e depois tinha visto o que o elefante vira. Nao apreendera o sentido da largura do rasto do elefante, que era uma estrada perfeita na floresta, nem das arvores gastas, nem dos trilhos que se cruzavam de tal modo que pareciam o mapa do metro de Paris. Nem se dera bem conta da luz na floresta, onde as cupulas das arvores se juntavam, e nao tinha ainda clarificado certas coisas que deveria reproduzir como tinham sido e nao como as recordava agora. As distancias nao tinham importancia uma vez que todas as distancias mudam e lembramo-nos delas como realmente sao. Mas a mudanca de sentimentos em relacao a Juma e ao pai e ao elefante era complicada pela exaustao que arrastava consigo. O cansaco trazia o inicio da compreensao. Comecava a compreender e apercebia-se disso a medida que escrevia. Mas a verdadeira e terrivel compreensao ainda estava para vir e nao devia mostra-lo atraves de arbitrariedades afirmacoes de retorica, mas pela lembranca real das coisas que a tinham provocado. Amanha poria as coisas no seu lugar e continuaria.

Guardou os cadernos do manuscrito na pasta, fechou-a, saiu do quarto e dirigiu-se para a frente do hotel, onde Marita se encontrava a ler.

- Queres o pequeno-almoco? - perguntou ela.

- Acho que quero uma bebida.

- Vamos Toma-la no bar - disse ela.

- E mais fresco. Entraram e sentaram-se ao balcao e David encheu um copo com Haig e agua Perrier gelada.

- Que e feito de Catherine?

- Saiu muito feliz e contente.

- E como estas tu?

- Feliz e timida e muito calma.

- Demasiado timida para eu te poder beijar? Abracaram-se e ele sentiu-se de novo inteiro. Nao se tinha ainda apercebido como estivera dividido e separado, porque desde que comecara a trabalhar que escrevia de um circulo interior que nao podia ser afectado nem tocado. Apercebeu-se disso e essa era a sua forca.

Sentaram-se no bar enquanto o rapaz punha a mesa e o primeiro frio do Outono vinha da brisa do mar e depois, sentados a mesa sob os pinheiros, sentiram-na enquanto comiam e bebiam.

- Esta brisa fresca vem do Kurdistan - disse David. - As tempestades do equinocio em breve estarao aqui.

- Hoje nao vem - disse a rapariga. - Hoje nao temos que nos preocupar com isso.

- Nao ha vento de nenhuma especie desde que nos encontramos no cafe em Cannes.

- Ainda te lembras de coisas que se passaram ha tanto tempo?

- Parece mais longinquo que a guerra.

- Estive em guerra durante estes ultimos tres dias - disse a rapariga. - Sai dela esta manha.

- Nunca penso nisso - disse David.

- Agora, ja li - disse-lhe Marita. - Mas nao te entendo. Nunca explicaste bem aquilo em que acreditavas.

Ele encheu-lhe o copo e serviu-se de novo.

So o soube mais tarde - disse. - Por isso nao tentei agir como se o soubesse. Deixei de pensar nisso enquanto acontecia.

- So senti e vi e agi tacitamente. E por isso que o livro nao e melhor. Porque eu nao fui mais inteligente.

- O livro e muito bom. As partes que metem voos sao muito boas e os sentimentos em relacao as outras pessoas e ate aos proprios avioes.

- Sou bom a falar de outras pessoas em coisas tacticas e tecnicas - disse David. - Nao estou a armar-me. Mas, Marita, ninguem sabe de si quando esta verdadeiramente envolvido. Nesse momento a nossa pessoa nao e digna de consideracao. Seria vergonhoso.

- Mas depois sabes.

- Sim. As vezes.

- Posso ler a narrativa? David voltou a encher os copos.

- Que te contou ela?
- Disse que me tinha contado tudo. Ela conta muito bem, sabes?
- Preferia que nao lesses - disse David. - So irias arranjar problemas.

Quando escrevi, nao sabia que tu ias aparecer e nao pude deixar de lhe dizer coisas, mas nao tenho de tas dar a ler.

- Entao, nao devo le-las?
- Preferia que nao. Nao quero dar-te ordens,
- Entao, tenho de te dizer - disse a rapariga.
- Ela deixou-te ler?
- Sim. Disse que eu devia faze-lo.
- Raios a partam.
- Nao o fez por mal. Foi quando andava preocupada.
- Entao leste tudo?
- Sim. E maravilhoso, Muito melhor que o ultimo livro e agora as historias sao melhores que tudo o resto.

- E a parte de Madrid? Ele olhou para ela e ela para ele e depois humedeceu os labios e nao afastou os olhos e disse, cuidadosamente:

- Entendi tudo porque sou como tu.
- Quando estavam deitados, Marita disse:
- Nao pensas nela quando fazes amor comigo?
  - Nao, minha estupida.
  - Nao queres que eu faca o que ela faz? Porque eu sei faze-lo.
  - Para de falar e sente.
  - Posso fazer melhor que ela.
  - Para de falar e sente.
  - Nao achas que...
  - Nao fales.
  - Mas nao tens de...
  - Ninguem tem de... Ficaram bem abracados e por fim Marita disse,

gentilmente:

- Tenho de sair mas volto. Por favor, dorme por mim. Beijou-o e quando regressou ele estava a dormir. Tencionara esperar por ela mas acabara por adormecer. Ela estendeu-se ao lado dele, beijou-o ao de leve, comecou a mexer-lhe muito gentilmente e pressionou os seios contra ele. Ele mexeu-se e ela pousou a cabeça sobre o peito dele e mexeu-lhe delicadamente, explorando-lhe as pequenas intimidades e descobertas.

A tarde estava fria e David dormia e, quando acordou, Marita tinha desaparecido e ele ouviu as vozes das duas raparigas no terraco

Vestiu-se, abriu a porta do quarto de trabalho e saiu para o patio. Nao havia ninguem no terraco a nao ser o criado, que levantava as coisas do cha, e encontrou as raparigas no bar.

As duas raparigas estavam sentadas no bar com uma garrafa de Perrier Jouet metida num balde de gelo e ambas tinham um ar fresco e adoravel.

- E como encontrar um ex-marido - disse Catherine. Faz-me sentir muito sofisticada.

Nunca estivera tao contente nem tao bela.

- Devo dizer que esta de acordo contigo - disse, olhando para David com aprovacao trocista.

- Achas que ele esta bem? - perguntou Marita. Olhou para David e corou.

- E tu coraste - disse Catherine. - Olha para ela, David.

- Esta com muito bom aspecto - disse David. - E tu tambem.

- Parece que tens dezasseis anos - disse Catherine. - Ela disse-me que ja sabias que ela tinha lido a narrativa.

- Devias ter-me pedido - disse David.

- Sei que devia - disse Catherine. - Mas eu propria a comecei a ler e achei tao interessante que pensei que a Herdeira tambem devia le-la.

- Eu teria dito que nao.

- O que interessa, Marita - disse Catherine -, e saberes que, quando ele disser nao em relacao a qualquer coisa, nao debes desistir. Nao quer dizer nada.

- Nao acredito - disse Marita, sorrindo para David.

- Isso e porque ele ainda nao acabou a narrativa. Quando acabar, sabe-lo-as.

- Estou farto de narrativa - disse David.

- Isso e sujo - disse Catherine. - Era o meu presente e o nosso projecto.

- Tens de escrever, David - disse a rapariga. - Vais faze-lo, nao vais?

- Ela quer aparecer la, David - disse Catherine. - E ficara muito melhor quando la puseres tambem uma rapariga morena.

David serviu-se de uma taca de champanhe. Viu que Marita olhava para ele, avisando-o, e disse para Catherine:

- Continuarei com ela quando acabar as historias. Que fizeste hoje?

- Tive um dia optimo. Tomei decisoes e fiz planos.

- Oh, Deus! - disse David.

- São planos muito simples - disse Catherine. - Não precisas de resmungar. Passaste o dia a fazer aquilo que querias e eu estou satisfeita. Mas tenho o direito de fazer alguns planos.

- Que tipo de planos? - perguntou David.

- Primeiro, temos que começar a pensar em fazer sair o livro. Vou ter de mandar dactilografar os manuscritos e arranjar ilustrações. Tenho de falar com os artistas e fazer as combinações.

- Percebo. E se eu não o quiser mandar dactilografar já?

- Não queres que ele saia? Então, alguém tem de se preocupar com os aspectos práticos.

- Quem são os artistas que arranjaste?

- Artistas diferentes para diferentes partes. Mari e Laurencin, Pascen, Derain, Dufy e Picasso.

- Derain, por amor de Deus!

- Ainda não viste uma pintura feita por Laurencin de Marita e eu no carro quando paramos a primeira vez junto ao Loup, a caminho de Cannes?

- Ninguém escreveu isso.

- Então, vamos escrever. É muito mais interessante e instrutivo que um bando de nativos num kraal, ou lá como se chama, cobertos de mosquitos e feridas, na África Central, com o bebedor do teu pai aos tropeços, a cheirar a cerveja, sem saber quais os pequenos horrores que tinha gerado.

- Lá vamos nós - disse David.

- Que disseste, David? - perguntou Marita.

- Disse muito obrigado por teres almoçado comigo - respondeu David.

- Por que não lhe agradeces o resto? - disse Catherine. Ela deve ter feito qualquer coisa importante para te por a dormir que nem uma pedra até ao fim da tarde. Ao menos, agradece-lhe isso.

- Obrigado por teres ido nadar - disse David para a rapariga.

- Oh, foram nadar? - perguntou Catherine. - Ainda bem.

- Nadamos até bem longe - disse Marita. - E almoçamos muito bem.

Almoçaste bem, Catherine?

- Acho que sim - disse ela. - Não me lembro.

- Onde estiveste? - perguntou Marita, gentilmente.

- Em Sr. Raphael - disse Catherine. - Lembro-me de parar lá mas não me consigo lembrar do almoço. Nunca reparo quando como sozinha. Mas estou certa que almocei lá. Já tencionava fazê-lo.

- Foi agradavel a viagem de volta? - perguntou Marita. Esteve uma tarde tao fresca e tao bonita.

- Nao sei - disse Catherine. - Nao reparei. Estava a pensar no livro. Temos que o por ca fora. Nao percebo por que razao David comecou a ser dificil no momento em que eu quis por uma certa ordem nisto. Tudo isto se tem arrastado tao ao acaso que de repente senti vergonha por todos nos.

- Pobre Catherine - disse Marita. - Mas agora que tens tudo planeado debes sentir-te melhor.

- E sinto - disse Catherine. - Sentia-me tao feliz quando entrei. Sabia que nos ias fazer felizes e que tambem tinha feito algo de pratico, e entao David fez-me sentir como uma idiota ou leprosa. Nao posso evitar ser pratica e sensivel.

- Eu sei, Demonio - disse David. - So nao quis o trabalho baralhado.

- Mas foste tu quem o baralhou - disse Catherine. - Nao entendes? Saltar para a frente e para tras tentando escrever historias quando o que tinhas a fazer era continuar a narrativa que tem tanto significado para nos. Estava tudo a correr tao bem e estavamos a chegar as partes mais excitantes. Alguem tem de te mostrar que as historias sao a tua forma de fugires ao dever.

Marita olhou para ele e ele percebeu o que ela tentava dizer-lhe e respondeu:

- Preciso de me arranjar. Vai falando nisso com a Marita que eu volto ja.

- Temos outras coisas para falar - disse Catherine. - Desculpa ter sido rude contigo e com Marita. Na verdade, nao me podia sentir mais feliz pelos dois.

David levou para o quarto de banho tudo o que tinha sido dito. Tomou um duche e vestiu calcas e uma camisa de pescador lavadas. Fazia ja bastante frio e Marita estava sentada no bar a ler a Vogue.

- Ela foi ao teu quarto - disse Marita.

- Como esta?

- E como hei-de saber, David? Agora e uma grande editora. Desinteressou-se do sexo. E infantil, ela propria o diz. Nao sabe como e que alguma vez isso teve significado para ela. Mas se lhe apetecer pode voltar a ter uma ligacao com outra mulher. Fala muito noutra mulher.

- Meu Deus, nunca pensei que as coisas tomassem este rumo.

- Deixa - disse Marita. - Seja como for ou aconteca o que acontecer, amo-te e amanha vais escrever.

Catherine entrou e disse:

- Voces ficam tao bem juntos e sinto-me tao orgulhosa. Sinto-me como se vos tivesse inventado. Ele portou-se bem hoje, Marita?



- Tivemos um almoco agradavel - disse Marita. - Por favor, se justa, Catherine.

- Oh, eu sei que ele e um amante satisfatorio - disse Catherine. - Sempre foi. Tal como os Martinis que prepara e a maneira como nada ou esquia ou voou. Nunca o vi num aviao. Toda a gente diz que era maravilhoso. Suponho que deve ser como os acrobatas. Nao estou muito interessada. \_ Foste muito boa em nos deixar passar a noite juntos, Catherine - disse Marita.

- Podem passar juntos o resto das vossas vidas - disse Catherine. - Desde que nao se aborrecam mutuamente. ja nao preciso de nenhum de vos.

David observava-a pelo espelho e ela parecia calma e normal Reparou que Marita o olhava com tristeza.

- No entanto, gosto de olhar para voces e de vos ouvir falar sem abrirem a boca.

- Como estas? - disse David.

- Foi um bom esforco - disse Catherine. - Estou muito bem.

- Tens alguns planos! - perguntou David. Sentia-se como se estivesse a saudar um navio.

- So o que ja vos disse - continuou Catherine. - Provavelmente vao-me manter ocupada.

- Que conversa era aquela sobre outra mulher? Sentiu Marita dar-lhe um pontape e colocou o pe sobre o dela como forma de reconhecimento.

- Nao e conversa - disse Catherine. - Quero ter mais uma experiencia para ver se me escapou alguma coisa.

- Todos nos somos faliveis - disse David e Marita deu-lhe de novo um pontape.

- Quero ver - disse Catherine. - Agora ja sei o suficiente para poder contar. Nao te preocupes com a tua morena. Nao e o meu tipo, de forma alguma. E tua. E como tu gostas e muito agradavel, mas nao para mim. Nao me atrai o tipo rapariguinha.

- Talvez eu seja uma rapariguinha - disse Marita.

- Essa e uma palavra muito delicada.

- Mas tambem sou muito mais mulher do que tu, Catherine.

- Va la, mostra ao David o tipo de rapariguinha que es. Ele havia de gostar.

- Ele sabe o tipo de mulher que sou.

- Esplendido - disse Catherine. - Ainda bem que finalmente encontraram a lingua. Prefiro conversar.

- Não es mulher - disse Marita.

- Eu sei - disse Catherine. - Tentei explicar isso ao David varias vezes. Não e verdade, David?

David olhou para ela e não disse nada.

- Não é? E - disse ele. Tentei mais que tudo ser uma rapariga em Madrid e fiquei desfeita - disse Catherine. - Agora, não sou nada. Tu es uma rapariga e um rapaz. Não precisas de mudar, não te faz diferença. E agora, não sou nada. So queria que tu e o David fossem felizes. Tudo o resto invento.

Marita disse:

- Eu sei e tentei dizer-lo ao David.

- Sei que tentaste. Mas não me deves lealdade. Não o facas. Ninguém o faria, e tu provavelmente também não. Quero que sejas feliz e que o facas feliz. Tu podes fazer-lo e eu não.

- És a melhor rapariga que há - disse Marita.

- Não sou. Estou acabada antes de ter começado.

- Não. A culpa é minha - disse Marita. - Fui estúpida e horrível.

- Não foste estúpida. Tudo o que disseste é verdade. Vamos deixar de falar e ser amigas. Pode ser?

- Sim, por favor? - pediu-lhe Marita.

- Eu também quero - disse Catherine. - E não quero ser uma palerma trágica. Por favor, dedica ao livro o tempo que for preciso, David. Sabes que quero que escrevas o melhor que possas. Foi assim que começamos. E agora acabei.

- Estavas cansada - disse David. - Acho que não deves ter almoçado.

- Provavelmente, não - disse Catherine. - Mas se calhar almocei. Vamos esquecer tudo isto e ser só amigos, está bem?

E assim ficaram amigos, o que quer que os amigos sejam, pensou David, e tentou não pensar, mas falou e ouviu na irrealidade que a realidade se tornara. Ouvira cada uma falar da outra e sabia que cada uma devia saber o que a outra pensava e provavelmente também o que cada uma dissera. Nesse sentido eram realmente amigas, compreendendo a discordância básica, confiando na completa desconfiança e desfrutando da companhia recíproca. Ele também gostava da companhia delas, mas naquele momento já estava farto.

Amanhã tinha que voltar para o seu território, aquele de que Catherine tinha ciúmes e que Marita amava e respeitava. Fora feliz no território da história e sabia que era bom de mais para durar, e agora regressara daquilo que

lhe interessava no vazio extremo da loucura, que tomara, agora, a nova forma do pragmatismo exagerado. Estava cansado disso e farto de ver Marita colaborar com a sua inimiga. Catherine nao era inimiga dele, excepto no que ela era ele proprio na procura impossivel que era o amor, e por isso era a sua propria inimiga. «Precisa tanto de um inimigo que tem que manter um perto e ela e a mais proxima e a mais facil de atacar, conhecendo as fraquezas e forcas e os erros das nossas defesas. Ela da-me a volta tao habilmente e a ultima luta e sempre num turbilhao e o po que se levanta e o nosso po. »

Catherine quis jogar gamao com Marita depois do jantar. Jogavam sempre a serio, a dinheiro, e quando Catherine foi buscar o quadro Marita disse para David:

- Por favor, esta noite nao venhas ao meu quarto.

- Optimo.

- Entendes?

- Mudemos de conversa - disse David. A sua frieza aumentara a medida que se aproximava a hora de trabalhar.

- Estas zangado?

- Sim - disse David.

- Comigo?

- Nao.

- Nao te podes zangar como uma pessoa que esta doente.

- Ainda nao viveste muito - disse David. - E exactamente com isso que toda a gente esta zangada. Adoece e veras.

- Nao te queria ver zangado.

Quem me dera nunca ter conhecido nenhuma de voces.

- Por favor, nao digas isso, David.

- Sabes que nao e verdade. So me estou a preparar para ir trabalhar.

Foi ate ao quarto, acendeu o candeeiro do seu lado da cama, instalou-se e leu um dos livros de W H. Hudson. Era Nature on Downland e decidira le-lo porque o titulo nao era nada atractivo. Sabia que iria chegar a altura em que precisaria de todos os livros e estava a guardar os melhores. Mas, passado o titulo, este livro nao o aborreceu. Sentiu-se feliz por le-lo e regressou a sua vida com Hudson e o irmao, cavalgando ao luar, e, gradualmente, o chocalhar do gelo e o som baixo das vozes das raparigas foram-se tornando reais e quando, passado um bocado, ele saiu para preparar um uisque com Perrier, viu-as jogar e pareceram-lhe dois seres humanos a fazerem uma coisa normal e nao

personagens de uma peça inverosímil a que ele fora assistir contra a sua vontade.

Voltou para o quarto e leu e bebeu uísque com Perrier, muito lentamente, e tinha-se despido e apagado a luz quando ouviu Catherine entrar. Pareceu-lhe que ela se demorara muito tempo no quarto de banho, até que a sentiu deitar-se e deixou-se ficar a respirar pausadamente, desejando adormecer.

- Estas acordado, David? - perguntou ela. - Acho que sim.

- Não acordas - disse ela. - Obrigado por dormires aqui. É o que costumo fazer. Mas não tens de o fazer.

- Tenho, sim.

- Ainda bem que o fizeste. Boa noite.

- Boa noite.

- Das-me um beijo?

- Claro. Ele beijou-a e era de novo a Catherine de antes, quando parecera ter regressado para ele.

- Desculpa ter-te deixado ficar mal, outra vez.

- Não falemos nisso.

- Odeias-me?

- Não.

- Podemos recomeçar como tínhamos planeado? -

- Acho que não.

- Então por que vieste para aqui?

- Porque aqui é o meu lugar.

- Não há outra razão?

- Pensei que te podias sentir só.

- E senti.

- Toda a gente se sente só - disse David.

- É terrível uma pessoa estar junta na cama e sentir-se só.

- Não há solução - disse David. - Todos os planos e esquemas não valem nada.

- Não tentei.

- De qualquer modo, era uma loucura. Estou farto de loucuras. Não és a única que fica destruída.

- Eu sei. Mas não podemos tentar mais uma vez, que euporto-me bem? Consigo fazê-lo. Quase o fiz.

- Estou farto, Demónio. Farto até à ponta dos cabelos.

- Não queres tentar só mais uma vez, por ela e por mim?

- Nao resulta e estou farto.

- Ela disse que tinhas passado um dia optimo e que estavas animado e nao deprimido. Nao queres tentar uma vez mais por nos os dois? Queria tanto.

- Queres sempre tudo tanto e quando o tens nao te importas nada.

- Desta vez estava confiante de mais e depois torno-me insuportavel. Por favor, podemos tentar de novo?

- Vamos dormir, Demonio, nao fales nisso.

- Beija-me outra vez, por favor - disse Catherine. – Vou dormir porque sei que o vais fazer. Fazes sempre tudo o que eu quero porque queres mesmo fazelo.

- So queres coisas para ti, Demonio.

- Nao e verdade, David. De qualquer modo, eu sou tu e ela. Foi por isso que o fiz. Sou toda a gente. Sabes isso, nao sabes?

- Dorme, Demonio.

- Vou dormir. Mas, por favor, beija-me mais uma vez para nao nos sentirmos sos.

## LIVRO OITO

De manha ja se encontrava novamente na encosta mais longinqua da montanha. O elefante ja tinha alterado a marcha e movia-se agora sem destino, alimentando-se de vez em quando, e David apercebeu-se de que se estavam a aproximar dele. Tentou lembrar-se como se tinha sentido. Ainda nao sentia amor pelo elefante. Tinha de lembrar-se disso. So sentia uma certa tristeza que vinha do seu proprio cansaco, que trouxera uma compreensao da idade. Embora fosse muito novo tinha aprendido como deveria ser-se velho de mais. Tinha saudades de Kibo e o facto de pensar que Juma matara o amigo do elefante virara-o contra Juma e tornara o elefante seu irmao. Apercebeu-se entao de como significara para ele ter visto o elefante ao luar e te-lo seguido, juntamente com Kibo, aproximando-se dele na clareira, de forma que tinha podido ver os dois enormes dentes. Mas ignorava que nada voltaria a ser tao bom. Agora sabia que iriam matar o elefante e nao podia fazer nada para o evitar. Traira o elefante quando voltara para tras e lhes dissera na shamba. «Matar-me-iam e matariam Kibo tambem se tivessemos marfim», tinha ele pensado e sabia bem que nao era verdade. Provavelmente o elefante vai ter ao sitio onde nasceu e mata-lo-ao la. E so o que falta para tornarem o acto perfeito. Eles gostariam de o matar onde tinham morto o seu amigo. Seria divertido. Ter-lhes-ia agradado. O raio dos amigos assassinos.

Tinham caminhado mais para a ponta e o elefante seguia pouco a frente. David sentia-lhe o cheiro e ouviam-no derrubar os ramos. O pai pousou a mao sobre os ombros de David para o fazer recuar e depois retirou do bolso uma mao cheia de cinza que atirou para o ar. A cinza mal lhes tocou quando caiu e o pai acenou para Juma e curvou-se para o seguir. David a ve-los afastarem-se de costas ate desaparecerem de vista. Nao os ouvia moverem-se.

David ficara quieto e ouvia o elefante a alimentar-se. Sentia-lhe nitidamente o cheiro, tal como acontecera na noite de luar quando o seguira de perto e lhe vira os dentes maravilhosos. Entao, enquanto ali estava, fez-se silencio e deixou de cheirar o elefante. Depois ouviram-se guinchos e um estrondo e um tiro da 303, depois o eco pesado da 450 do pai, depois o barulho continuou, ele avancou e encontrou juma abalado e a sangrar da testa e o pai palido e zangado.

- Ele atirou-se a juma e derrubou-o - dissera-lhe o pai.

O Juma atingiu-o na cabeça.

- Onde lhe acertaste?

- Onde pude - respondera-lhe o pai. - Ve o rasto de sangue.

Havia muito sangue. Uma corrente da altura da cabeça de David que escorrera pelos troncos e folhas e outra bastante mais baixa que era escura e trazia o conteúdo do estomago.

- Atingido nos pulmões e intestinos - disse o pai. - Encontra-lo-emos derrubado ou escondido - acrescentou.

Encontraram-no escondido, no meio de tal sofrimento e desespero que não se podia mexer. Caira sobre o abrigo onde estivera a comer e atravessara uma área de floresta aberta e David e o pai tinham seguido o rasto de sangue. Depois, o elefante tinha entrado na floresta densa e David avistara-o a frente, cinzento e enorme contra o tronco de uma árvore. David só via que ele estava rígido e então o pai avancara e ele seguira-o e tinham-se posto ao lado do elefante como se ele fosse um navio. E David viu o sangue escorrer-lhe dos flancos e então o pai erguera a espingarda e disparara e o elefante voltara a cabeça com os grandes dentes movendo-se pesada e lentamente e olhara para eles. E quando o pai disparara o segundo tiro o elefante oscilou com uma árvore e caiu-lhes pesadamente aos pés. Mas não estava morto. Fora derrubado e partira a espinha. Não se movia mas os olhos tinham vida e olharam para David. Tinha pestanas muito compridas e os seus olhos eram a coisa mais viva que David alguma vez vira.

- Atira-lhe para o ouvido com a Tres Zero Tres - disse-lhe o pai. - Va lá.

- Dispara tu - disse David. Juma aproximara-se ensanguentado e a coxear, a pele da testa a cair-lhe sobre o olho esquerdo, o osso do nariz descarnado e uma orelha ferida e retirara a espingarda a David sem uma palavra, colocara-a bem junto ao ouvido e disparara duas vezes. O olho do elefante arregalara-se ao primeiro tiro e depois começara a ficar vidrado e jorrara-lhe sangue do ouvido. Era um sangue com uma coloração diferente e David pensara: «Tenho de me lembrar disto». E sempre o fizera mas não lhe servira de nada. Agora, toda a dignidade e majestade e toda a beleza tinham desaparecido e o elefante era uma montanha enrugada.

- Apanhamo-lo, David, graças a ti - tinha-lhe dito o pai. Agora é melhor acendermos uma fogueira para eu tratar de Juma. Vem cá, Humpty Dumpty. Esses dentes não caem.

Juma aproximara-se sorridente, arrastando a cauda do elefante, que não tinha pelos nenhuns. Trocaram uma piada suja e depois o pai de David



começou a perguntar rapidamente em swai a que distancia estavam da agua. «Onde se vai arranjar gente para retirar os dentes daqui? Como estas, meu velho estupor? Tens alguma coisa partida?»

Depois, já com as respostas, o pai dissera: «Tu e eu vamos buscar os sacos onde os deixamos quando viemos atrás dele. O Juma vai arranjar lenha e fazer uma fogueira. O estojo de primeiros-socorros está no meu saco. Temos que ir busca-los antes de escurecer. Isso não vai infectar. Não é como as feridas provocadas por garras. Vamos».

O pai apercebera-se do que ele sentia em relação ao elefante e nessa noite e nos dias que se seguiram tentara que ele voltasse a ser o rapaz que era antes de se dar conta de que detestava cacar elefantes. David não comentara a intenção do pai, que nunca fora afirmada, na história, limitando-se a usar os acontecimentos, os desgostos, as sensações da carnificina, o arrancar dos dentes e a rude cirurgia praticada em Juma, disfarçadas pela troca a fim de conter as dores e as reduzir, uma vez que não havia drogas. A responsabilidade adicional e a confiança que tinham sido depositadas em

David e não aceites, isso ele pusera na história sem referir o seu significado. Tentara dar vida ao elefante, debaixo da árvore, na agonia final, mergulhado no sangue que escorrera tantas vezes mas sempre estancara, e agora apoderara-se dele de tal maneira que não conseguia respirar, o enorme coração a bater enquanto observava o homem que ia acabar com ele. David sentia-se tão satisfeito por o elefante ter cheirado Juma e o ter agredido. Teria matado Juma se o pai não tivesse disparado, teria atirado com Juma para as árvores e te-lo-ia pisado, com a morte dentro de si, sentindo-a como outra ferida até deixar de respirar. Nessa noite, sentado junto a fogueira, David olhara para Juma, com o rosto cosido e as costelas partidas, e perguntou-se se o elefante o teria reconhecido quando ele tentara mata-lo. Esperava que sim. O elefante era agora o seu ídolo, tal como o pai o fora durante muito tempo, e ele pensara: «Não acreditei que ele fosse capaz de fazer isto, já tão velho e cansado. Também teria matado Juma. Mas não me olhou como se quisesse matar-me. Estava triste, tal como eu». Visitou o velho amigo no dia em que morreu. Era uma história de rapazinho muito novo, verificou-o quando acabou de escrever. Releu-a e viu os espaços que teria de preencher para que quem quer que a lesse sentisse que aquilo estava mesmo a acontecer e tomou alguns apontamentos a margem.

Lembrou-se como o elefante tinha perdido toda a dignidade logo que o olho deixara de ter vida e como já começara a inchar, mesmo com o frio da tarde, quando ele e o pai regressavam com os sacos. Já não existia um elefante

de verdade, so um corpo cinzento, inchado e rugoso e os enormes dentes amarelados, causa da sua morte. Os dentes estavam sujos com sangue seco e ele arrancou algum com a unha do polegar, seco como cera, e meteu-o no bolso da camisa. Foi tudo o que retirou do elefante, excepto o comeco o do conhecimento da solidao.

Depois da carnificina, o pai tentara falar com ele, a noite, junto a fogueira.

- Ele era um assassino, sabes, Davey - dissera. - Juma diz que ninguem sabe quantas pessoas matou.

- Mas todas tentavam mata-lo, nao era?

- Naturalmente - respondeu o pai. - Com aquele par de dentes.

- Entao como podia ele ser um assassino? E como quiseses - dissera-lhe o pai. - Lamento que tenhas ficado tao sentido.

- Quem me dera que ele tivesse morto o Juma - dissera David.

- Isso e levar as coisas longe de mais - dissera-lhe o pai.

O Juma e teu amigo.

- Ja nao e.

- Nao precisas de lho dizer.

- Ele sabe-o - dissera David.

- Acho que fazes um juizo errado dele - dissera o pai, dando por concluido o assunto.

Mais tarde, ja tinham regressado em seguranca e os dentes estavam encostados a parede da cabana de canas e lama, tao compridos e grossos que ninguem acreditava, nem quando lhes tocavam, e nem sequer o seu pai conseguia chegar la acima, e Juma e o pai e ele eram herois e Kibo o cao de um heroi, e os homens que tinham transportado os dentes eram herois, embora fossem herois ligeiramente bebedos. E o pai, ainda mais bebedo, dissera:

- Queres fazer as pazes, David?

- Esta bem - respondera ele porque sabia que aquilo era o comeco de nunca mais dizer nada.

- Ainda bem - disse o pai. - E muito mais simples e melhor.

Depois sentaram-se em velhos bancos sob a sombra da grande figueira, com os dentes encostados a parede da cabana, e beberam cerveja nativa por cabacas, servida por uma miuda e pelo irmao, ja nao empecilhos mas criados de herois, sentados ao crepusculo ao lado do cao heroico de um heroi. Ali ficaram a beber cerveja enquanto o tambor grande rufava e o Ngoma começava.

Saiu do quarto de trabalho, feliz e vazio e orgulhoso, e Marita estava a espera dele no terraco, a apanhar o sol daquela manha de Outono, cuja existencia ele desconhecia. Era uma manha perfeita, calma e fria. O mar ca em baixo estava calmo e do outro lado da baia ficava a curva branca de Cannes com as montanhas escuras atras.

- Amo-te tanto - disse ele para a rapariga morena quando ela se levantou. Abracou-a e ela disse:

- Acabaste.

- Sim - disse ele. - Por que nao?

- Amo-te e estou tao orgulhosa - disse ela. Caminharam e ficaram a olhar para o mar, com os bracos a volta um do outro.

- Como estas tu, rapariga?

- Estou muito bem e muito feliz - disse Marita. - Aquilo de me amares foi a serio ou foi da manha?

- Foi da manha - disse David, beijando-a novamente.

- Posso ler a historia?

- Esta um dia demasiado belo para isso.

- Nao posso le-la para me sentir como tu e nao unicamente feliz, como um cao, so porque tu estas feliz?

Ele deu-lhe a chave e quando ela trouxe os cadernos e leu a historia no bar, David leu-a sentado ao lado dela. Sabia que era ma-educacao, e estupidez. Nunca fizera aquilo com ninguem e era contra tudo aquilo em que ele acreditava acerca da escrita, mas nao pensou nisso, excepto no momento em que abracou a rapariga e olhou para a escrita no papel de linhas. Nao pode evitar a vontade de ler e nao pode deixar de partilhar o que nunca partilhara e que acreditava nao podia nem devia ser partilhado.

Quando ela acabou de ler, abracou-o e beijou-o com tanta for- ca que lhe fez sangue nos labios. Ele olhou para ela, chupou, distraido, o sangue e sorriu.

- Desculpa, David - disse ela. - Perdoa-me, por favor. Estou tao feliz e mais orgulhosa do que tu.

- Esta bem? - perguntou ele. - Consegues cheirar a sbamba e a cabana e sentir a maciez das cadeiras dos homens? A cabana esta mesmo limpa e o chao varrido.

- Claro que sim. ja o tinhas posto na outra historia. Tambem a cabeca de Kibo, o cao heroico. Foste um heroi tao belo. O sangue fez alguma mancha na tua camisa

- Sim. Saiu mais quando suei.

- Vamos a cidade comemorar - disse Marita. - Ha um monte de coisas que podemos fazer hoje.

David deteve-se no bar, verteu Haig Pinch e depois Perrier gela- da para um copo que levou para o quarto e bebeu metade quando tomava um duche frio. Depois, vestiu umas calcas e calcou alpercatas para ir a cidade. Sentia que a historia era boa e sentia-se ainda melhor em relacao a Marita. Nada saira diminuido pelo agucar da percepcao que tinha agora, a claridade viera sem tristeza.

Catherine estava a fazer fosse o que fosse. Olhou la para fora e sentiu-se descuidadamente feliz. Estava um dia para voar. Desejou que houvesse um aerodromo onde pudesse alugar um aviao para levar Marita e lhe mostrar o que se podia fazer num dia daqueles. «Ela. haveria de gostar. Mas nao ha aqui aerodromo. Esquece. Seria divertido. Esquiar, tambem. So faltam dois meses, se o quiseres fazer.» Deus, era bom ter acabado e te-la ali. Marita ali, sem ciumes do trabalho, e poder dizer-lhe ate onde se queria chegar. «Ela entende mesmo, nao e fingida. Amo-a, e repara bem, uisque, e tu se minha testemunha, Perrier, tenho-te sido fiel a minha maneira. E bom a gente sentir-se tao bem. E uma sensacao estúpida mas adequa-se a este dia.»

- Vamos la, rapariga - disse para Marita, a porta do quarto dela. - Que te esta a reter alem dessas pernas maravilhosas?

- Estou pronta, David - disse ela. Vestira uma camisola justa e umas calcas e tinha o rosto resplandecente. Escovou o cabelo escuro e olhou para ele.

- E maravilhoso estares tao contente. Esta um dia tao bonito - disse ele. - E temos tanta sorte. Achas? - perguntou ela, enquanto se dirigiam para o carro. - Achas mesmo que temos sorte?

- Sim - disse ele. - Acho que mudou esta manha ou ate mesmo de noite.

## LIVRO NOVE

Quando chegaram, o carro de Catherine estava a entrada do hotel, estacionado do lado direito. David estacionou o velho Isotta atras e ele e Marita saíram e passaram pelo pequeno e vazio carro azul e atravessaram o patio sem falar. Passaram pelo quarto de David, com a porta fechada e as janelas abertas, e Marita deteve-se a porta do seu quarto e disse:

- Adeus.

- Que vais fazer esta tarde? - perguntou ele.

- Nao sei - disse ela. - Estarei por aqui. Ele atravessou o patio e entrou pela porta principal. Catherine estava sentada no bar a ler oParis Herald com um copo e uma garrafa ao lado. Olhou para ele.

- Que te trouxe de volta? - perguntou.

- Almocamos na cidade e viemos - disse David.

- Como esta a tua puta? - Ainda nao arranjei nenhuma.

- Refiro-me aquela para quem escreves as historias.

- Oh! As historias.

- Sim. As historias. Aquelas historias horriveis sobre a tua adolescencia, com o falso do bebedo do teu pai.

- Nao era assim tao falso.

- Entao nao enganou a mulher e todos os amigos?

- Nao. Na verdade, so se enganou a si proprio.

- Mas tornaste-o desprezivel nestes ultimos textos ou anedotas inuteis que escreveste sobre ele.

- Referes-te as historias.

- Tu chamas-lhes historias - disse Catherine.

- Sim - disse David, servindo-se de um copo de vinho gelado, naquele dia brilhante, na sala agradavel e iluminada do confortavel hotel, e, bebendo-o, viu que nao conseguia animar o seu coracao frio.

- Queres que eu me va embora e va buscar a Herdeira? disse Catherine. - Nao vale a pena ela ficar a pensar que tivemos uma discussao sobre de quem e o dia, ou entao que nos dedicamos solitariamente a bebida.

- Nao precisas de a ir buscar

- Mas gostaria de o fazer. Ela tomou conta de ti hoje, eu nao. Olha, David, ainda nao sou uma cabra. So me comporto e falo como tal.

Enquanto David esperava por Catherine, bebeu outro copo de champanhe e leu a edicao parisiense do New York Heraki que ela tinha deixado sobre o balcao. Beber sozinho nao tinha o mesmo sabor e foi a cozinha buscar uma rolha para tapar a garrafa antes de a meter no frigorifico. Mas a garrafa nao lhe pareceu pesada e, examinando-a contra a luz, viu que tinha pouco vinho e, assim, bebeu o resto e deixou a garrafa vazia no chao de tijoleira. Mesmo quando bebeu rapidamente nao lhe fez qualquer efeito.

Gracas a Deus que tinha conseguido escrever as historias. O que tornara bom o ultimo livro tinham sido as pessoas la presentes, e o rigor dos pormenores e que o tinha tornado plausivel. Na verdade, so precisava de se lembrar com exactidao e a forma aparecia. Depois, claro, ele fecha-la-ia como o diafragma de uma maquina fotografica e intensificava-a para que ficasse concentrada ao ponto onde o calor apertava e o fumo começava a aparecer. Sabia que agora estava a consegui-lo.

Aquilo que Catherine dissera sobre as historias quando tentara magoa-lo fizera-o pensar no pai e em todas as coisas que tentara fazer em relacao a ele. «Agora», disse para si proprio, «tens que fazer um esforco para crescer de novo e enfrentar o que tens a enfrentar sem te mostrares irritavel ou te sentires magoado por alguem nao ter entendido nem apreciado o que escreveste. Ela cada vez entende menos. Mas trabalhaste bem e nada te pode afectar enquanto conseguires trabalhar. Tenta esquece-la e esquecer-te. Amanha tens de rever a historia e torna-la perfeita.»

Mas David nao queria pensar na historia. Importava-lhe a escrita mais do que tudo o resto e importavam-lhe muitas outras coisas, mas sabia que quando estava a fazer aquilo nao se devia preocupar nem mexer muito, como se se tratasse de abrir a porta de uma camara escura para revelar um negativo. «Deixa isso», disse para consigo. «Es um palerma e sabe-lo.»

Os seus pensamentos voltaram-se para as duas raparigas e ele perguntou-se se deveria ir ter com elas e perguntar-lhes o que queriam fazer ou se queriam ir nadar. Afinal, era o dia de Marita e ela podia estar a espera. Talvez ainda se salvasse alguma coisa do dia. Devia ir ter com elas e perguntar o que queriam fazer. «Entao, vai», disse para consigo. «Nao fiques ai a pensar. Vai a procura delas.»

A porta do quarto de Marita estava fechada e ele bateu. Estavam a falar e, quando se ouviu a pancada, a conversa parou.

- Quem e? - perguntou Marita. Ouviu Catherine rir-se e dizer:

- Entre, quem quer que seja. Ouviu Marita dizer algo a Catherine e depois esta disse:

- Entra, David. Abriu a porta. Estavam em cima da cama, estendidas lado a lado, com o lençol puxado até ao queixo.

- Entra, David - disse Catherine. - Temos estado a tua espera.

David olhou para elas, para a rapariga morena e seria e para a loira risonha. Marita olhou para ele, tentando dizer-lhe alguma coisa. Catherine ria-se.

- Não queres vir para aqui, também, David?

- Vim saber se querem ir nadar - disse David.

- Eu não quero - disse Catherine. - A Herdeira estava a dormir e eu meti-me na cama com ela. Foi muito boa e pediu-me para sair. Ela não te é infiel nem um bocadinho, David. Mas não queres entrar para então te sermos as duas fieis?

- Não - disse David.

- Por favor, David - disse Catherine. - Esta um dia tão bonito.

- Queres ir nadar? - perguntou David a Marita.

- Gostava muito - disse a rapariga, por cima do lençol.

- Vocês são dois puritanos - disse Catherine. - Por favor, sejam ambos razoáveis e tu vem para a cama, David.

- Quero ir nadar - disse Marita. - Por favor, sai, David.

- Por que razão ele não te pode ver? - perguntou Catherine.

- Ve-te sempre na praia.

- Ele ve-me lá - disse Marita. - Por favor, sai, David. David saiu e fechou a porta sem olhar para trás, ouvindo Marita falar em voz baixa com Catherine e depois o riso desta. Atravessou o patio até a frente do hotel e pos-se a olhar para o mar. Corria uma leve brisa e ficou a ver três barcos de guerra e um cruzador, claramente desenhados contra o mar azul. Estavam muito longe e David ficou a vê-los até as raparigas se aproximarem.

- Por favor, não estejas zangado - disse Catherine. Estavam vestidas para a praia e Catherine pousou um saco com as toalhas e os roupões sobre uma cadeira de ferro.

- Também vais nadar? - perguntou-lhe David.



- Se nao estiveres zangado comigo. David nao disse nada e ficou a ver os navios mudarem de rumo e outro barco de guerra sair da linha, comecando a deitar fumo.

- Foi so uma brincadeira - disse Catherine. - Tu e eu temos tido umas brincadeiras tao rudes.

- Que estao eles a fazer, David? - perguntou Marita.

- Manobras anti-submarinos, suponho - respondeu ele. Talvez haja submarinos a trabalhar com eles. Provavelmente sao de Toulon.

- Estavam em Sainte-Maxime ou Saint-Raphael - disse Catherine. - Vi-os noutro dia.

- Agora nao se veem com a cortina de fumo - disse David.

- Deve haver outros navios que nao conseguimos ver.

- Ai estao os avioes - disse Marita. - Nao sao maravilhosos?

Eram hidroavioes muito pequenos e tres deles andavam as voltas a baixa altitude, sobre a agua.

- Quando aqui estivemos no comeco do Verao, andavam em manobras de guerra em Porquerolles e foi formidavel - disse Catherine. - Ate as janelas abanaram. Tambem vao usar agora bombas de profundidade, David?

- Nao sei. Se estao a trabalhar com submarinos a serio, acho que nao.

- Tambem posso ir nadar, nao posso, David? - perguntou Catherine.

- Vou-me embora e depois voces ja podem nadar a vontade. Perguntei-te se querias ir nadar - disse David.

- E verdade - disse Catherine. - Perguntaste. Entao, vamos e sejamos todos amigos e felizes. Se os avioes se aproximarem poderao ver-nos na praia e isso anima-los-a.

Os avioes aproximaram-se enquanto David e Marita nadavam e Catherine se bronzeava. Passaram rapidamente, tres esquadrilhas de tres, com os motores ruidosos, e afastaram-se em direccao a Sainte-Maxime.

David e Marita sairam da agua e sentaram-se na areia ao lado de Catherine.

- Nem sequer olharam para mim - disse Catherine. Devem ser rapazes muito serios.

- Que esperavas? Fotografias aereas? - perguntou-lhe David. Marita falara muito pouco desde que tinham saído do hotel e nao respondeu a isto.

- Era muito engraçado quando David vivia comigo - disse-lhe Catherine. - Lembro-me de quando gostava das mesmas coisas que o David. Deves tentar

tambem gostar das mesmas coisas que ele, Herdeira. Isto e, se e que ele ainda gosta de algumas.

- Gostas, David? - perguntou Marita.

- Ele trocou tudo o que tinha naquelas historias - disse Catherine. - Tinha tanta coisa. Espero sinceramente que gastes de historias, Herdeira.

- Gosto - disse Marita. Nao olhou para David mas ele viu o seu rosto sereno, o cabelo molhado do mar e a pele macia e o corpo maravilhoso.

- Ainda bem - disse Catherine, preguiçosamente, inspirando com forca, enquanto se estendia sobre o roupao de turco, na areia ainda quente do sol. - Porque e o que vais ter. Ele costuma fazer tantas coisas e fazia-as tao bem. Tinha uma vida maravilhosa e agora so pensa na Africa e no bebedo do pai e nos recortes de imprensa. Os seus recortes. Ele ja tos mostrou, Herdeira?

- Nao, Catherine - disse Marita.

- Vai mostrar - disse Catherine. - Tentou mostrar-mos uma vez em Le Grau du Roi, mas fi-lo parar logo com isso. Havia centenas deles e quase todos traziam a mesma fotografia. E pior do que andar com postais obscenos. Acho que os le sozinho e me e infiel com eles. Num cesto de papeis. Ele proprio disse que era a coisa mais importante que um escritor...

- Vamos nadar, Catherine - disse Marita. - Acho que esta a ficar frio.

- Estava a dizer que o cesto de papeis e a coisa mais importante para um escritor - disse Catherine. - Ate cheguei a pensar em lhe arranjar um bem bonito que fosse digno dele. Mas ele nunca poe nada do que escreve no cesto dos papeis. Escreve naqueles ridiculos cadernos de crianca e nao deita nada fora. Tudo isto e uma fraude. Ele da erros ortograficos e tambem de gramatica. Sabias que ele nao sabe gramatica, Marita?

- Pobre David - disse Marita.

- Claro que o frances dele ainda e pior - continuou Catherine. - Nunca o viste escrever. Na conversacao ainda disfarca e e engraçado com o calao. Mas, na verdade, ele e ignorante.

- Que pena! - disse David.

- Eu achei que ele era maravilhoso - disse Catherine. - Ate que descobri que ele nao era capaz de escrever correctamente nem sequer um bilhete. Mas tu escreves por ele em frances.

- *Ta queule* - disse David, animadamente.

Ele e bom neste tipo de coisas - disse Catherine. - Pedacos de calao que provavelmente ate ja nem se usam. Fala um frances idiomático mas nao o sabe escrever. Ele e mesmo ignorante, Marita, tem de encarar isso. A caligrafia dele

tambem e horrivel. Nao sabe escrever como um cavalheiro, em nenhuma lingua. Principalmente na dele.

- Pobre David - disse Marita.

- Nao posso dizer que lhe dei os melhores anos da minha vida - continuou Catherine - porque so vivo com ele desde Marco, mas dei-lhe sem duvida os melhores meses da minha vida. Aqueles em que me diverti mais e ele tambem contribuiu para isso. Quem me dera que nao tivesse acabado numa desilusao completa. Mas que se ha-de fazer quando se descobre que o homem e ignorante e se dedica a pratica do vicio solitario num cesto de papeis cheio de recortes de uma coisa chamada The Original Romeika, sejam la quais forem? Qualquer rapariga se desencorajaria, e, francamente, nao vou aturar isso.

- Pega nos recortes e queima-os - disse David. - Ainda seria o mais sensato. Nao queres ir nadar, Demonio?

- Como sabes que o fiz? - perguntou.

- Fizeste o que?

- Queimei os recortes

- Queimaste, Catherine? - disse Marita.

- Claro que queimei - disse Catherine. David pos-se a olhar para ela; sentia-se completamente vazio. Era como ter dado uma curva numa estrada de montanha e depois a estrada desaparecer e so la estar um precipicio. Marita encontrava-se agora em pe. Catherine olhava para eles, com o rosto calmo.

- Vamos nadar - disse Marita. - Vamos ate alem e voltamos para tras.

- Ainda bem que finalmente es simpatica - disse Catherine. Estava com vontade de ir ha ja algum tempo. Esta a ficar frio. Esquecemo-nos que estamos em Setembro.

Vestiram-se na praia e subiram o caminho, com David a carregar o saco com as coisas, e dirigiram-se para o carro. Entraram e David conduziu ate ao hotel. Catherine ia muito calada e para alguem que passasse poderia estar de regresso de uma tarde passada nalguma das praias desertas de Esterel. Ja nao se viam os barcos de guerra quando estacionaram o carro, e o mar, para la dos Pinheiros, era azul e calmo. A tarde estava tao maravilhosa e clara como estivera a manha.

Entraram no hotel e David deixou o saco de praia no vestiario.

- Deixa-me leva-lo - disse Catherine. - preciso por as coisas a secar.

- Desculpa - disse David, dirigindo-se para o seu quarto de trabalho num dos extremos do hotel. La dentro, abriu a grande mala Vuitton. O monte de

cadernos onde escrevera a historia tinha desaparecido, tal como quatro grandes envelopes que continham os recortes da imprensa. O monte de cadernos onde escrevera a narrativa estava intacto. Fechou a mala e revistou todas as gavetas dos armarios e o quarto. Nao acreditava que as historias tivessem desaparecido. Nao acreditava que ela o pudesse fazer. Na praia pensara que sim, mas depois parecera-lhe impossivel e nao acreditara verdadeiramente. Tinham-se mostrado calmos, cuidadosos e contidos, como se estivessem treinados para enfrentar o perigo, mas nao parecia possivel que aquilo tivesse realmente acontecido.

Agora sabia que acontecera, mas tinha ainda a esperanca de que pudesse ser alguma brincadeira. E assim, com o coracao morto e vazio, voltou a abrir a mala e a procurar e depois disso revistou novamente o quarto. Agora nao havia perigo nem emergencia. So desastre. Mas nao podia ser. Ela devia te-los escondido algures. Podiam estar no vestiario, ou no quarto deles, ou ate no quarto de Marita. Nao podia te-los destruido. Nenhum ser humano seria capaz de fazer isso a outro ser humano. Ainda nao acreditava que ela o tivesse feito, mas sentia-se doente quando fechou a porta.

As duas raparigas estavam no bar quando David entrou. Mariita olhou para ele e viu logo como as coisas estavam e Catherine viu-o chegar pelo espelho. Nao olhou para ele, unicamente para o seu reflexo no espelho.

- Onde os puseste, Demonio? - perguntou David. Ela desviou os olhos do espelho e olhou para ele.

- Nao te digo - respondeu. - Tratei deles.

- Gostava que me disseses - insistiu David. - Preciso muito deles.

- Nao precisas nada - disse ela. - Nao valiam nada e eu detestava-os.

- Aquele sobre Kibo, nao - disse David. - Tu gostavas muito de Kibo. Nao te lembras?

- Tambem teve de ir. Eu ia guarda-lo mas nao o encontrei. De qualquer forma, tu disseste que ele tinha morrido.

David viu Marita olhar para ela e desviar o olhar. Depois, olhou novamente.

- Onde os queimaste, Catherine?

- Tambem nao te digo - respondeu Catherine. - Fazes parte da mesma coisa. - Queimaste-os juntamente com os recortes? - perguntou David.

- Nao te digo - disse Catherine. - Pareces um policia ou um professor.

- Diz-me, Demonio. So quero saber.

- Paguei-os - disse Catherine. - Paguei o dinheiro para os fazeres.

- Eu sei - disse David. - Foste muito generosa. Onde os queimaste, Demonio?

- Nao lhe digo a ela.

- Nao. So a mim.

- Diz-lhe para se ir embora.

- Tenho mesmo que ir - disse Marita. - Ate logo, Catherine.

- Optimo - disse Catherine. - A culpa nao foi tua, Herdeira.

David sentou-se no banco ao lado de Catherine e esta ficou a ver Marita pelo espelho.

- Onde os queimaste, Demonio? - perguntou David. Agora podes dizer-me.

- Ela nao entende - disse Catherine. - Por isso quis que se fosse embora.

- Eu sei - disse David. - Onde os queimaste, Demonio?

- No contentor de ferro com buracos que Madame utiliza para queimar o lixo - disse Catherine.

- Ardeu tudo?

- Sim. Deitei-lhe gasolina de um bidao na remise. Fez um grande fogo e ardeu tudo. Fi-lo por ti, David, e por todos nos.

- Claro que sim - disse David. - E ardeu tudo?

- Oh, sim. Podemos ir la para veres, se quiseses, mas nao e necessario. Os papeis arderam ate ficarem negros e mexi-os com um pau.

- Vou la fora dar uma vista de olhos - disse David.

- Mas voltas - disse Catherine.

- Claro - disse David. Os papeis tinham sido queimados no incinerador, que era um velho bidao de gasolina com buracos. O pau utilizado para desfazer as cinzas era um velho pau de vassoura inutilizada. O bidao encontrava-se no alpendre de pedra e continha querosene. La dentro viam-se alguns pedacos identificaveis das capas verdes dos cadernos e David encontrou bocados queimados de jornais e dois pedacos de papel cor-de-rosa que identificou como o utilizado pelo servico de recortes Romeike. As cinzas tinham sido bem remexidas, mas teria sem duvida encontrado mais material por queimar se se tivesse dado ao trabalho de procurar com cuidado. Rasgou o papel cor-de-rosa, que dizia «Providence, RI», e deitou os pedacos dentro do velho bidao de gasolina. Ocorreu-lhe que nunca tinha estado em Providence, Rhode Island, e, ao repor o pau de vassoura no alpendre de pedra, reparou na presenca da sua bicicleta de corrida, cujos pneus precisavam de ar, e entrou na cozinha do hotel,

que estava vazia, dirigindo-se para o salão, onde se reuniu a sua mulher, Catherine, que estava no bar.

- Não foi como eu disse? - perguntou Catherine.

- Sim - disse David, sentando-se num dos bancos e colocando os cotovelos sobre o balcão.

- Provavelmente teria sido suficiente queimar os recortes - disse Catherine - mas pensei que devia fazer uma limpeza.

- Lá isso, fizeste - disse David.

- Agora já podes continuar com a narrativa e não haverá interrupções. Podes começar amanhã de manhã.

- Claro - disse David.

- Ainda bem que estas a ser razoável - disse Catherine. Nem calculas como aquilo não prestava. Tive de te mostrar.

- Não podias ter guardado aquele texto sobre o Kibo, de que gostavas? Já te disse que o procurei. Mas se o quiseres reescrever, eu digo-te palavra a palavra.

- Será divertido.

- Pois será. Vais ver. Queres que te dite agora?

- Não - disse David. - Agora, não. És capaz de o escrever?

- Não sei escrever coisas, David, sabes isso muito bem. Mas posso ditar-te quando quiseres. Não te importas com os outros, pois não? Não valiam nada.

- Por que razão o fizeste?

- Para te ajudar. Podes ir a África e escreve-los de novo quando os teus pontos de vista tiverem amadurecido. O país não deve ter mudado muito. Acho que seria mais agradável se escrevesse sobre a Espanha. Disseste que é parecida com África e aí terias a vantagem de uma língua civilizada.

David serviu-se de um uísque a que juntou um pouco de Perrier. Lembrou-se do dia em que tinham passado pelo local onde era engarrafada a água Perrier, a caminho de Aigues Mortes, e de como...

- Não vamos falar de escrita - disse ele para Catherine.

- Mas eu gostava - disse Catherine. - Gosto quando é construtivo e tem um objectivo válido. Sempre escreveste tão bem até teres começado com essas histórias. O pior era o lixo e as moscas e a crueldade e a bestialidade. Parecias rebolar-te nisso. E aquela horrível sobre o massacre na cratera e a crueldade do teu pai?

- Podemos não falar nisso? - perguntou David.

- Quero falar nisso - disse Catherine. - Quero que entendas a razão por que foi necessário queima-las.

- Entao, escreve - disse David. - Agora preferia nao ouvir nada.

- Mas nao sei escrever coisas, David.

- Aprendes - disse David.

- Nao. Mas dito-as a alguem que as saiba escrever - disse Catherine. - Se fosses meu amigo, escreve-las-ias tu. Se me amasses, ate sentirias prazer em faze-lo.

- O que quero fazer e matar-te - disse David. - E a unica razao por que nao o faco e porque es maluca.

- Nao me podes falar assim, David.

- Nao?

- Nao, nao podes. Estas a ouvir?

- Ouco.

- Entao ouve eu dizer-te que nao podes dizer essas coisas. Nao me podes dizer essas coisas horriveis.

- Ouvi-te - disse David.

- Nao podes dize-las. Nao admito. Divorcio-me de ti.

- Isso seria bem-vindo.

- Entao continuo casada contigo e nunca te darei o divorcio.

- Havia de ser bonito.

- Faco contigo o que me apetecer.

- E o que tens feito,

- Mato-te. Estou-me nas tintas - disse David. Nem sequer es capaz de falar como um cavalheiro numa altura destas.

- Que diria um cavalheiro numa altura destas?

- Pedia desculpa.

- Esta bem - disse David. - Desculpa. Lamento ter-te conhecido. Lamento ter casado contigo...

- Eu tambem.

- Cala-te, por favor. Podes dize-lo a alguem que seja capaz de o escrever. Lamento que a tua mae tenha conhecido o teu pai e que te tenham concebido. Lamento que tenhas nascido e crescido. Lamento tudo o que fizemos, bom ou mau.

- Nao lamentas.

- Nao - disse ele. - Vou-me calar. Nao tencionava fazer um discurso.

- Estas e com pena de ti proprio.

- E possivel - disse David. - Mas, merda, Demonio, por que havias de ter queimado as historias?

- Tive de o fazer, David - disse ela. - Lamento que nao compreendas.

Na verdade, ele compreendera ate antes de a ter interrogado e a pergunta fora meramente retorica. Nao gostava de retorica e desconfiava daqueles que a utilizavam e sentia-se envergonhado por ter caido nisso. Bebeu o uisque com Perrier, lentamente, enquanto pensava em como era falso que tudo o que era compreendido fosse perdoado, e cingiu-se a sua disciplina tao conscienciosamente como teria trabalhado nos velhos tempos com o mecanico e o armeiro a verificarem o aviao, a maquina e as armas.

Nessa altura nao fora necessario porque eles tinham realizado um trabalho perfeito, mas era uma forma de nao pensar e era ate reconfortante. Agora era necessario porque aquilo que dissera a Catherine sobre mata-la dissera-o a serio, e nao retoricamente. Sentia-se envergonhado com o discurso que se seguira a afirmacao. Mas nao podia fazer nada em relacao a afirmacao, que fora verdadeira, excepto apertar a disciplina de forma a nao perder autodomínio. Serviu-se de outro uisque com Perrier e ficou a ver as bolhinhas formarem-se e desaparecerem. «Raios a partam», pensou.

- Desculpa estar a ser casmurro - disse. - Claro que entendo.

- Estou tao contente, David - disse ela. - Vou-me embora de manha.

- Para onde?

- Para Hendaia e depois para Paris, a fim de falar com os artistas sobre o livro.

- A serio?

- Sim. Acho que devo faze-lo. ja perdemos muito tempo e hoje avancei tanto que quero manter o ritmo.

- Como vais?

- Levo o Bug.

- Nao devias conduzir sozinha.

- Mas quero.

- Nao devias, Demonio. Eu nao devia deixar-te.

- Posso ir de comboio? Ha um para Baiona. Posso alugar um carro la ou em Biarritz.

- Podemos falar nisso de manha.

- Quero falar agora.

- Nao devias ir, Demonio.

- Vou - disse ela. - Nao me vais impedir.

- So estou a pensar na melhor forma.

- Nao estas, nao. Estas a ver se me impedes.



- Se esperares, vamos juntos.

- Nao quero ir junta. Quero ir amanha e levar o Bug. Se nao concordares, vou de comboio. Nao me podes impedir de ir de comboio. Sou maior e, la por ser casada contigo, nao sou tua escrava. Vou e nao me impediras.

- E voltas?

- Tenciono voltar.

- Percebo.

- Nao percebes nada, mas tambem nao faz diferenca. Este e um projecto pensado e coordenado. Estas coisas nao se atiram assim... Para o cesto dos papeis - disse David e depois lembrou-se da disciplina e bebeu um trago de uisque com Perrier. - Vais visitar os teus advogados em Paris? - perguntou.

- Se tiver alguma coisa a tratar com eles, vou. Costumo avistar-me com eles. La porque nao tens advogados, nao quer dizer que os outros nao os tenham e nao os consultem. Queres que os meus advogados te tratem de alguma coisa?

- Nao - disse David. - Quero que se lixem.

- Tens muito dinheiro?

- Estou bem de dinheiro.

- A serio, David? Entao as historias nao valiam muito? Isso tem-me incomodado bastante e conheco as minhas responsabilidades. Vou ver o que tenho a fazer.

- Vais que?

- Ver o que tenho a fazer e faze-lo.

- E que tencionas fazer?

- Vou mandar determinar o seu valor e dar ordem ao meu banco para te pagar o dobro.

- Parece generoso - disse David. - Sempre foste generosa.

- Quero ser justa, David, e e possivel que elas tivessem maior valor financeiro que reconhecimento publico.

- Quem reconhece estas coisas?

- Ha pessoas que o fazem. Ha pessoas que reconhecem tudo.

- Que tipo de pessoas?

- Nao sei, David. Mas imagino, por exemplo, o editor da Atlantic Mont My, da Harper, da *Nouvelle Revue Franfaise*.

- Vou sair por um bocado - disse David. - Sentes-te bem?

- Exceptuando o facto de sentir que se calhar te fiz muito mal e que tenho de compor o que estraguei, sinto-me bem - disse Catherine. - Era uma das razoes por que ia a Paris. Nao quis dizer-te.

- Nao vamos discutir os danos - disse David. - Entao queres ir de comboio?

- Nao. Quero levar o Bug.

- Esta bem. Levas o Bug. Mas conduz com cuidado e nao vas pela montanha.

- Conduzo como me ensinaste e faco de conta que vais comigo e falo contigo e contas-me historias e invento historias sobre como te salvei a vida. Invento sempre essas. E contigo tudo parecera muito mais rapido e sem esforco e a velocidade nao o parecera. Vou divertir-me.

- Optimo - disse David. - Leva as coisas com calma. Dorme em Nimes a primeira noite, a nao ser que saias cedo. Conhecem-nos no Imperador.

- Pensei em ir ate Carcassona.

- Nao, Demonio, por favor.

- Talvez eu consiga sair cedo e chegar ate Carcassona. Iria por Arles e Mompellier e nao perderia tempo em Nimes.

- Se saires tarde, para em Nimes.

- Parece tao infantil - disse ela.

- Vou contigo - disse ele. - Devia ir.

- Nao, por favor. E importante que eu faca isto sozinha. A serio. Nao quero que vas comigo.

- Esta bem - disse ele. - Mas devia ir.

- Nao, por favor. Tens de confiar em mim, David. Vou conduzir com cuidado e parto ja.

- Nao podes, Demonio, agora escurece cedo.

- Nao te preocupes. Foste muito querido em me deixares ir disse Catherine. - Mas tambem sempre foste assim. Se fiz alguma coisa que nao devia, espero que me perdoes. Vou sentir muito a tua falta. ja a sinto. A proxima vez iremos juntos.

- Tiveste um dia muito movimentado - disse David. Estas cansada. Pelo menos deixa-me levar o Bugatti ate a cidade para fazer uma revisao.

Deteve-se a porta do quarto de Marita e perguntou:

- Queres ir dar um passeio?

- Sim - disse ela.

- Entao, vem.

David entrou no carro e Marita sentou-se ao seu lado. David levou-o ate um pedaco de estrada coberta por areia da praia e depois recuou, observando a relva a esquerda, a praia vazia e o mar

A direita e a estrada asfaltada a frente. Voltou a por o carro na estrada ate que avistou a ponte branca, aproximando-se rapidamente, e entao reduziu a velocidade enquanto calculava a distancia e premiu deliberadamente o travao. O carro nao ziguezagueou, mantendo-se firme. Antes da ponte parou o carro, meteu a mudanca e voltou a po-lo na estrada, subindo disciplinadamente a estrada numero seis, que conduzia a Cannes.

- Ela queimou-os todos - disse ele.

- Oh, David - disse Marita e seguiram para Cannes, onde as luzes ja estavam acesas.

David estacionou o carro sob as arvores em frente do cafe onde se tinham conhecido.

- Nao preferes ir a outro sitio? - perguntou Marita.

- Nao me importo - disse David. - Nao me faz diferenca nenhuma.

- Se queres continuar... - disse Marita.

- Nao. Prefiro refrescar-me - disse David. - So queria verificar se o carro estava em condicoes de ela o conduzir.

- Ela vai?

- Diz que sim. Estavam sentados a uma mesa no terraco, a sombra das arvores. O criado trouxe para Marita um Tio Pepe e para David um uisque com Perrier.

- Queres que va com ela? - perguntou Marita.

- Nao achas que lhe vai acontecer alguma coisa, pois nao?

- Nao, David. Acho que ela ja fez a si mesma mal que chegasse para uns tempos.

- Pode ser - disse David. - Queimou-me o raio dos papeis, excepto a narrativa. O texto sobre ela.

- E uma narrativa maravilhosa - disse Marita. Nao me lixes - disse David. - Escrevia-a e escrevi o que ela queimou. Nao me des a palha com que alimentam as tropas.

- Podes escrever novamente.

- Nao - disse David. - Quando esta bem, uma pessoa nao consegue lembrar-se. Cada vez que se le de novo, aparece como uma grande e incrivel surpresa. So se faz cada coisa uma vez. E so nos sao permitidas algumas na vida.

- Algumas que? - Algumas coisas boas.

- Mas consegues lembrar-te delas. Deves lembrar-te.

- Nem eu, nem tu, nem ninguém. Desapareceram. Depois de as ter capitado, desapareceram.

- Ela foi ma para ti.

- Não - disse David.

- Então o que?

- Apressada - disse David. - Tudo o que se passou hoje foi porque ela já estava apressada.

- Espero que sejas assim compreensivo comigo.

- Mantem-te por aqui e não me deixes mata-la. Sabes o que ela vai fazer, não sabes? Vai pagar-me as histórias para que eu não fique a perder.

- Não.

- Vai, sim. Vai fazer com que os advogados calculem o prejuízo, de alguma maneira fantástica, e depois vai pagar-me o dobro do preço avaliado.

- A sério, David? Ela não disse nada disso.

Disse sim. So falta acertar os pormenores e pagar o dobro. Torna-a generosa e dá-lhe prazer.

- Não podes deixá-la guiar sozinha, David.

- Eu sei.

- Que vais fazer?

- Não sei. Mas deixemo-nos ficar aqui mais um bocadinho disse David. - Agora, já não há pressa. Ela deve ter ido dormir. Eu também gostava de ir dormir, contigo, e acordar e encontrar aquele material todo e por-me novamente a trabalhar.

- Vamos dormir, e um dia, quando acordares, vais trabalhar tão bem como esta manhã.

- És uma joia - disse David. - Mas foste meter-te num sarilho quando apareceste aqui naquela noite, não foi?

- Não tentes por-me de lado - disse Marita. - Sei muito bem onde me meti.

- Claro - disse David. - Ambos sabemos. Queres outra bebida?

- Se tu tomares - disse Marita, e depois acrescentou: Quando vim, não sabia que ia haver uma batalha.

- Nem eu.

- Contigo, és mesmo só tu contra o tempo.

- Não o tempo que pertence a Catherine.

- So porque o tempo dela e diferente. Esta aterrorizada por ele. Disse-te esta noite que todo o dia, hoje, foi so pressa. Nao e verdade, mas compreendeste. E durante tanto tempo ganhaste ao tempo.

Muito mais tarde ele chamou o criado, pagou as bebidas, deixou uma gorjeta e tinha posto o carro a trabalhar e ligado os farois quando lhe veio a cabeça tudo o que tinha acontecido. Veio-lhe nitida e claramente, tal como olhara pela primeira vez para o incinerador e vira as cinzas mexidas por um pau de vassoura. Conduziu cuidadosamente com os farois a penetrarem na noite calma e vazia da cidade. Sentiu o ombro de Marita ao seu lado e ouviu-a dizer:

- Eu sei, David. Tambem me atingiu.
- Nao deixes que isso te aconteca.
- Ainda bem que aconteceu. Nao ha nada a fazer, mas fa-lo-emos.
- Optimo.
- Fa-lo-emos de verdade. Tol et moi.

No hotel, Madame apareceu, vinda da cozinha, quando David e Marita entraram no salao. Trazia uma carta na mao.

- Madame apanhou o comboio para Biarritz - disse ela. Deixou esta carta para Monsieur.

- Quando partiu? - perguntou David.

- Logo a seguir a Monsieur e Madame terem saído - respondeu Madame Aurol. - Mandou o rapaz a estacao comprar o bilhete e mandou reservar um wagon-lit.

David comecou a ler a carta.

- Querem comer? - perguntou Madame. - Galinha fria e salada? Uma omoleta para comecar. Tambem ha borrego, se Monsieur preferir. Que vai ele comer, Madame?

Marita e Madame Aurol conversaram enquanto David acabava de ler a carta. Meteu-a no bolso e olhou para Madame Aurol.

- Parecia normal quando saiu?

- Talvez nao, Monsieur.

- Ela volta - disse David.

- Sim, Monsieur.

- Tomaremos conta dela.

- Sim, Monsieur. Comecou a chorar enquanto virava a omoleta e David abraçou-a e beijou-a.

- Va conversar com Madame - disse ela - e deixe-me por a mesa. Aurol e o rapaz estao em Napoule a misturar belote com politica.

- Eu ponho a mesa - disse Marita. - David, por favor, abre a garrafa de vinho. Nao achas que deviamos beber Lanson?

Ele fechou a porta do frigorifico e, segurando a garrafa fria, retirou-lhe o selo e o fio e depois cuidadosamente rodou a rolha entre o polegar e o indicador, sentindo a capa de metal contra o dedo e a promessa redonda e fresca da garrafa. Retirou gentilmente a rolha e encheu tres copos. Madame afastou-se do forno e todos ergueram os copos. David nao sabia a que havia de beber, por isso disse as primeiras palavras que lhe vieram a cabeça e que foram: «A Nous et a la Liberté».

Todos beberam e Madame serviu a omoleta e beberam novamente sem fazerem nenhum brinde.

- Come, David, por favor - disse Marita.

- Esta bem - disse ele, bebendo algum vinho e comendo lentamente um pouco da omoleta.

- Come so um bocadinho - disse Marita. - Faz-te bem. Madame olhou para Marita e abanou a cabeça.

- Nao resolve nada nao comendo - disse-lhe Madame.

- Claro - respondeu David e comeu lentamente e bebeu o champanhe, que ganhava vida cada vez que ele enchia o copo. Onde deixou ela o carro? - perguntou ele.

- Na estacao - respondeu Madame. - O rapaz foi com ela e trouxe a chave. Esta no seu quarto.

- O wagon-lit ia cheio?

- Nao. Ele acompanhou-a la dentro. Levava poucos passageiros. Ela teve lugar.

- O comboio nao e mau - disse David.

- Coma um pouco de galinha - disse Madame - e beba mais um bocadinho de vinho. Abra outra garrafa. As suas mulheres estao cheias de sede.

- Eu nao tenho sede - disse Marita.

- Tem, sim - disse Madame. - Bebam e levem a garrafa. Conheco esse ai. Faz-lhe bem beber bom vinho.

- Nao quero beber de mais, chérie - disse David para Madame -, pois amanha vai ser um dia mau e eu nao quero sentir-me mal -

- Nao vai sentir-se. Sei bem. Coma la para me fazer a vontade. Ela desculpou-se por alguns minutos e desapareceu durante um quarto de hora.

David comeu a galinha toda e a salada e depois de ela ter regressado beberam juntos um copo de vinho e depois David e Marita disseram boa noite a Madame, que foi muito formal, e saíram para o terraco e admiraram a noite. Estavam ambos apressados e David levou uma garrafa de vinho e um balde de gelo. Pousou-a, tomou Marita nos braços e beijou-a. Ficaram abraçados sem nada dizer, e então David agarrou no balde de gelo e dirigiram-se para o quarto de Marita.

A cama tinha sido feita para duas pessoas e David pousou o balde de gelo no chão e disse:

- Madame.

- Sim - disse Marita. - Naturalmente.

Ficaram juntos e a noite cá fora estava fresca e corria uma brisa vinda do mar e Marita disse:

- Amo-te, David, e tenho tanta certeza, agora. «Certeza», pensou David. «Certeza. Nada é certo.»

- Antes - disse Marita -, antes de poder dormir toda a noite contigo, pensei e repensei que não gostarias do tipo de mulher que não consegue dormir.

- E que tipo de mulher és tu?

- Veras. Agora, sou uma mulher feliz. Depois, senti que levou muito tempo a adormecer, mas na verdade não levou, e quando acordou, com a primeira luz da manhã, viu Marita na cama, ao seu lado, e sentiu-se feliz, até que se lembrou do que tinha acontecido. Teve muito cuidado para não despertar, mas, quando ela se mexeu, beijou-a antes de sair da cama. Ela sorriu e disse:

- Bom dia, David.

Ele respondeu:

- Continua a dormir, meu querido amor.

Ela disse:

- Esta bem.

E voltou-se para o outro lado como um pequeno animal e, de cabeça morena, ficou enroscada com os olhos fechados, desviados da luz, e as pestanas pretas, compridas e brilhantes, contrastando com o tom rosado da pele.

David olhou para ela e pensou em como era bela e como se via bem que o espírito não lhe saía do corpo enquanto dormia. Era adorável e a cor, assim como o macio da pele, parecia de Java. Observou o colorido do rosto a acentuar-se à medida que a luz entrava no quarto. Depois, abanou a cabeça, e, levando a

roupa no braco, abriu e fechou a porta e saiu para a manha, descalco, pisando as pedras, que estavam ainda molhadas da humidade.

No quarto dele e de Catherine tomou um duche, barbeou-se, vestiu uma camisola lavada e calcoes e olhou a volta do quarto vazio. Era a primeira manha que la entrava sem encontrar Catherine e depois foi ate a cozinha e encontrou uma lata de Maquereau Vin Blaric Capitaine Cook, abriu-a e levou-a para o bar, juntamente com uma garrafa fria de Tuborg.

Abriu a cerveja, colocou a tampa entre o polegar direito e o indicador e curvou-a ate ficar direita e meteu-a no bolso, uma vez que nao havia qualquer recipiente para a colocar, ergueu a garrafa, que ainda estava fria, e, cheirando o aroma da lata de cavalas marinada e condimentada, bebeu um longo trago da cerveja, colocou-a sobre o balcao e do bolso retirou um envelope. Abriu a carta de Catherine e comecou a rele-la:

David, de repente percebi que devias saber como foi terrivel. Pior do que atropelar alguem, pior, e atropelar uma crianca.

O bater no carro, ou ate talvez uma pequena moosa, e depois tudo o resto a acontecer e a multidao aos gritos. A francesa a gritar e ecraseuse , mesmo tendo a culpa sido da crianca. Fui eu que o fiz e sei que o fiz e nao o posso desfazer. E terrivel de mais para compreender, mas aconteceu. Vou ser rapida. Voltarei e trataremos das coisas o melhor possivel. Nao te preocupes. Eu telegrafo e escrevo e farei tudo pelo meu livro, por isso se alguma vez o acabares eu so tentarei fazer isto, Tive de queimar as outras coisas. O pior foi estar certa quanto a isso, mas nao preciso de to dizer. Nao peço perdao, mas, por favor, tem boa sorte e farei tudo o melhor possivel. A Herdeira tem sido boa para ti e para mim e nao a odeio. Nao vou acabar como gostaria, pois poderia parecer ridiculo, mas vou dize-lo, de qualquer maneira, pois fui rude e ridicula ultimamente, como ambos sabemos, e amo-te e amar-te-ei sempre e lamento. Que palavra inutil.

Catherine

Depois de acabar, voltou a le-la. Nunca lera nenhuma outra carta de Catherine, porque, desde que se tinham encontrado no Hotel Crillon, em Paris, ate se casarem na igreja americana da Avenida Hoche, tinham-se visto todos os dias, e, ao ler esta primeira carta pela terceira vez, verificou que ainda se conseguia comover.



Guardou a carta no bolso e comeu outra cavala miniatura, ensopada no molho aromático de vinho branco, e acabou de beber a cerveja. Depois, foi a cozinha buscar outra garrafa de cerveja e pão para ensopar o molho da lata. Iria tentar trabalhar, mas quase de certeza que não conseguiria. Houvera demasiada emoção, demasiados danos, demasiado tudo, e a mudança de fidelidade; por muito sensata que parecesse, por muito que lhe pudesse simplificar as coisas, era uma coisa grave e violenta, e aquela carta era um exemplo vivo da gravidade e da violência.

«Esta bem, Bourne», pensou, enquanto bebia a segunda cerveja, «não percas muito tempo a pensar como as coisas estão mas, pois já sabes. Tens três hipóteses. Tenta lembrar-te do que desapareceu e escreve-lo de novo. Outra hipótese é escreveres uma nova, e a terceira é continuares com o raio da narrativa. Portanto, escolhe a melhor. Sempre arriscaste. “Nunca se aposta em nada que falhe”, disse o teu pai: “E tu disseste. Excepto tu próprio”. E ele disse: “Eu não, Davey, mas pensa nisso, meu estupor de coração de ferro”. Ele tinha querido dizer “coração frio”, mas gentilmente utilizara outra expressão. Ou talvez o tivesse dito. Não te encharques em cerveja Tuborg.

«Pega na melhor e escreve uma nova, o melhor que fores capaz. E lembra-te, que Marita foi tão afectada como tu. Talvez mais. Por isso, arrisca e joga. Ela da tanta importância como tu ao que perdemos.»

## LIVRO DEZ

Quando finalmente deu por finda a escrita nesse dia, era tarde. Comecara uma frase logo que entrara no quarto de trabalho e completara-a, mas depois disso nao conseguira escrever mais nada. Riscou-a e comecou outra frase e de novo se viu incapaz de continuar. Nao conseguia escrever a frase que se seguia, embora a soubesse- Escreveu novamente uma declarativa simples e foi-lhe impossivel colocar no papel a frase seguinte. Passadas duas horas continuava na mesma. Nao conseguia escrever mais do que uma simples frase, e as frases eram cada vez mais simples e completamente desinteressantes. Continuou a tentar durante horas, ate concluir que a decisao nada valia contra o que tinha acontecido. Admitiu isto sem aceitar, fechou o caderno com as linhas riscadas e foi ter com a rapariga.

Estava no terraco, ao sol, a ler, e quando olhou para ele disse:

- Nao?
- Pior que nao.
- Mesmo nada?
- Nada de nada.
- Vamos beber um copo - disse Marita.

- Vamos. Estavam dentro do bar e o dia chegara com eles. Estava tao bom como no dia anterior ou talvez melhor, uma vez que o Verao ja deveria ter ido embora e cada dia quente era uma coisa extra. «Nao devemos desperdica-lo», pensou David. «Devemos tentar aproveita-lo e viver o melhor que pudermos.» Misturou os Martinis e serviu-os e quando os provaram estavam gelados e secos.

- Fizeste bem em tentar esta manha - disse Marita. - Mas nao pensemos mais nisso.

- Esta bem - disse ele.

Agarrou na garrafa de Gordon, na de Noilly Prat e no misturador, escorreu a agua do gelo e, servindo-se do seu proprio copo, comecou a medir mais duas bebidas.

- O dia esta optimo - disse ele. - Que vamos fazer?
- Vamos nadar agora - disse Marita. - Para nao perdermos o dia.
- Optimo - disse David. - Comunico a Madame que viremos almoçar tarde?

- Ela arranhou um almoco frio - disse Marita. - Pensou que irias querer nadar, de qualquer maneira.

- Pensamento inteligente - disse David. - Como esta a Madame?

Tem um olho ligeiramente descolorido - disse Marita.

- Nao.

Marita riu-se. Subiram a estrada, contornando o promontorio atraves do pinhal, e deixaram o carro a sombra dos pinheiros, levando o cesto do almoco. Corria uma brisa ligeira vinda de leste e o mar estava escuro e azul. As rochas estavam vermelhas e a areia na cova era amarela, enrugada pela agua. Pousaram o cesto e a mochila a sombra da rocha maior e despediram-se e David subiu ao penhasco para mergulhar. Deixou-se ficar ali nu e bronzeado ao sol, olhando para o mar.

- Queres mergulhar? - gritou.

Ela abanou a cabeça.

- Espero por ti.

- Nao - gritou ela, entrando na agua.

- Como esta? - perguntou David.

- Mais fresca do que e costume. Quase fria.

- Optimo - disse ele e ela ficou a ve-lo e a agua dava-lhe pela barriga e tocava-lhe nos seios.

Ele endireitou-se, pos-se em bicos de pes, pareceu pairar e depois mergulhou a pique, provocando um borbulhar na agua. Ela nadou em direccao aquele circulo de agua e ele levantou-se junto dela, abraçou-a e depois colocou a sua boca salgada contra a dela.

- *Elle est bonne, la mer* - disse ele. - *Toi aussi*. Nadaram ate aguas profundas, deitaram-se de costas e flutuaram. A agua estava mais fria que o habitual mas a superficie estava mais quente e Marita flutuou arqueando as costas, a cabeça debaixo de agua, excepto o nariz e os seios bronzeados, a oscilarem delicadamente devido a ondulação. Tinha os olhos fechados por causa do sol e David encontrava-se a seu lado. Rodeou-lhe a cabeça com um braco e depois beijou o bico do seio esquerdo e em seguida o outro.

- Sabem a mar - disse.

- Vamos dormir aqui.

- Eras capaz?

- E muito dificil manter as costas arqueadas. Vamos nadar ate longe e depois voltar. Esta bem. Nadaram ate bem longe, ate onde nunca tinham ido

anteriormente, tao longe que ate avistaram terra e do outro lado a linha purpurea das montanhas, atras da floresta. Bolaram na agua e admiraram a costa. Depois, nadaram lentamente em direccao a praia. Pararam para descansar quando deixaram de ver as montanhas e novamente quando deixaram de ver terra e entao nadaram lentamente com bracadadas fortes ate chegarem a praia.

- Estas cansada? - perguntou David.
- Muito - respondeu Marita. - Nunca nadara ate tao longe.
- Ainda tens o coracao a bater?
- Estou optima.

David caminhou ate ao rochedo e trouxe uma das garrafas de Tavel e duas toalhas.

- Pareces uma foca - disse David, sentando-se na praia ao lado dela.

Passou-lhe o vinho e ela bebeu directamente da garrafa e depois passou-lha. Ele bebeu um trago e depois estendeu-se ao sol, com o cesto do almoco ao lado e o vinho fresco na garrafa, e Marita disse:

- Catherine nem sequer se teria cansado.
- O raio e que nao teria. Nunca nadou tao longe.
- A serio?
- Nadamos muito, rapariga. Nunca cheguei ao ponto de onde avistamos as montanhas.

- Esta bem - disse ela. - Nao ha nada que possamos fazer por ela, hoje, e nao vamos pensar nisso, esta bem, David?

- Sim.
- Ainda me amas?
- Sim. Muito.
- Talvez eu tenha cometido um grande erro contigo e tu agora estejas a ser simpatico para mim.
- Nao cometeste nenhum erro e nao estou a ser simpatico contigo.

Marita agarrou uma mao-cheia de rabanetes e comeu-os lentamente, enquanto bebia algum vinho. Os rabanetes eram tenros e saborosos.

- Nao tens que te preocupar com o trabalho - disse ela. Sei que tudo vai correr bem.

- Claro - disse David. Arrancou com o garfo um dos coracoes de alcachofra e comeu-o, ensopado no molho de mostarda que Madame preparara.

- Passas-me o vinho? - pediu Marita. Bebeu um bom bocado e pousou a garrafa ao lado de David, fincando a base na areia e encostando-a ao cesto. - Nao foi um optimo almoco o que Madame nos preparou, David?

- Optimo. Foi o Aurol quem lhe pos o olho negro?

- Nao foi a serio.

- Ela nao o trata la muito bem.

- Ha diferenca de idades e ele tinha o direito de lhe bater se ela o insultou.

Ela assim o disse. No fim. E mandou-te mensagens.

- Que mensagens?

- Mensagens de amor.

- Ela ama-te e a ti - disse David.

- Nao, estupido. O que ela esta e do meu lado.

- Ja nao existem lados - disse David.

- Nao - disse Marita. - E nao fizemos nada para haver lados. Aconteceu, simplesmente.

E aconteceu bem. David passou-lhe o frasco com as alcachofras e o molho e foi buscar a segunda garrafa de Tavel. Ainda estava fresca. Bebeu um longo trago.

- Fomos queimados - disse ele. - Aquela mulher maluca queimou os Bournes.

- Somos nos os Bournes?

- Claro. Somos os Bournes. Vai levar algum tempo a arranjar os papeis. Mas e isso que somos. Queres que escreva? Acho que podia escrever isso.

- Nao precisas de escrever.

- Escrevo na areia - disse David.

Dormiram bem durante a tarde e quando o Sol ja ia baixo Marita acordou e viu David deitado na cama a seu lado. Tinha os labios fechados e respirava muito lentamente e ela olhou para o rosto dele e para os olhos fechados, que so vira assim duas vezes, e observou-lhe o peito, o corpo e os bracos estendidos. Foi ate a porta do quarto de banho e viu-se ao espelho. Depois, sorriu. Quando ja estava vestida foi ate a cozinha conversar com Madame. Mais tarde, David ainda dormia e ela sentou-se na cama a seu lado.

Ao lusco-fusco o seu cabelo parecia branco contra o rosto moreno e ela ficou a espera que ele acordasse.

Estavam sentados no bar a beber Haig Pinch com Perrier. Marita bebia com muito cuidado.

- Acho que devias ir todos os dias a cidade sozinho buscar os jornais e tomar uma bebida. Devia haver um clube ou um cafe a serio onde te pudesses encontrar com os teus amigos.

- Nao ha.

- Bem, eu acho que te faria muito bem passares todos os dias um bocado longe de mim quando estas a escrever. Tens andado muito com raparigas. Vou fazer sempre com que tenhas amigos homens. Esse foi um dos grandes erros de Catherine.

- Nao foi de proposito e a culpa e minha.

- Talvez seja. Mas achas que teremos amigos? Bons amigos?

- Ja nos temos a nos.

- Mas teremos outros?

- Talvez.

- Afastar-te-ao de mim porque sabem mais do que eu?

- Nao saberao mais.

- Serao novos e cheios de ideias e cansar-te-as de mim?

- Nao serao e nao me cansarei de ti.

- Se isso acontecer, mato-os. Nao te vou oferecer a ninguem, como ela fez.

- Ainda bem.

- Quero que tenhas amigos homens e amigos da guerra, com quem vas a caca e jogues as cartas. Mas nao precisas de ter amigas mulheres, pois nao? Novas, que se apaixonarao por ti e te compreenderao e isso tudo.

- Nao ando por ai com mulheres. Sabe-lo bem.

- Ha muitas mulheres novas - disse Marita. - Aparecem mulheres novas todos os dias. Nunca se esta suficientemente prevenido. Tu, muito menos.

- Amo-te - disse David - e es tambem a minha socia. Mas tem calma. So quero que estejas comigo.

- Estou contigo.

- Eu sei e adoro olhar para ti e saber que aqui estas e que dormiremos juntos e seremos felizes.

No escuro, Marita estava deitada ao lado dele e ele sentiu os seios dela contra o seu peito e o braco dela rodeando-lhe a cabeca e a sua mao tocando-o e os seus labios contra os dele.

- Sou a tua rapariga - disse, no escuro. - A tua rapariga. Aconteca o que acontecer, serei sempre a tua rapariga, que te ama.

- Sim, meu querido amor. Dorme. Dorme. Dorme bem.

- Dorme tu primeiro - disse Marita. - Eu volto ja. Ele estava a dormir quando ela voltou e se meteu debaixo do lencol, a seu lado. Dormia sobre o lado direito e respirava calma e compassadamente.

David acordou com a primeira luz da manha. La fora ainda estava cinzento e os troncos dos pinheiros eram diferentes do que ele costumava ver e havia uma distancia mais profunda entre eles e o mar. Tinha o braco direito rigido, porque dormira sobre ele. Depois, esperto, viu que estava numa cama estranha e viu Marita a dormir ao seu lado. Lembrou-se de tudo e olhou-a amorosamente, cobrindo-lhe o corpo bronzeado com o lencol e beijando-a ao de leve. Vestiu o roupao e saiu para o ar humido da manha, levando consigo a imagem de como ela parecia no quarto. Tomou um duche frio, barbeou-se, vestiu uma camisa e uns calcoes e dirigiu-se ao quarto de trabalho. Deteve-se a porta do quarto de Marita e abriu-a cuidadosamente, Viu-a a dormir, fechou a porta e voltou ao quarto de trabalho. Tirou os lapis e um caderno novo, afiou os cinco lapis e comecou a escrever a historia do seu pai e do ataque no ano da rebeliao Maji-Maji que comecara com a passagem pelo lago. Fez a travessia e completou a terrivel viagem do primeiro dia, em que o nascer do Sol os apanhara com parte do que tinha de ser feito as escuras inacabada, e as miragens ja aconteceram a medida que o calor se ia tornando insuportavel.

Quando a manha ja ia alta e uma forte brisa, vinda do mar, soprava entre os pinheiros, ja ele tinha acabado a noite no primeiro acampamento, sob as figueiras, onde a agua caia da escarpa e saia do acampamento de manhazinha, subindo ao longo do caminho que dava para o desfiladeiro cortado na escarpa.

Descobriu que sabia muito mais do pai do que quando comecou para a escrever a historia e tambem sabia que podia medir os progressos pelas pequenas coisas que tornavam o pai mais palpavel e com uma dimensao diferente da que tivera na historia anterior. Era um felizardo por seu pai nao ser um homem simples.

David escrevia com firmeza e as frases que construira antes apareceram-lhe a frente inteiras e completas, e escreveu-as, corrigindo-as e cortando-as como se estivesse a fazer uma correcao de provas. Nao faltava nem uma frase e havia muitas que ele escrevia sem alterar, tal como lhe ocorriam. As duas horas ja corrigira e melhorara o que originalmente lhe levava cinco dias a escrever.



Escreveu durante mais um bocado e nao havia sinais de que algo pudesse deixar de lhe ocorrer intacto.

## NOTA DO EDITOR

Tal como aconteceu com a obra postuma de Hemingway, *Islands of Stream*, este romance não estava na sua forma definitiva quando da morte do autor.

Ao preparar o livro para publicação fizemos alguns pequenos cortes no manuscrito e procedemos a algum trabalho editorial de rotina. Para além de um insignificante número de interpolações para melhor compreensão e consistência, nada foi acrescentado. Em todos os seus aspectos significativos, esta obra é da responsabilidade do autor.

(fim do livro)



<http://groups.google.com/group/digitalsource>

[http://groups.google.com/group/Viciados\\_em\\_Livros](http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros)